



CRB

Quadro Programático da CRB 2010-2013

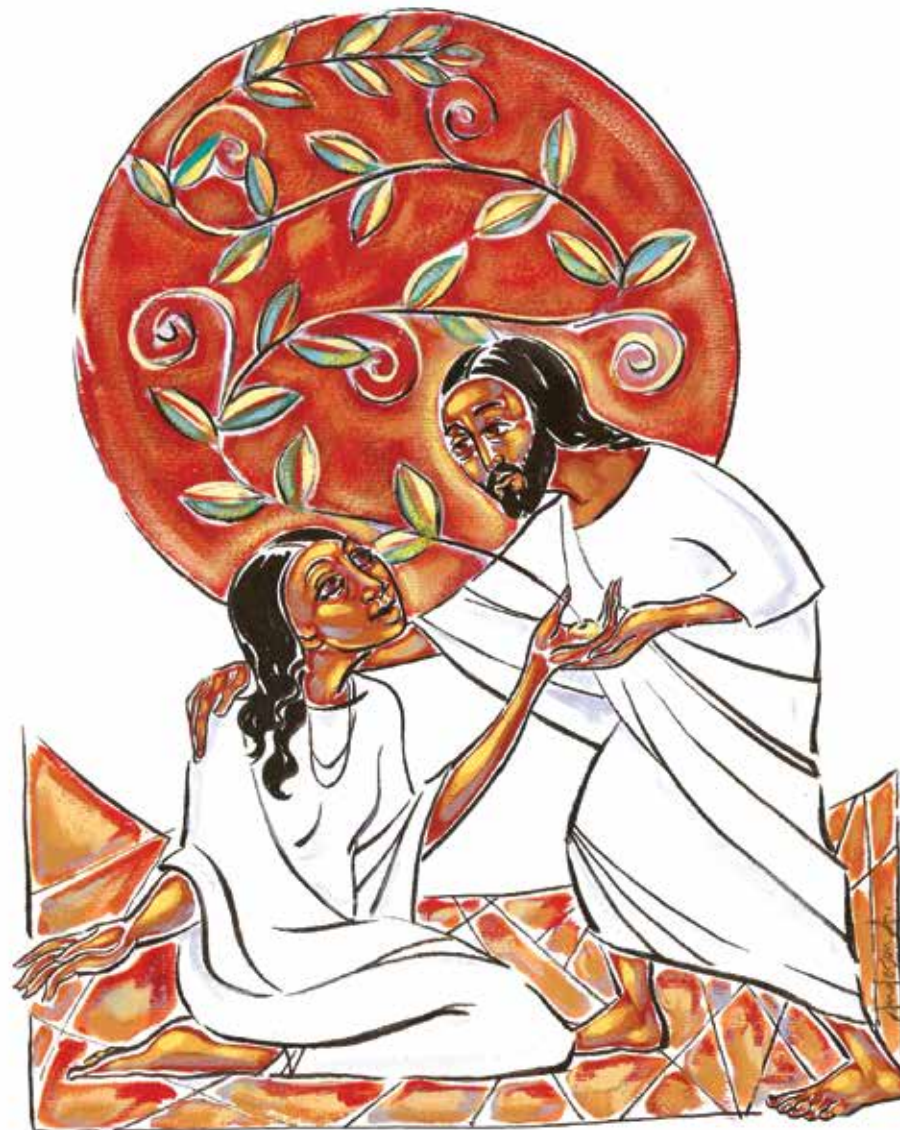
HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.

MAIO 2012 • XLVII • nº 451



CONVERGÊNCIA

- Entrevista com Dom Jaime Splenger
- Querer ver Jesus e deixar-se ver por Jesus
- Diferentes gerações na VRC: enfoque antropológico
- Autossuficiência humana e Providência Divina no SI 33

MAIO 2012 • XLVII • nº 451

CONVERGÊNCIA

Sumário

Editorial

Ver e ser visto por Jesus, na humildade e no serviço!..... 257

Informe

Do Vale do Javari ecoa um grito pela vida
EDINA MARGARIDA PITARELLI 260

Entrevista

Dom Jaime Spengler..... 273

Arte e Cultura

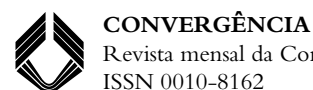
Filmes que vale a pena assistir
PLUTARCO ALMEIDA..... 278

Artigos

Querer ver Jesus e deixa-se ver por Jesus
JALDEMIR VITÓRIO..... 285

Diferentes gerações na VRC hoje: desafios e perspectivas
PAULO DULLIUS 305

“Para salvar, o cavalo é ilusão” (Sl 33,17a). Autossuficiência humana
e Providência Divina no Sl 33
RIVALDAVE PAZ TORQUATO 326



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitório, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:
Cirano Dias Pelin

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:
Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2012: Brasil: R\$ 89,00
Exterior: US\$ 89,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,90 ou US\$ 8,90



Publicações CRB Nacional 2012

Novas gerações:

tecendo relações, construindo caminhos

Textos para reflexão em grupos

Equipe de Reflexão Psicológica (ERP)

Assessoria de Juventudes da CRB

Vida Religiosa, a loucura que Deus escolheu para confundir o mundo

Texto-base do Seminário de Vida Religiosa
(Itaici, SP, 23 a 27 de fevereiro de 2012)

Equipe de Reflexão Bíblica (ERB)

Seminário de Vida Religiosa:

Leitura Orante da Palavra, Orações e Cantos

Equipe de Reflexão Bíblica (ERB) e Assessoria Executiva Nacional

Carisma, Instituição e Pessoa

Ir. Veronice Weber – CRB - ESTEF

Reuniões: como torná-las menos chatas e mais produtivas

Pe. Plutarco Almeida, sj

Já à venda nas Regionais CRB!

Pedidos a partir de 20 exemplares.

publicacoes@crbnacional.org.br

Ver e ser visto por Jesus, na humildade e no serviço!

257

EDITORIAL

Gente querida, consagrados e consagradas ao Senhor para serem sinais do amor de Deus no meio do povo, saudações fraternas!

Mais uma *Convergência* está chegando às suas mãos neste ano de 2012. A presente edição está cheia de textos densos, inteligentes, provocadores, querendo instigar mesmo as nossas Comunidades Religiosas e levá-las a refletir sobre aqueles pontos que a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), ao longo do período 2010-2013, deseja pôr em destaque.

Logo nas primeiras páginas trazemos um relato muito forte. Trata-se ao mesmo tempo de uma denúncia e de um apelo que nos chega da Amazônia, mais particularmente do chamado Vale do Javari, no Estado de Roraima. A Irmã Edina Margarida Pitarelli, missionária da Congregação Servas do Espírito Santo, trabalhou com os povos indígenas dessa região entre 2000 e 2007 e também na Coordenação Regional do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Norte I (AM/RR). A Irmã denuncia o descaso das autoridades diante da grave situação daqueles índios, de modo especial no que se refere à saúde. Segundo dossiê publicado pelo Centro de Trabalho Indigenista, somente em 2010 morreu um indígena a cada doze dias. O CIMI, aliás, tem declarado em vários dos seus documentos que os últimos governos foram péssimos para os povos indígenas.

Diante desse quadro, fica também para todos(as) nós, Religiosos(as), uma pergunta que é, ao mesmo tempo, um apelo também: o que estamos fazendo neste momento em

termos de solidariedade para com os povos indígenas? Tal situação de algum modo nos afeta ou ainda é, para nós, uma realidade distante?

A revista contempla seus leitores e suas leitoras com a palavra de Dom Jaime Spengler, bispo auxiliar de Porto Alegre e membro da Comissão para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada da CNBB. Ele foi entrevistado pela assessoria de imprensa da CRB durante o Seminário de Vida Religiosa Consagrada em Itaici no último mês de fevereiro.

O primeiro artigo da *Convergência* de maio traz-nos a reflexão do Padre Jaldemir Vitória, sj, um dos mais conhecidos e respeitados biblistas da atualidade, sobre o olhar de Jesus: “Querer ver Jesus e deixar-se ver por Jesus. Quem somos: Zaqueu ou Herodes?”. A partir do Evangelho de Lucas, Padre Vitória retoma aquele que é o horizonte do Plano Trienal 2010-2013 da CRB: em meio aos grandes desafios do mundo contemporâneo, avançar sempre mais, “de olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3).

Ao analisar diversos e ricos sentidos do verbo *ver* no texto lucano, o autor esclarece:

Existem pessoas que querem ver Jesus e pessoas que veem Jesus. Entretanto, não basta vê-lo. É preciso deixar-se ver por ele. Essa dinâmica de olhares tem como base uma relação estreita entre o Mestre de Nazaré e os que o rodeiam ou buscam, à espera de serem amados e curados por ele. A profundidade da relação determina os efeitos do olhar do Mestre. Relações superficiais geram olhar de curiosidade, sem que o olhar do Mestre tenha qualquer efeito transformador. Relações profundas, pelo contrário, permitem ao olhar do Mestre tocar o coração de quem é visto.

Na sequência, trazemos mais um texto refletido durante o V Congresso de Psicologia da CRB Nacional, evento que aconteceu em Brasília em outubro de 2011. Na edição de janeiro/fevereiro deste ano (n. 448), publicamos o artigo do Padre João Batista Libanio, sj, “Diferentes gerações na Vida Consagrada: desafios e perspectivas”, tema do Congresso. Agora é a vez do Irmão Paulo Dullius, membro da Equipe

de Reflexão Psicológica (ERP) da CRB Nacional, brindar nossos(as) leitores(as) com o texto da palestra proferida por ele: “Diferentes gerações na Vida Religiosa Consagrada hoje: desafios e perspectivas. Enfoque antropológico”. O autor propõe uma reflexão sobre o tema, mas sob o enfoque antropológico.

Tendo como linha orientadora de sua reflexão a análise da antropologia bíblica, da antropologia filosófica e da antropologia teológica, o Irmão Paulo examina os conflitos intergeracionais na Vida Religiosa Consagrada e propõe o que ele chama de “vigilância antropológica”, sugerindo que “os(as) Religiosos(as) poderiam estar entre aqueles vigilantes para assumir, garantir e expressar o humano amplo, e serem os mais humanos dos humanos”.

O terceiro e último artigo desta edição da *Convergência* foi escrito pelo Religioso Carmelita, Rivaldave Torquato, o nosso querido “Frei Riva”, jovem biblista, integrante da Equipe de Reflexão Bíblica (ERB) da CRB. Trata-se de uma interessante reflexão acerca do Sl 33(32) e discorre sobre a relação entre a autossuficiência humana e a Providência Divina. Nos tempos atuais, em que as pessoas, amparadas por uma infinidade de recursos tecnológicos, parecem estar convencidas de que não precisam tanto assim de Deus, o autor acredita que

Deus recria e o mundo renasce a cada amanhecer. Isso provoca, por um lado, dúvida, medo, até mesmo aversão, no homem autossuficiente, quando pensa que tem de acolher cada novo dia como uma dádiva de Deus e não de si próprio. Por outro lado, gera segurança e serenidade ao homem de fé, que se abandona à Providência Divina, seguro de que ela jamais falha (cf. Mt 6,25-34).

Então, só nos resta desejar a vocês uma ótima leitura, agradecendo sempre mais por esta acolhida generosa que a revista *Convergência* encontra todos os meses em suas casas e, sobretudo, em seus corações!

PADRE PLUTARCO ALMEIDA, SJ

Do Vale do Javari ecoa um grito pela vida

EDINA MARGARIDA PITARELLI, SSPS*

Por volta das dez horas da noite se ouvia uma cantoria alegre e ritmada que envolvia toda a aldeia. Era o ritual da pescaria tradicional Kanamari (hai-hai). No dia seguinte, os homens e jovens deixaram a aldeia muito cedo e partiram, com seus instrumentos de pesca, para um lago não muito distante. Pouco depois os olhares das mulheres se voltaram para a direção do lago. Num repente, a cantoria é retomada. Ecoa a alegria e a gratidão pelas dádivas da natureza e do criador, os pescadores retornam com os cestos e jamaixins cheios. As mulheres caminham cantando na direção da praia. A grande quantidade de peixes e outros animais é deixada diante das mulheres que pediram a bênção para a pescaria para ser repartida entre elas. Cada qual segue para sua oca com largos sorrisos, carregando o alimento que a mãe Natureza concedeu como presente.

Esse ritual, parte da cultura do povo Kanamari da Terra Indígena Vale do Javari, está sendo retomado nos festivos que eles realizam como forma de superar a tristeza e o sofrimento causados pelas constantes mortes¹ entre as populações daquela Terra Indígena. Os óbitos têm ocorrido, geralmente, por causa das hepatites, que assolam, já há mais de vinte anos, não só os Kanamari, mas também os Marubos, Matsés, Matis e Kulina que habitam a Terra Indígena.

Não escapam da trágica contaminação também os Korubo, recém-contatados pela Fundação Nacional do Índio (Funai). E é temeroso o destino de outros cerca de doze grupos de povos, sem contato, que estão espalhados pela

* **Irmã Edina Margarida Pitarelli** é missionária Serva do Espírito Santo. Trabalhou de 2000 a 2007 com os povos indígenas Wapichana e Macuxi, em Roraima, e integra a Coordenação Regional do CIMI Norte I (AM/RR). **E-mail:** edinapitarelli@hotmail.com.

1. Segundo dossiê publicado pelo Centro de Trabalho Indigenista em 2010, morreu um indígena a cada doze dias.

Terra Indígena, alguns muito próximos aos Kanamari, que já perderam mais de quinze por cento de sua população.

Nestas poucas linhas é possível sentir o quanto as doenças vêm interferindo na cultura e no ritmo de vida desses povos. Os rituais, parte da vida e da relação com o sagrado, com a natureza e entre eles, passam a ser encenados e vivenciados para que eles não percam a memória. Kurá Kanamari abre o evento dizendo: “Fazemos o festival para não só ficar chorando, na solidão” – é uma forma de superar as tristezas e encontrar forças para seguir o curso de suas vidas. Outro líder Marubo dizia que, ao chorar os mortos, deixava-se de fazer o roçado, de plantar, de fazer as festas, rituais etc.

Em julho de 2007, recém-chegada à coordenação regional do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), durante uma audiência pública com o Ministério Público Federal, lideranças imploravam por atendimento em suas aldeias. Elas também denunciavam os desvios de verbas, aquisição de equipamentos para o atendimento de saúde e as escolas, que só existiam no papel, pois jamais haviam visto os barcos e equipamentos, e as escolas não haviam sido construídas.

Os responsáveis pela saúde indígena e pela educação do município disputavam poderes durante a audiência. Foi quando uma das lideranças, indignada com o descaso do poder público e o sofrimento de seu povo, deixou a lança que tinha em mãos encostada em uma mesa e se aproximou do coordenador da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) de Manaus, o qual discursava os “feitos” (não feitos). Levava em sua mão, unicamente, a foto recortada de um jornal que propagava a compra de um barco equipado com laboratório e geladeira para conservar vacinas que os indígenas jamais viram. O líder não hesitou em chamar o gestor da Funasa de mentiroso, tocou o rosto e o peito do coordenador, que teve de deixar o recinto da audiência passando mal depois do confronto. Dias depois, esse coordenador foi preso pela Polícia Federal, acusado de formação de quadrilha e corrupção ativa.

A Terra Indígena do Vale do Javari fica localizada no extremo oeste do estado do Amazonas, na fronteira com o

Peru e na divisa com o estado do Acre, e abrange três municípios daquela parte da Amazônia: Atalaia do Norte – onde fica localizada a maior porção da Terra Indígena, São Paulo de Olivença e Benjamin Constant. É distante de Manaus – a capital do Amazonas – cerca de 1.300 quilômetros em linha reta. Por via fluvial, são mais de 1.600 quilômetros – uma viagem que dura, em média, oito dias.

Com 8,5 milhões de hectares, é a segunda maior Terra Indígena de todo o Brasil. Ali vivem os povos Marubo, Matís, Matsés, Kanamari, Kulina e Tsohom-Djapá, além dos Korubo – que é um povo recém-contatado, e outros povos sem contato algum com a sociedade envolvente.

A paisagem muda de acordo com o regime das águas. Entre os meses de dezembro e abril, as chuvas favorecem a navegação, permitindo aos indígenas maior mobilidade pelos rios, igarapés, furos e outros caminhos que a natureza traçou ao longo dos anos. De maio a novembro, as dificuldades aumentam. As comunidades mais distantes, localizadas principalmente nas cabeceiras dos rios, chegam a ficar inacessíveis por meio fluvial. É preciso, muitas vezes, mais de quinze dias para chegar a elas, enfrentando cursos d'água no leito muito baixos e troncos de árvores e paus que se tornam obstáculos difíceis de superar.

Kurá Kanamari, um jovem líder indígena da localidade, relata as dificuldades encontradas pelos indígenas:

Com sete sub-regiões, a mais perto é a do médio rio Javari. As mais distantes estão nas cabeceiras dos rios. E a mais longe fica a sete ou dez dias de “pec-pec” ou barco grande. De voadeira, você tem dois dias, com motor de 200 Hp. Nessa época de seca é muito difícil você chegar lá, de remover o paciente. Agora mesmo veio a óbito uma criança por falta de uma logística que até hoje não se pensou em fazer. Quer dizer: hoje existe muita dificuldade para chegar naquelas comunidades distantes. É distante, época de verão é difícil, muito pau e o rio tá seco. Então, essas são as dificuldades também dessa geografia da Terra Indígena Vale do Javari, de chegar pessoalmente. Algumas comunidades têm pista de pouso de avião, como Maronal, como Alto Ituí.

A homologação da Terra Indígena aconteceu em 2001, depois de vinte anos de lutas intensas por parte dos indígenas, com apoio de várias entidades, entre as quais o CIMI. Entre as estratégias adotadas pelos indígenas, foi realizada uma campanha para conseguir apoio para a demarcação.

Em 1995, políticos e empresários da região, sobretudo madeireiros, intensificaram ações contra a demarcação. Os indígenas eram ameaçados e perseguidos, e os mentores das ações procuravam incitar o ódio da população contra os povos indígenas. Os jornais da época relatam que a sede do Conselho Indígena do Vale do Javari (Civaja), fundado em 1991, foi ameaçada de incêndio (*A Crítica*, 16 jun. 1995).

Em dezembro de 1998, o Ministério da Justiça deu como declarada a Terra Indígena (TI) Vale do Javari. Apesar desses avanços, alguns problemas permaneceram e o Governo Federal fechou os olhos para o que ali acontecia.

Madeireiros e pescadores continuam invadindo a área. Navegando pelo rio Javari, que é o limite natural da fronteira entre Brasil e Peru, é possível perceber algumas marcas da destruição financiada pelos madeireiros: nas margens dos rios, a vegetação é formada basicamente por árvores de pequeno porte. À medida que adentramos a Terra Indígena, a floresta se agiganta e é possível ver árvores muito altas, revelando que aquela parte do território ainda está intacta. Intacta, porém ameaçada.

Sobre a mesa do coordenador local da Funai avolumam-se denúncias feitas pelos indígenas dando conta dos casos de invasão. No entanto, o órgão nada tem feito, segundo os próprios indígenas. A alegação é sempre a mesma: “Brasília não liberou recursos para fiscalização”.

Tomando ciência da situação e somando forças com um corajoso Irmão Marista que tinha tomado a decisão de morar entre os Marubos, o CIMI, com apoio do bispo da Diocese de Alto Solimões, partiu em busca de recursos para manter uma equipe no Vale do Javari, conforme solicitação das lideranças indígenas. A luta para encontrar recursos

durou três anos e no início de 2011 foi possível constituir uma equipe com duas leigas e um leigo para atender os Kanamari. Mas permanecia o desafio do Irmão Marista sozinho em uma área de tão difícil acesso.

A equipe aguardou por mais de oito meses a permissão da Funai para entrar na área. E só entrou, depois de longa e difícil gestação, porque as lideranças indígenas romperam o cerco da Funai e forçaram o parto, levando a equipe para junto de suas comunidades.

Deparando com a dura realidade e chocados com a situação vivenciada pelos Kanamari, a equipe relatou: a maioria dos professores ministra aulas sem ao menos saber ler e escrever, pois falta-lhes formação; os agentes de saúde, sem preparo e sem saber ler e interpretar as bulas de medicamentos, pela dificuldade da linguagem (pouco contato com o português), ministram altas doses de antibióticos em recém-nascidos; as equipes técnicas do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) do Vale do Javari, incompletas, sem conhecimento da especificidade dos povos indígenas, sem preparo para aquela realidade, com até três meses de atraso de salário, têm ficado um bom tempo ausentes das comunidades; as remoções chegam, muitas vezes, com atraso para atender os pacientes, que, por vezes, já não têm mais vida ou morrem pelo caminho; gestantes são tiradas de seu ambiente cultural e levadas para ter seus bebês, para imunização das crianças, na cidade, que não tem o mínimo de infraestrutura para recebê-las; grande é o número de órfãos, entre outros absurdos, por causa da ausência e ineficiência do Estado.

Descaso apenas ou ação deliberada?

A Funasa levou dois anos para fazer o exame sorológico da maioria da população e, nos quase cinco anos subsequentes, ainda não concluiu, nos pacientes portadores dos vírus, os exames complementares para o tratamento necessário. Esse levantamento, terminado em 2007 pela Fundação Tropical de Saúde, em Manaus, apontou que 85,5% da população era portadora de um ou mais vírus da hepatite.

Essa doença apareceu no início da década de 1980. Primeiramente, como uma doença desconhecida que matava os doentes de forma fulminante. Depois, os profissionais da saúde que atendiam os indígenas descobriram que se tratava mesmo de hepatites, de vários sorotipos, que se agravavam com o alto índice de contaminação por malária – doença que é endêmica em várias partes da Amazônia.

As autoridades sanitárias do estado do Amazonas e dos órgãos governamentais que atendem os indígenas, como o Ministério da Saúde, a Funasa e, agora, a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), já sabem da gravidade da situação há muito tempo. Mesmo assim, não tomam as providências necessárias. Pior ainda: muitas mortes acontecem também por causa da corrupção, que já até levou ex-gestores da Funasa para a cadeia, penalização que não resolveu o problema.

Isso nos coloca diante da seguinte questão: o Governo Federal e as autoridades sanitárias querem resolver o problema? Ou será que estão literalmente querendo matar os indígenas pelas doenças e pelo cansaço?

Essa última questão remete-nos a várias outras. Primeiro, porque os indígenas denunciam todos os problemas que surgem a cada óbito acontecido, mas essas denúncias acabam caindo no esquecimento – das autoridades, claro. O Ministério Público Federal já não tem meios de requisitar providências efetivas. A situação chegou a tal ponto que, em 2010, a então coordenadora da Sexta Câmara do Ministério Público, Débora Duprat – hoje subprocuradora-geral da República – admitiu para as lideranças indígenas do Vale do Javari que estava de mãos atadas e nada mais podia fazer, em vista de tantas denúncias e tanto descaso por parte do Governo Federal.

Outra pergunta que nos instiga é a seguinte: o Estado brasileiro pode estar deliberadamente deixando que os indígenas morram à míngua para que mais tarde o território esteja “livre” para exploração? A região do Vale do Javari situa-se numa parte da Amazônia continental cobiçada por empreendimentos dos mais variados segmentos. Centenas de empresas petrolíferas e mineradoras instalaram-se na região no lado peruano. É oportuno lembrar que na década

de 1980 a Petrobras realizou prospecção de petróleo no interior da Terra Indígena. E os interesses de todos esses grupos econômicos estão articulados com os esforços dos Estados nacionais para integrar toda a América do Sul por meio de projetos, tais como a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA).

O descaso, o abandono e a falta de providências sérias para evitar as mortes dos povos indígenas do Vale do Javari podem estar camuflando uma estratégia mordaz, de vários grupos de interesse, para a extinção desses povos.

Qual a postura que nós, missionários e missionárias, devemos ter diante dessa situação? Ainda que não chegue a essa estratégia sorradeira, como devemos agir daqui para frente diante dessa ameaça à vida?

Eis um desafio para a Vida Religiosa, que pode contribuir de três formas:

1. Profissionais da área de saúde podem participar das equipes multidisciplinares que estão sendo constituídas no DSEI Vale do Javari e fazer a diferença nesse modelo de atendimento à saúde indígena que tem causado tanto sofrimento a essas populações, seja em termos de resultados, seja em termos de respeito à cultura dos diferentes povos.
2. Fazendo parte das equipes missionárias do CIMI, apoiando, trabalhando na formação das lideranças, animando-as a reassumir seu protagonismo e autonomia, a encontrar caminhos que lhes devolvam a vida e a desenvolver seus projetos próprios.
3. Partilhando recursos, pois com a crise econômica mundial não temos recursos suficientes para manter as equipes e suas atividades e propiciar a essas populações instrumentos de luta pela vida.

Interinstitucionalidade: a solução requer ação em conjunto

Kurá Kanamari, ainda muito jovem, mas liderança respeitada, incansável lutador em defesa de seu povo, diz que, ao

tomar em seus rituais o Rani, bebida típica dos Kanamari (Ayahuasca para outros povos), pode ver o futuro, e o que ele vê é um céu muito azul, limpo e com sol brilhante, porém com uma nuvem muito grande e negra que paira sobre o Vale do Javari. No contexto amazônico, é impossível enfrentar essa nuvem negra que paira sobre o Vale do Javari de modo individualizado.

Esse desafio impõe-se a todas as Instituições e creio que o desafio da interinstitucionalidade está posto para a Vida Religiosa, não só no contexto amazônico. Digo isso porque a fórmula encontrada para encarar o grito que ecoa do Vale do Javari e que vem possibilitando os primeiros passos em defesa da vida dessas populações foi o somar forças entre diocese, entidades, Congregações, regional da CNBB e segmentos da sociedade civil, propiciando a efetivação de duas equipes missionárias com cinco leigos e um Irmão Marista e a campanha “Povos Indígenas do Vale do Javari: Unidos pela Saúde, pela Vida” – curso em nível nacional e internacional. O lema da campanha já é consequência dessa interinstitucionalidade entre as organizações dos diferentes povos e que pode ser acessada e apoiada no Facebook “Campanha Javari” e no site <www.cimi.org.br>.

A interinstitucionalidade é uma necessidade que vai muito além das entidades de apoio à questão indígena. Tomemos, como exemplo, mais uma vez, a situação do Vale do Javari. Diante da inércia dos órgãos governamentais, os próprios indígenas reconheceram que grande parte da solução teria de partir de todos eles. Consequência disso foi a realização da campanha – que acabou por tornar-se mais um exemplo de união de várias Instituições e Congregações em apoio a eles.

O que falta, portanto, é a interinstitucionalidade dos órgãos governamentais. Em 2008, a Funasa anunciou uma “megaoperação” no Vale do Javari. A ação envolvia vários ministérios, entre eles Exército, Marinha e Aeronáutica. Em quarenta dias, consumiu mais de quatro milhões de reais, mas os resultados mostraram-se inócuos, pois durante a operação morreram doze pessoas. Além disso, faltaram equipamentos e medicamentos.

O Governo Federal sabe que a solução para o Vale do Javari depende de uma ação concreta e da participação de vários ministérios e órgãos de assistência aos indígenas. Não adianta esperar apenas por uma solução por parte da Sesai se não existir cadência nas medidas que precisam ser adotadas ali.

CIMI: presença entre os povos indígenas há quarenta anos

O CIMI nasceu como consequência da inquietação de missionários e missionárias, leigos(as) e Religiosos(as) em face da realidade em que viviam os povos indígenas na década de 1970. À época sob a ditadura militar, os povos indígenas já tinham um destino traçado pelos militares: até o ano 2000 eles iriam desaparecer.² Mas a Igreja não se calou: passou a denunciar com mais frequência os massacres, as invasões e os grandes projetos que faziam parte das estratégias usadas por grupos econômicos e políticos para avançar sobre as terras tradicionais dos indígenas.

Nesses quarenta anos, a política indigenista passou por várias mudanças. Em meados da década de 1980, a ditadura acabou e surgiu a Nova República, dominada por velhas personalidades conhecidas da política brasileira. Na verdade, mudou apenas o nome e o tipo de farda de quem estava no comando do governo, porque a política indigenista, por exemplo, permaneceu sob a orientação dos antigos governantes.

O presidente José Sarney tinha a assessoria de militares para dar prosseguimento à política indigenista. Por essa época, o movimento indígena começou a ganhar força em todo o Brasil, animado pelas mobilizações para a Assembleia Nacional Constituinte, que aconteceu em 1987-1988.

No governo de Fernando Collor de Mello, já sob a nova ordem jurídica imposta pela Constituição de 1988, a pressão do movimento indígena levou a avanços significativos, mas, na essência, a política indigenista permanecia sob a guarda dos militares. Esse panorama não foi muito diferente nos governos de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso.

2. O então ministro do Interior do governo do presidente Ernesto Geisel, Rangel Reis, havia anunciado que até o ano 2000 não existiram mais indígenas no Brasil.

A grande esperança dos indígenas e de seus aliados recaía sob o governo de Lula. No entanto, a esperança deu lugar a incertezas e temores, que se vão confirmando na gestão de Dilma Rousseff.

Como poucas entidades, o CIMI manteve-se numa postura crítica em relação às ações governamentais em todos os momentos. Essa visão profética tem reflexos na prática cotidiana. Estamos enfrentando, com muita serenidade, a batalha contra Belo Monte, contra o avanço das forças anti-indígenas no Governo Federal e no Congresso Nacional, enfim, contra todas as ações que têm levado os governos de Lula e Dilma a se mostrarem mais avessos aos povos indígenas que todos os anteriores.

Desafios para a Vida Religiosa

O grito que ecoa pelo Brasil afora, a partir da Terra Indígena Vale do Javari, tem muito a ensinar a todos nós, Religiosos(as), missionários(as) consagrados(as) e leigos(as). Primeiramente, porque hoje, na Amazônia, assumir a causa dos povos do Vale do Javari é assumir uma causa em defesa da vida, num contexto em que está em cheque o futuro deles. Pelo menos oito por cento da população total de cerca de cinco mil pessoas já foi dizimada pelas doenças nos últimos anos. É alto o índice de contaminação por hepatites de vários sorotipos – A, B, C e Delta. E também por outras doenças, tais como malária, tuberculose e até verminoses. Essa população, no ciclo da borracha, chegava a quinze mil pessoas.

É desafiador, ainda, porque nos leva a buscar a solidariedade dos diversos segmentos da população e, depois, criar mecanismos para tocar os governantes, mostrando a realidade e exigindo providências para dar aos indígenas a oportunidade de prosseguir no curso da vida, com autoestima e dignidade, sendo protagonistas em sua história. “Não queremos que os livros de história registrem que no Vale do Javari viviam tantos povos, nós queremos viver!”, dizia Bushe Matis no lançamento da campanha.

Desafia ao diálogo inter-religioso e intercultural, a dialogar com culturas diversas, a respeitar valores transmitidos nas tradições e mitos, sem impor conceitos sobre Deus, mas deixar que Deus nos interpele e desconcerte, no diferente que traz, no seu bojo, novas formas de relações interdependentes com toda a criação e com o Criador, novas formas de espiritualidade.

Desafia a Igreja a olhar com os olhos de Jesus, a assumir a causa dos povos indígenas como sua, a vê-los não mais como cidadãos de segunda categoria. A Vida Religiosa Inserida, e animadora da Igreja, é ainda mais desafiada, em seu âmago, para o profetismo, ao se colocar como sinal de esperança e de presença de Deus no mundo. Precisa apontar para o Cristo Humano, Encarnado e Libertador e não para um Deus todo-poderoso, desencarnado e, muitas vezes, sem rosto.

No contexto dos quarenta anos do CIMI, a Vida Religiosa tem sido parte de sua ação missionária, de forma mais intensa, e vem sendo questionada pelas constantes mudanças das pessoas que assumem a missão junto aos povos indígenas. Tais mudanças, em tão curto tempo, impedem o conhecimento da cultura e do simbólico que permeia a espiritualidade indígena, seja em seus rituais, seja na rede de relações estabelecidas no dia a dia das populações indígenas com o sagrado, com os espíritos, com a criação e com as pessoas. O conhecimento é condição para o respeito e a valorização.

Outro desafio é mostrar ao Brasil e ao mundo – que vive, simultaneamente, várias crises – que existe uma alternativa concreta ao sistema capitalista.

A interação e o envolvimento com a mãe Terra e a natureza, vivenciados pelos povos indígenas, apontam alternativas para superar limites do desenvolvimento capitalista atual mediante sua incapacidade de resolver os problemas da pobreza e os severos impactos sociais e ambientais. É no andar da carruagem capitalista, com sua proposta de livre-comércio, que ecoa a proposta dos pequenos, a partir da experiência dos povos dos Andes. Recobrando as raízes de seus antepassados, os povos indígenas andinos apontam para

o Bem Viver como alternativa e resistência à imposição do livre-comércio. Para além de uma relação de harmonia, o Bem Viver é envolvimento com a mãe Terra e a natureza, é interação entre as partes com o todo. No Bem Viver, a qualidade de vida não se reduz ao consumo ou à propriedade. O Bem Viver, em nossa concepção cristã, é o Reino de Deus: casa, comida em abundância, terra, saúde etc.

Os recursos naturais são limitados e a capacidade dos ecossistemas de lidar com os impactos ambientais também é limitada. Desse modo, o Bem Viver vai além de uma simples reformulação do modo de vida do capitalismo, no estágio em que se encontra. Exige novo modo de pensar, discursar e praticar, isto é: uma cosmovisão que contemple a rede de relações da pessoa não só interpessoal, mas com tudo que o cerca, um olhar místico que evoca o sagrado presente e parte das relações.

O Bem Viver apresenta-se como alternativa para outro mundo possível e, na Vida Religiosa, aponta para um novo paradigma que nos aproxima da mãe Terra e das outras diferentes culturas, como riqueza que nos leva ao respeito do diferente como criação da sabedoria de Deus.

No Brasil, querem garantir, no Código Florestal, que o agronegócio tem direito sobre a natureza, enquanto a Lei da Mãe Terra da Bolívia, aprovada em dezembro de 2010, “estabelece um reencontro entre a sociedade e a natureza”, e para isso criaram a Defensoria da Mãe Terra, para velar pela vigência, promoção, difusão e cumprimento dos direitos da mãe Terra. Os direitos da Terra são: a proibição de mercantilizá-la, a diversidade e o equilíbrio da vida, a restauração e a não contaminação. Também o Equador colocou na Constituição que a natureza é sujeito de direito. Isso tem séria implicância e interpela-nos para uma nova concepção e cosmovisão em relação a nós mesmos, aos outros, ao transcendente e ao mundo. Nesse caso, a comunidade de vida é ampliada, há nela lugar para o não humano.

No plano das legitimações das ideias, o Bem Viver distingue-se dos discursos que celebram o crescimento econômico, a rentabilidade ou o consumo material como indicadores

de bem-estar, pois sua referência é a qualidade de vida e passa por outros caminhos.

O Bem Viver é lugar de encontro das culturas e das diversidades e não se pode reduzir a uma proposta única e idêntica para todas as culturas, em todos os lugares. Cada povo dá sua contribuição. Para os Quéchua, o Sumak Kawsay, conforme explica Pablo Davalos: “Sumak Kawsay é a proposta para que a sociedade possa recuperar as condições de sua própria produção e reprodução material e espiritual”, ou seja: “uma nova visão da natureza, sem ignorar os avanços tecnológicos nem os avanços em produtividade, mas sim projetando-os no interior de um novo contrato com a natureza, como parte de sua própria dinâmica, como fundamento e condição de possibilidade de sua existência no futuro”. Para os Aimara, o Suma Qamaña é um espaço de bem-estar onde convivem as pessoas, os animais e os cultivos, onde não existe a dualidade que separa a sociedade da natureza, uma vez que um contém o outro e complementam-se de modo inseparável. Para os Guaraní, essa forma de relacionamento entre os homens e entre estes e a natureza pode traduzir-se no Teko Porã. Essa concepção aproxima-se do que nós, cristãos, chamamos de Reino de Deus.

Dom Jaime Spengler, bispo referencial para a Vida Religiosa no Brasil

273

ENTREVISTA

Dom Jaime Spengler, bispo auxiliar de Porto Alegre e membro da Comissão para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada, fala sobre o seu trabalho na Comissão e reflete questões pertinentes à Vida Religiosa Consagrada no Seminário promovido pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) em Itaiçi, Indaiatuba, São Paulo.

O evento contou com a presença de mais de quatrocentos representantes de Congregações Religiosas no Brasil.

Convergência – Especificamente, como é ser o bispo referencial para a Vida Religiosa no Brasil?

Dom Jaime Spengler – Como bispo auxiliar há um ano, quando me foi feita a proposta de fazer parte da Comissão para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada foi uma grande surpresa, uma primeira surpresa.

A segunda surpresa foi quando Dom Pedro Brito sugeriu que, dentro da Comissão, eu fosse o referencial para a Vida Consagrada.

O fato de ser Religioso e conhecer um pouco do próprio da Vida Religiosa me acresce na missão que assumo, no sentido de não perder, digamos assim, relações com o meio de onde saí. Ao mesmo tempo, diz também de uma, talvez, facilidade de poder transitar no meio dos Religiosos, entender as aspirações, preocupações, alegrias, as tristezas, enfim, aquilo que é o próprio da vida cotidiana nossa. Esses elementos contribuem no trabalho como referencial entre os Religiosos, a Comissão e, conseqüentemente, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Convergência – De acordo com a proposta desse Seminário, como você avalia o fenômeno de “perda da essência da Vida Religiosa Consagrada”?

Dom Jaime Spengler – Essa complexidade aparece na própria questão: “perda da essência da Vida Religiosa Consagrada”. O que se quer dizer com a expressão “perda da essência”? Será que a Vida Religiosa perdeu sua essência? Antes, não seríamos nós que sentimos dificuldade de perceber em que consiste tal essência? A Vida Religiosa Consagrada está inserida no mundo, participa desta vida, de alguma forma reflete aquilo que o mundo vive, e ela, sem dúvida, sente-se tentada e provocada por aquilo que o mundo oferece.

Não podemos perder de vista que o Religioso é convidado a estar no mundo sem ser do mundo. A Vida Religiosa Consagrada é sinal de contradição. De um lado, temos a proposta do Evangelho e o testemunho que os Religiosos dão para o mundo. De outro lado, temos o mundo com suas *con-vocações* e apelos. Isso, sem dúvida, traz preocupações, porque a complexidade do mundo envolve-nos de tal forma que podemos perder a referência, que é o Evangelho. O Evangelho é a referência fundamental, fundante, da Vida Religiosa.

Não se pode perder de vista isso. Nós falamos tanto em Pós-Modernidade, mas no fundo não sabemos bem o que isso representa. Um dado podemos ressaltar: na Pós-Modernidade tudo aquilo que se tem como certeza, referência, valores, tudo isso de alguma forma parece ter entrado em ebulição e, diante disso, sentimo-nos sem chão. Talvez a crise da Vida Religiosa seja fruto dessa realidade em ebulição. Eu gosto de recordar uma frase de Nietzsche, na qual ele se pergunta: “O que aconteceu com a nossa jovialidade?”.

Nesse contexto e diante deste Seminário, podemos ter como pano de fundo da discussão este elemento: o que aconteceu com nossa jovialidade, nossa alegria? Essa alegria que só pode ser fruto do encontro com o Crucificado-Resuscitado? Afinal, a Vida Religiosa Consagrada tem como referência única o “encontro” com o Senhor. E essa possibilidade de encontro com ele é sempre graça, mas também pressupõe a busca de cada um, o empenho, a decisão, o

querer. É importante, diante disso, recordar duas expressões do Evangelho.

A primeira é que não fomos nós que escolhemos: “Não fostes vós que me escolheste, fui eu que vos escolhi”. Isso diz de uma predileção, de um amor particular, de uma escolha particular. Por outro lado, o Evangelho apresenta-nos o bendito *se*. “Se alguém quiser!” Nesse *se* dizemos tudo, nesse *se* se joga tudo. Diz-se de um querer firme, de uma decisão, de uma cisão que cria uma realidade de um antes e de um depois.

Isso porque a proposta do Evangelho não permite ambiguidades! Quando o Evangelho diz: “Vai e vende tudo”, “Tome a sua cruz”, tudo é *tudo*. Ao assumir a cruz, não assumimos apenas uma dimensão, mas todos os seus aspectos. Essa é a radicalidade do Evangelho, que nos incomoda de um lado e, de outro, nos assusta.

Convergências 115 (4) 157 (3) 191 (2) 317 (5) 326 (2) 370 (1) 471 (6) 582 (3) 275 (1) 211 (1)

Papa Paulo VI: “O homem de hoje ouve com muito mais atenção os testemunhos do que os mestres; e, se ouve os mestres, é porque são testemunhas!”.

Convergência – Que testemunho a Vida Religiosa Consagrada é na história do Brasil?

Dom Jaime Spengler – Os Religiosos chegaram aqui junto com Pedro Álvares Cabral e foram eles que, em muitas situações e realidades, foram na frente, foram desbravando, foram ao encontro dos índios e dos migrantes e dos imigrantes. Não foram poucas as Religiosas (e os Religiosos) que iniciaram trabalhos na área da catequese, da educação e do cuidado da saúde do povo.

Não tenho dúvidas de que, na realidade brasileira, as Religiosas foram as grandes evangelizadoras. Se a Igreja se faz presente de forma tão vigorosa em nossa nação, tenho certeza de que somos devedores de fato à Vida Religiosa Consagrada, especialmente à Vida Consagrada feminina.

Convergência – Quais são as áreas de atuação que se apresentam como um grande desafio para a Vida Religiosa hoje?

Dom Jaime Spengler – As áreas de fratura social. Onde a vida humana é aviltada, não é respeitada, onde ela é violentada, esses são os espaços privilegiados para a Vida Religiosa. A droga, que está consumindo o melhor que temos – a juventude, ou seja: o melhor de um povo –, deve ser uma proposta de trabalho para a Vida Religiosa Consagrada.

Uma segunda realidade é a do tráfico humano, e aí se envolve a questão da prostituição e o transplante de órgãos. Ainda podemos citar a questão dos sem-terra, dos índios, de quem, atualmente, muito se fala e pouco se faz. As favelas, palafitas, as comunidades pelo interior abandonadas, largadas, esquecidas, são realidades que clamam, que pedem uma presença da Vida Religiosa.

Se no passado houve muita preocupação com a saúde e com a educação, pergunto se hoje isso continua respondendo aos

anseios do povo. Até porque o estado é responsável, assumiu para si a tarefa da educação e da saúde e, de alguma forma, parece que isso não é o elemento de maior prioridade. Saber ler é exigência do momento histórico, é um desafio.

Convergência – Que mensagem o Senhor poderia deixar para a Vida Religiosa Consagrada hoje?

Dom Jaime Spengler – Eu não tenho dúvida de que os Religiosos escolheram a melhor parte. Recordaria aquilo que Jesus fala no Evangelho: “Não tenha medo, pequeno rebanho, não tenha medo”. Eu creio que a Vida Religiosa Consagrada sempre vai ter força enquanto mantiver a humildade e a simplicidade. Nós somos pequeno rebanho, o grão de mostarda, o sal presente na massa, discreto, mas eficaz, confiante.

A palavra que poderíamos deixar, hoje, seria recordar o carinho e a ternura que Jesus Cristo tem com os seus: “Não tenhais medo, pequenino rebanho, eu estarei convosco todos os dias, até o fim dos tempos”. E São Paulo também nos ilumina: “Nós sabemos onde colocamos nossa esperança, e a esperança não decepciona”.

(Entrevista concedida à Assessoria de Imprensa da CRB Nacional em fevereiro de 2012.)

Filmes que vale a pena assistir

PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

O cinema é sem dúvida uma excelente opção de entretenimento e, ao mesmo tempo, e não raras vezes, um importante espaço de reflexão também. Assim, não é difícil acontecer que, ao sairmos de uma sessão de cinema, sejamos questionados em nossos valores e provocados a mudar de ideia com relação a determinadas coisas da vida. Não importa se se trata de uma comédia ou de um filme muito “leve” e desprezioso, se a película é boa realmente haverá de deixar “alguns grilos” em nossa cabeça com certeza.

Os filmes que indicamos aqui são filmes bem recentes. Quase todos premiados: “Oscar” de melhor filme 2011 (*O Artista*) e de melhor atriz (Meryl Streep em *A Dama de Ferro*). Antes de convidar o(a) leitor(a) da *Convergência* a assisti-los, fizemos questão de ir ao cinema e conferir com atenção cada um deles. Além disso, consultamos alguns especialistas e lemos uma meia dúzia de críticas para poder fundamentar as nossas.

Acreditamos que qualquer Religioso(a) poderá ver tais filmes sem qualquer susto e sem pensar que perdeu o seu precioso tempo. Pelo contrário, sairá ganhando, porque terá apreciado a “sétima arte” em várias de suas mais belas expressões atuais, e ao final poderá, quem sabe, crescer ainda em humanidade e em cristandade.

Estejam todos(as) convidados(as), então, para aproveitar uma tarde ou uma noite no cinema. E se for possível, que toda a Comunidade Religiosa se reúna diante da “telona” e depois comente, aprofunde os temas, sem esquecer, é claro, a diversão e a alegria que nasce do nosso encontro fraterno.

* **Padre Plutarco Almeida** é jesuíta, jornalista e editor da revista *Convergência*.
Blog: plutarco-almeida.blogspot.com.

O ARTISTA (THE ARTIST)

Gênero: Romance, Comédia e Drama

Duração: 100 min

Origem: França e Bélgica

Estreia: 10 de fevereiro de 2012

Direção: Michel Hazanavicius

Roteiro: Michel Hazanavicius

Distribuidora: Paris Filmes

Censura: 12 anos

Sinopse

George Valentin (Jean Dujardin) é uma estrela dos primórdios do cinema. Além de glamoroso, o ator costuma fazer o típico herói romântico. Em uma de suas aventurosas filmagens, berra aos seus inimigos durante um interrogatório: “Não irei falar uma palavra”. (Mesmo se ele quisesse, naquela época isso seria impossível. Aproveitando o paralelo entre a sua fala e a proposta do filme.)

Em 1927, Valentin é um dos ícones mais populares de Hollywood, transitando pelos estúdios – na companhia do seu inseparável e dócil terrier – sempre exalando carisma e um sorriso confiante de deixar Gene Kelly [em *Cantando na Chuva*] com inveja. Após assistir à estreia do seu último filme, enquanto fazia uma graça com a imprensa, acaba esbarrando em uma jovem mulher que sonhava com todos aqueles holofotes. Ele reage com alegria, era tudo o que os fotógrafos queriam.

No dia seguinte, uma manchete na capa do *Variety* pergunta “Quem é essa garota?”. Ela é Peppy Miller (Bérénice Bejo), uma graciosa aspirante a dançarina. Em um dos testes, Valentin a reconhece e insiste com o seu produtor, Al Zimmer (John Goodman), que ela tem talento, só que precisa de um pouco de orientação para subir na indústria e começar a ganhar os principais papéis nos filmes.

Valentin não estava errado, aos poucos Peppy vai conseguindo destaque por sua simpatia e profissionalismo. O engano do protagonista é em relação aos filmes mudos:

enquanto Zimmer anuncia que não vai mais produzir filmes mudos, Valentin reage com indiferença e resolve ele mesmo fazer suas produções, insistindo que som é coisa temporária e que não passa de um modismo.

Enquanto a vida de Valentin afunda – quase ninguém assiste aos seus filmes; é chutado por Doris (Penelope Ann Miller), sua fria mulher; demite seu leal criado, que não recebe há um ano –, Peppy cada vez mais é sinônimo de sucesso em plena quebra da Bolsa de Valores.

O *Artista* reúne diversas referências históricas da sétima arte. O filme é um exuberante e arrojado retrato entre fazer escolhas, seja ficar com o saudosismo, seja abraçar o futuro.

A INVENÇÃO DE HUGO CABRET (HUGO)

Gênero: Aventura, Drama e Mistério

Duração: 127 min

Origem: Estados Unidos

Estreia: 17 de fevereiro de 2012

Direção: Martin Scorsese

Roteiro: John Logan e Brian Selznick

Distribuidora: Paramount Pictures

Censura: 10 anos

Sinopse

No começo da década de 1930, Hugo Cabret (Asa Butterfield) é um menino de 12 anos que mora com o pai (Jude Law) em Paris. Um acidente acaba matando o pai, fazendo com que o jovem passe a viver com o tio, Claude (Ray Winstone), um repugnante bêbado que controla os relógios na estação de trens.

O tio desaparece, deixando Hugo sozinho, vivendo clandestinamente entre as paredes da estação. Enquanto cuida dos ponteiros dos relógios, aproveita para ir conseguindo peças para consertar um robô misterioso, só que, como em todo conto, sempre falta “aquela” peça para que as engrenagens comecem a funcionar. E a tal peça é uma chave em formato de coração.

Numa de suas desventuras, acaba sendo pego por Papa Georges/Georges Méliès (Ben Kingsley), dono de uma loja de brinquedos. Ao revistar o garoto, Georges acaba tendo acesso a um caderninho com diversos desenhos. Quando o folheia, vê imagens que o deixam assustado, pois mexem em algo que para ele estava enterrado no passado.

A relação entre Hugo e Georges é bem tempestuosa, mas nada comparado com a que tem com o Inspetor Gustave (Sacha Baron Cohen), um daqueles caras que precisam mostrar serviço, mas que, por ser estabonado e um tanto confuso, acaba por vezes sendo dominado pelo próprio cachorro.

Hugo acaba conhecendo Isabelle (Chloë Grace Moretz), afilhada de Georges, que se mostra útil e que pode ajudá-lo muito mais do que apenas conseguir o seu caderninho de volta.

Assim como o protagonista, Martin Scorsese é também um amante fascinado pela preservação de filmes clássicos – o produtor criou a The Film Foundation, uma entidade responsável pela restauração de cerca de quinhentos filmes de diversos cineastas, tais como Alfred Hitchcock, Frank Capra, Elia Kazan e o brasileiro Glauber Rocha.

A produção não é apenas um espetáculo de imagens belas, mas um atestado da devoção de um dos maiores cineastas modernos à história da sétima arte, que se vê um pouco na figura inocente do personagem central, como um jovem espectador ao descobrir as ilusões e transformações mágicas que acontecem em uma sala cinematográfica quando as luzes se apagam.

<http://cinema10.com.br/filme/hugo>

A DAMA DE FERRO (THE IRON LADY)

Gênero: Biografia e Drama

Duração: 105 min

Origem: Reino Unido

Estreia: 17 de fevereiro de 2012

Direção: Phyllida Lloyd

Roteiro: Abi Morgan

Distribuidora: Paris Filmes

Censura: 10 anos

Sinopse

O longa-metragem inglês traz para as telas a história da ex-primeira-ministra Margaret Thatcher, vivida pela atriz ganhadora do Oscar 2012 Meryl Streep. Já com idade bastante avançada, viúva e solitária, Thatcher vive atormentada pela ausência do marido (Dennis Thatcher) e do filho que mora na África do Sul e raramente vem visitá-la.

Toda história começa a passar como se fosse um filme dentro de outro filme: a vida dentro da ficção! E o filme da vida, o mais verdadeiro, mostra-nos uma mulher que nasceu em berço muito humilde (filha de um pequeno comerciante), mas que ousou desafiar os padrões machistas da sociedade inglesa da época ao entrar para o Partido Conservador e propor mudanças na forma de pensar e de fazer política.

A ascensão política de Thatcher acontece no contexto da recessão econômica mundial (crise do petróleo, quebra das Bolsas, colapso do mercado financeiro...), que afeta também a Inglaterra. Momento em que havia mais dúvidas do que certezas, mais medo do que atitudes corajosas e destemidas. E as lideranças políticas, quase que cem por cento masculinas, não são capazes de dar as respostas que a nação precisa para sair da crise.

Margaret Thatcher resolve enfrentar a situação, mesmo dispondo de poucos recursos financeiros para custear uma campanha e sabendo que terá poucas chances de vitória numa realidade política dominada pelos homens e suas ideias estreitas demais. Entretanto, surpreende a Inglaterra com um discurso forte, impetuoso, rompendo barreiras e preconceitos seculares. Depois de uma passagem brilhante como parlamentar, decide lançar-se à liderança do seu partido, o que lhe dá condição para disputar a eleição para primeiro-ministro.

Em sua velhice, todas essas recordações são intensas, mas não lhe chegam à mente em tom de arrependimento ou de

nostalgia. Pelo contrário, a Thatcher idosa continua acreditando nas mesmas coisas, mantendo a mesma personalidade fortíssima da mulher que mudou os rumos da história da Inglaterra no século XX.

OS DESCENDENTES (*THE DESCENDANTS*)

Gênero: Comédia e Drama

Duração: 115 min

Origem: Estados Unidos

Estreia: 27 de janeiro de 2012

Direção: Alexander Payne

Roteiro: Alexander Payne e Nat Faxon

Distribuidora: Fox Film do Brasil

Censura: 10 anos

Sinopse

As dificuldades para relacionar-se com os próprios sentimentos, principalmente quando a cabeça está envolta em quase uma insanidade inundada de humor negro. Essa é a ideia central de *Os Descendentes* (*The Descendants* – 2011), com direção de Alexander Payne (*Sideways* – *Entre Umas e Outras*).

Matt King (George Clooney) é um marido e pai confuso que trabalha muito (é advogado) e a quem não sobra muito tempo para a mulher e filhas. Mora no Havaí, onde, desde o século XIX, a família dele é dona de um pedaço da ilha de Kauai. Como em poucos anos eles deixarão de ter o domínio da região, pretendem vendê-la.

Como King é o único depositário de confiança, é ele quem tem a palavra final de decidir se vende ou não os 25 mil acres daquele paraíso. De início ele é favorável à venda, só que ouve dos humildes moradores da região que não negocie as terras com os especuladores imobiliários que só visam o lucro. E agora, a quem dar ouvidos? À família – por quem ele tem um enorme desdém – ou aos politicamente corretos da região?

Na verdade, essa é a menor das dores de cabeça de King. Os grandes problemas que o fazem ser um cara um

tanto atordoado são a mulher, Elizabeth (Patricia Hastie), que sofre um acidente de barco e fica em coma, e as filhas – a amável Scottie (Amara Miller) e a temperamental Alexandra (Shailene Woodley) –, que também o importunam. A primeira arruma uma encrenca na escola, já Alexandra é a típica adolescente mal-agradecida, carregada de mágoa e raiva. Ela vê o pai como um banana e, aos poucos, vai revelando alguns segredos que a mãe escondia de Matt. O principal deles é que Elizabeth tinha um relacionamento extraconjugal.

Ao mesmo tempo que ele e Alexandra começam a especular sobre o motivo da traição, King tem de ficar engolido o mau humor e o descarrego de ressentimento do seu sogro, Scott Thorson (Robert Forster) – que a todo instante joga na cara que, se King tivesse sido menos muquirana, Elizabeth não estaria naquelas condições –, e as brincadeiras de Sid (Nick Krause), um namoradinho que a filha traz a tiracolo.

“Não se deixe enganar pelas aparências”, diz o personagem de Clooney no começo do filme, fazendo referência à visão que o mundo tem da boa vida que se leva no Havaí. Essa frase também se encaixa perfeitamente no clima de *Os Descendentes*, deixando claro que todo e qualquer tipo de sentimento é algo que se muda rapidamente e cenas cômicas logo se transformam em momentos profundamente tristes, e por vezes até dolorosos.

Querer ver Jesus e deixar-se ver por Jesus. Quem somos: Zaqueu ou Herodes?

285

ARTIGOS

JALDEMIR VITÓRIO, SJ*

Introdução

O Espírito convocou os Religiosos e as Religiosas do Brasil a caminharem “de olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3).¹ Essa consigna tem sido levada a sério. Existe um esforço sincero de centrar-se a atenção em Jesus, deixando-se encantar e guiar por ele. Sem o esforço sincero de centrar-se em Jesus, a Vida Religiosa Consagrada, enquanto carisma eclesial a serviço dos pobres, perde a razão de ser. E os(as) Religiosos(as) acabarão por desencaminhar-se, vagando sem rumo. Ter “os olhos fixos em Jesus” é garantia de caminhar no rumo certo, sob a condição de, com o coração aberto, deixar-se guiar por ele.

Este texto propõe o tema sob outra perspectiva: deixar-se olhar por Jesus, permitir que o olhar do Mestre pouse sobre nós e produza a transformação de nosso coração. O texto de referência será o Evangelho de Lucas, centrando-se em duas figuras – Zaqueu e Herodes –, ambos desejosos de ver Jesus, ambos exitosos nisso. Como tinham motivações distintas, um experimentou o benefício do deixar-se olhar por Jesus e o outro, não. Eles se constituem metáfora para a relação entre Jesus e seus discípulos, entre Jesus e nós, Religiosos(as). Daí a pergunta: que modelo dispomo-nos encarnar? Mais radicalmente: que modelo, na verdade, nós encarnamos?

O primeiro tópico explicita a ocorrência do verbo “ver” na narrativa lucana, sublinhando os personagens implicados e as respectivas experiências de visão. O segundo tópico está centrado em Lc 19,1-10, em que se narra o conhecido

* **Padre Jaldemir Vitório** é jesuíta, doutor em Teologia, reitor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte-MG, e membro do Conselho Editorial da revista *Convergência*. **Endereço do autor:** Av. Doutor Cristiano Guimarães, 2127, Planalto, CEP 31720-570, Belo Horizonte-MG. **E-mail:** jvitorioj@faculdadejesuita.edu.br.

1. Cf. EQUIPE DE REFLEXÃO BÍBLICA. De olhos fixos em Jesus (Hb 12,1-3). CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *A caminho da XXII AGE*; reflexão e estudo. Brasília: CRB Publicações, 2010. p. 9-42.

episódio de Zaqueu e seu desejo sincero de ver Jesus. O terceiro tópico volta-se para Lc 9,9 e 23,8-12, referentes a Herodes e seu desejo equivocado de ver Jesus. O quarto tópico tem como objetivo mostrar como ver e deixar-se ver. Em última análise, diz respeito a uma dinâmica de busca da Sabedoria. Jesus é a encarnação da Sabedoria. Querer vê-lo expressa o desejo de encontrar o modo de viver querido pelo Pai. O quinto tópico volta-se a Zaqueu e Herodes para mostrar os distintos resultados do querer ver e do ver Jesus. Enquanto Zaqueu descobre uma sabedoria de vida, compatível com o querer de Deus, Herodes segue adiante nos desvios da insensatez. O sexto tópico aplica a reflexão à Vida Religiosa Consagrada, considerada proposta sapiencial do Reino, para mostrar como existem muitas maneiras de deixar-se ver por Jesus e como se pode encarnar o modelo Zaqueu e o modelo Herodes.

O texto pode servir de exame de consciência para quem deseja viver com fidelidade a vocação e o carisma da Vida Religiosa Consagrada. A decisão pelo paradigma Zaqueu pode resultar em atitude profética, num ambiente cristão e eclesial que insiste em inspirar-se no paradigma Herodes.

Olhar e olhares no Evangelho lucano

O vocabulário lucano em torno do verbo “ver” é muito rico, com uma terminologia variada. O texto evangélico está todo permeado de “ver”. Ocorrem os verbos gregos *horaô*, *idein*, *theôreo*, *theaomai*, *blepô*, *anablepô*, *epiblepô*, *emblépo*. Cada qual sublinha um aspecto do fenômeno da visão, embora quase todos sejam traduzidos por “ver” ou “olhar”.

Existem pessoas que querem ver Jesus e pessoas que veem Jesus. Entretanto, não basta vê-lo. É preciso deixar-se ver por ele. Essa dinâmica de olhares tem como base uma relação estreita entre o Mestre de Nazaré e os que o rodeiam ou buscam, à espera de serem amados e curados por ele. A profundidade da relação determina os efeitos do olhar do Mestre. Relações superficiais geram olhar de curiosidade, sem que o olhar do Mestre tenha qualquer efeito transformador.

Relações profundas, pelo contrário, permitem ao olhar do Mestre tocar o coração de quem é visto.

Cercado por uma multidão, Jesus recebe o comunicado: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem te ver” (Lc 8,20). A reação de Jesus, à primeira vista, pode parecer ríspida: “Minha mãe e meus irmãos são estes: os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 8,21). Interessava-lhe estabelecer com os familiares, a começar pela mãe, relações de discipulado do Reino, para além do “ver” físico, incapaz de gerar compromisso.

Também Herodes “procurava ver Jesus” (Lc 9,9). Como veremos, Jesus não se dispunha a satisfazer a curiosidade de quem se aproximava dele sem disposição interna para a conversão.

Os discípulos tiveram o privilégio de ver Jesus. “Felizes os olhos que veem o que vós estais vendo! Pois eu vos digo: muitos profetas e reis quiseram ver o que vós estais vendo, e não viram; quiseram ouvir o que estais ouvindo, e não ouviram” (Lc 10,24). A possibilidade de estar junto com o Mestre – vê-lo –, partilhar-lhe a intimidade e aprender com ele é um bem de valor extraordinário, ao qual grandes personagens do passado não tiveram acesso. Seria insensatez não tirar o máximo proveito da chance que lhes era oferecida e fazer uma experiência eficaz de “ver” o Messias.

Zaqueu também “procurava ver quem era Jesus” (Lc 19,3).² O empenho sincero valeu-lhe a graça de obter a salvação. “Ver” Jesus significou passar por uma transformação interior.

Pregado na cruz, Jesus torna-se objeto do “ver” do povo, que “permanecia lá, olhando” (Lc 23,35). De imediato, essa gente foi incapaz de cair na conta do que se passava. Pouco a pouco, sua mente foi-se iluminando, a ponto de intuir o sentido do evento. “E as multidões que tinham acorrido para assistir à cena, *viram* o que havia acontecido e foram embora, batendo no peito” (Lc 23,48). Desencadeou-se, em seus corações, um processo de conversão.

2. Um estudo sistemático do verbo “ver” na narrativa encontra-se em J. VITÓRIO, “‘E procurava ver quem era Jesus...’ Análise do sentido teológico de ‘ver’ em Lc 19,1-10” (*Perspectiva Teológica* 19 [1987] 9-26).

O oficial romano, testemunha da morte de Jesus, “vendo o que acontecera, glorificou a Deus dizendo: ‘Realmente! Este homem era justo’” (Lc 23,47). A forma como Jesus concluiu a caminhada terrena, entregando-se confiante nas mãos do Pai, levou o pagão a dar o passo da fé, ao ver o testemunho de fidelidade de Jesus ao Pai.

Um grupo de amigos e colaboradores “vê” o Mestre crucificado. “Todos os conhecidos de Jesus, bem como as mulheres que o acompanhavam desde a Galileia, se mantinham a distância, olhando essas coisas” (Lc 23,49). Olhar de amizade e solidariedade dos que reconhecem a injustiça cometida contra quem só fez o bem.

A ressurreição exigiu dos discípulos verem o Mestre com um olhar totalmente novo, que lhes permitisse reconhecê-lo e acolhê-lo. Inicialmente, “eles ficaram assustados e cheios de medo, pensando que estavam vendo um espírito. [...]” (Lc 24,37.39). Levou tempo para passarem da visão à compreensão (Lc 24,48).

Assim como é objeto do “ver” de tantas pessoas, que estão com os olhos fixos nele, Jesus pousa o olhar sobre as pessoas, a quem “vê” cheio de misericórdia. O olhar do pai do filho pródigo, na volta para casa, retrata o “ver” de Jesus. “Quando [o filho] ainda estava longe, seu pai o avistou [*viu*] e foi tomado de compaixão” (Lc 15,20). E multiplicaram-se os gestos de bondade em relação ao filho que “estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado” (Lc 15,24.32). Olhar de compaixão que, pousado sobre a humanidade em busca de salvação, abre-lhe perspectiva de uma vida nova.

Dois textos do Evangelho lucano são especialmente sugestivos em relação ao modo de “ver” de Jesus. A súplica dirigida a Jesus pelo pai em busca da cura do filho dominado pelo mau espírito revela o poder taumatúrgico do olhar de Jesus. Aos gritos, o homem suplica: “Mestre, peço-te que olhes para o meu filho!” (Lc 9,38).³ O olhar do Mestre, pousado sobre o filho, teria o poder de libertá-lo e curá-lo. O homem reconhecia a força do olhar de Jesus. De fato, “enquanto se aproximava” de Jesus, o menino foi

3. A tradução literal do texto grego soa assim: “Mestre, eu necessito que tu volvas o olhar (*epiblépsai*) sobre meu filho”.

curado (Lc 9,42), sem a necessidade de que fosse dita uma só palavra ou realizado qualquer gesto. Teria Jesus atendido ao pedido do pai lançando o olhar sobre o menino para curá-lo? Outra cena interessante passa-se no contexto da Paixão. Imediatamente após a terceira negação, “enquanto [Pedro] ainda falava” [...] o Senhor se voltou e olhou para Pedro” (Lc 22,61). O verbo grego *emblépo* permite outra tradução: “[...] e o encarou”. É como se o Mestre tivesse olhado fundo nos olhos do discípulo que negou conhecê-lo e lhe tivesse tocado o coração. O discípulo, afetado no mais íntimo, passa por um processo de conversão. Por isso “Pedro saiu do pátio e pôs-se a chorar amargamente” (Lc 22,62), sinal de transformação. Agora, sim, tornava-se verdadeiro discípulo!

A dinâmica evangélica do “ver”, indo das pessoas a Jesus e de Jesus às pessoas, é carregada de eficácia na vida de quem se aproxima dele, reconhecendo-o portador de uma força cuja origem é o Pai. Olhar com poder de transformar e libertar! Olhar que abre perspectivas novas para o horizonte limitado do sofrimento e da falta de esperança! Olhar divino sobre a humanidade sedenta de luz e de visão!

Vamos deter-nos em dois textos evangélicos, em que o desejo de ver Jesus, ou seja: de “fixar os olhos em Jesus”, exige que o ser humano deixe-se olhar por ele. Sob o olhar de Jesus, a existência humana está sob o olhar misericordioso de Deus. Sem deixar-se ver por Jesus, o “ver” Jesus não irá além da pura visão física.

Zaqueu: o desejo sincero de ver Jesus

É bem conhecida a cena de Lc 19,1-10.⁴ Zaqueu “procurava ver quem era Jesus”.⁵ Como era de baixa estatura, “correu à frente e subiu numa árvore para ver Jesus, que devia passar por ali”.⁶ Qual terá sido a intenção: mera curiosidade ou desejo sincero de conhecer a pessoa que passaria por ali, de quem ouvira falar (Lc 4,14.37)?⁷ Contudo, “quando Jesus chegou ao lugar, olhou para cima e disse: ‘Zaqueu, desce depressa! Hoje eu devo ficar na tua casa’”.⁸ Essa troca de

4. O episódio de Zaqueu é aparentado com o chamado de Levi (Lc 5,27-32). Tal cobrador de impostos também foi visto por Jesus (v. 27) e sua vida passou por uma mudança total.

5. “O verbo *zetô*, ‘buscar’ [procurar], é importante em Lucas e pode designar a busca da verdade, da saúde, do sentido da vida ou da salvação.” Por outro lado, o evangelista “considera o verbo ‘ver’ como uma metáfora do conhecimento, do amor ou da fé” (BOVON, F. *El evangelio según San Lucas III*. Salamanca: Sígueme, 2004. p. 337).

6. Há quem interprete, metaforicamente, o dado relativo à estatura de Zaqueu (cf. MAZZAROLLO, I. *Lucas*; a antropologia da salvação. 2. ed. Rio de Janeiro: Mazzarollo Editor, 2004. p. 233-235).

7. Cf. FITZMYER, J. A. *The Gospel According to Luke (X-XXIV)*. Garden City: Doubleday, 1985. p. 1223.

290

8. “Devo” é a tradução da palavra grega *dei*, de grande importância na narração lucana. Diz respeito ao que o Pai espera de Jesus. Por isso o versículo 5 “não significa uma anedota missionária de Jesus; responde a uma exigência incontornável de seu ser enviado” (CONTRERAS MOLINA, F. El relato de Zaqueo en el evangelio de Lucas. *Communio* [espanhol] 21 [1988] p. 41). Para a análise das várias ocorrências de *dei* em Lucas, cf. p. 36-41.

9. O murmúrio da multidão (v. 7) está em paralelo com Lc 5,30; 7,34; 15,2.

10. A restituição quádrupla pode ser relacionada com Ex 21,37 (cf. 2Sm 12,6). Contudo, “não há lei ou regra alguma que obrigue alguém a repartir a metade de seus bens com os pobres. Dar a metade dos bens aos pobres é a grande novidade que o encontro com Jesus provocou, é o fruto da nova relação

olhares sinceros é contraposta por olhares maldosos, os da multidão que acompanhava a cena. “Ao verem isso, todos começaram a murmurar, dizendo: ‘Foi hospedar-se na casa de um pecador.’”⁹ Fixados na exterioridade, foram incapazes de perceber o que se passava no coração de Jesus e no coração de Zaqueu.

O rico cobrador de impostos, querendo ver – fixar o olhar em – Jesus, na verdade foi visto por ele. O olhar do Mestre provocou uma reviravolta na vida daquele homem. O sinal mais evidente consistiu na superação do apego à riqueza, acumulada por meios desonestos, e na demonstração de solidariedade com os pobres. Sem que o Mestre lhe tenha dirigido uma só palavra, confessou a disposição sincera: “Senhor, a metade dos meus bens darei aos pobres, e se prejudiquei alguém, vou devolver quatro vezes mais”.¹⁰ Defraudar as pessoas e ser insensível em relação aos pobres são faces da mesma moeda. Daí a necessidade de estarem juntas no gesto de conversão de Zaqueu.

Tratou-se de uma decisão radical e imediata! Quiçá não tenha dado tudo aos pobres para poder realizar um gesto de justiça e honradez em relação àqueles a quem explorou e que receberiam o quádruplo.¹¹ Nada de promessas falsamente piedosas, como seria colocar uma esmola no cofre do templo. Tampouco a manifestação do desejo de converter-se, porém sem abrir mão da idolatria do dinheiro. Ou, então, deixar Jesus passar por sua vida sem que as marcas da presença deste fossem perceptíveis. Apesar de estarem no futuro, os verbos “darei” e “restituirei” têm o sentido de presente, uma decisão que será posta em prática já, sem protelá-la para um futuro indefinido. No máximo, um futuro próximo.¹² A declaração feita “de pé”, indício de solenidade e de seriedade, é uma “espécie de voto de Zaqueu”, disposto a desfazer-se dos bens amealhados de forma indevida e que não lhe pertenciam.¹³

A pedagogia de Jesus em relação ao rico cobrador de impostos é exemplar. Não lança sobre ele todos os preconceitos que recaíam sobre sua classe social. Não o submete a uma sabatina, para levá-lo a confessar, publicamente, todos os

seus malfeitos. Não lhe dá lição de moral, julgando-o com moralismo legalista impiedoso, incapaz de considerar-lhe as intenções. Simplesmente o honra com sua visita. E esse sinal de deferência tem o poder de fazer dele um homem novo.¹⁴ Zaqueu age com plena liberdade, sem que Jesus tenha exigido nada dele. Jesus simplesmente o valorizou. Isso o tocou no mais íntimo, dando-lhe uma guinada na vida. Doravante, será solidário com os pobres e pautar-se-á pelo respeito ao próximo, a quem não mais defraudará.¹⁵ Jesus fez desabrochar o desejo secreto que estava no coração de Zaqueu, sem fixar-se em suas ações passadas.¹⁶ Quem desejava ver Jesus (v. 3) foi visto por Jesus (v. 5). Quem estava em busca de Jesus (v. 3) foi encontrado por Jesus (v. 10).¹⁷

Sob o olhar de Jesus, Zaqueu desponta como nova criatura ao realizar o gesto de conversão exigido por João Batista dos cobradores de impostos (Lc 3,12-13). Jesus dá a esse processo o nome de “salvação”. “Hoje aconteceu a salvação para esta casa!” “Casa” é o coração de Zaqueu, onde Jesus queria hospedar-se. Afinal, “o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”. Ser salvo é deixar-se encontrar por Deus! É abrir o coração para Deus e ser transformado pela força do amor que jorra do olhar de Jesus.¹⁸ Dar os bens aos pobres, no caso de Zaqueu, foi mais que comiseração ou mera filantropia; tratou-se de uma decisão ética e espiritual, numa linha de “pacto de justiça”.¹⁹

Herodes: o ímpio vê, apenas, a exterioridade de Jesus

A fama de Jesus chegou aos ouvidos de Herodes. E o deixou desconcertado. Lc 9,7-9 afirma que Herodes ficou confuso, “porque alguns diziam que João Batista tinha ressuscitado dos mortos. Outros diziam que Elias tinha aparecido; outros ainda, que um dos antigos profetas tinha ressuscitado”. As interpretações convergiam no elemento profético, embora as identificações fossem discordantes. A evocação dos profetas de outrora, ao buscar uma chave para entender o ministério de Jesus, trazia à tona os bem conhecidos

estabelecida com Jesus” (EQUIPE DE REFLEXÃO BÍBLICA, *Corpos solidários em tempo de travessia*. Uma leitura de Lucas em perspectiva de solidariedade. Rio de Janeiro: Publicações CRB, 2008. p. 50).

11. Cf. BOVON, *El evangelio según San Lucas III*, p. 340.

12. *Ibid.*

13. Cf. EQUIPE DE REFLEXÃO BÍBLICA, *Corpos solidários em tempo de travessia...*, p. 49.

14. Cf. THAYSE, A. *Luc; l'Évangile revisité*. Bruxelles: Ed. Racine, 1997. p. 193.

15. “Zaqueu está disposto a lutar por uma sociedade mais justa, ele que era o símbolo personificado de toda injustiça” (RIUS-CAMPS, J. *O evangelho de Lucas; o êxodo do homem livre*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 289).

16. Cf. THAYSE, A. *Luc; l'Évangile revisité*, p. 194.

17. “Jesus vinha para procurar e salvar Zaquero, antes mesmo de este procurar vê-lo e conhecê-lo” (ALETTI, J.-N. *Voltar a falar de Jesus Cristo*; a escrita narrativa do evangelho de Lucas. Lisboa: Cotovia, 1999. p. 23).

18. “Zaqueu não dá aos pobres *para* ser salvo, mas *porque* foi salvo” [grifo do autor] (THAYSE, *Luc*; l’Evangile revisite, p. 193).

19. Cf. BURGOS NÚÑEZ, M. de. El relato de Zaquero (Lc 19,1-10): un pacto de justicia. *Communio* [espanhol] 26 (1993) 165-184. A salvação chega “porque se restabelece a justiça com os pobres e com quem foi despojado de seus bens” (p. 181).

conflitos entre os profetas e os reis de Israel. Aliás, o profetismo bíblico clássico nasceu e morreu com a monarquia por ser contraponto crítico dos desmandos dos reis, que agiam na contramão do querer de Deus, não se interessando pela sorte dos pequenos e dos pobres, nada fazendo para defender a causa dos órfãos e das viúvas, tampouco dos injustiçados. Antes, a injustiça contava com o beneplácito evidente ou implícito da casa real. Os profetas, movidos pela fé, viam-se impelidos a denunciar as injustiças e a exigir conversão por parte dos agentes da impiedade, a começar pelos reis. Profetas e reis estavam em constante conflito!²⁰

De uma coisa Herodes estava certo: não podia ser João Batista, de quem havia mandado cortar a cabeça. Uma pergunta pairava no ar: “Quem será esse homem, sobre quem ouço falar estas coisas?”. De forma estúpida mandara decapitar o profeta João, encarcerado por ter-lhe denunciado uma conduta imprópria (Mc 6,17-29). E, assim, excluía quem lhe causava incômodo com suas denúncias. Daí o desejo: “E procurava ver Jesus”. Que terá passado pela cabeça de Herodes? Queria verificar a real periculosidade de Jesus? Queria testar-lhe a capacidade de enfrentá-lo? Queria constatar que tipo de ideias defendia e que objetivos tinha em mente? Como a motivação do desejo não é revelada, pode-se levantar muitas perguntas. Mais tarde, o narrador cuidará de dizer o porquê.

As disposições de Herodes em relação a Jesus, com certeza, não eram cordiais. Aquele não estava pronto para estabelecer com este um diálogo desarmado, sem preconceitos, com vontade de acolher-lhe as palavras e deixar-se tocar por elas, como sabia acontecer com as multidões. Afinal, queria encontrar-se com Jesus “para tirar a limpo” uma série de dúvidas que os assessores eram incapazes de elucidar.

A ocasião do encontro chegou no contexto da Paixão (Lc 23,8-12). Jesus fora conduzido à presença de Pilatos, que não conseguia chegar a uma conclusão a respeito da inocência ou culpabilidade do acusado por um crime que a autoridade romana sabia não ser verdadeiro. “Ele agita o povo, ensinando por toda a Judeia, desde a Galileia, onde

começou, até aqui” (Lc 23,5). Se isso fosse verdade, a ineficiência de Pilatos ficaria patente. Como poderia deixar um agitador agir livremente sem dar-lhe um basta? E mais: como foi possível deslocar-se da Galileia até a Judeia sem que as tropas romanas tivessem tomado as devidas providências para detê-lo? Pilatos pôde perceber, de imediato, a falsidade da acusação.

Para escapar da responsabilidade, sabendo que Jesus era galileu e que a autoridade romana da Galileia – Herodes – estava em Jerusalém, tomou a decisão de enviar-lhe Jesus para que o julgasse. E, assim, ofereceu a Herodes a chance de ver Jesus. “Herodes ficou muito contente ao ver Jesus, pois havia muito tempo deseja vê-lo. Já ouvira falar a seu respeito e esperava vê-lo fazer algum milagre” (Lc 23,8).²¹ Reduzido à condição de réu, carregado de acusações, Jesus não oferecia nenhum perigo. No pensar do tirano, se tivesse poder especial seria capaz de realizar gestos espetaculares. E, assim, dar provas de possuir um diferencial.

Entretanto, milagre algum haveria de converter o coração do violento Herodes, por faltarem-lhe as condições básicas. Caso atendesse ao pedido, Jesus, no máximo, poderia ser identificado como milagreiro ou mágico, com o dom de divertir o “respeitável público”, sem tocar-lhe o coração. Por isso, apesar das insistentes perguntas de Herodes, Jesus permanecia calado. Herodes era acompanhado em sua maldade. “Os sumos sacerdotes e os escribas estavam presentes e o acusavam [a Jesus] com insistência” (Lc 23,10). Tudo em vão, pois Jesus recusava-se a submeter-se aos caprichos daquela gente ímpia, sem nenhum respeito por um ser humano indefeso. Pessoas que não estavam dispostas a ouvir e dar-lhe atenção, sobretudo razão.

Herodes viu Jesus, mas sem atingir seus objetivos. Por isso, “com seus soldados, tratou Jesus com desprezo, zombou dele, vestiu-o com uma roupa vistosa e mandou-o de volta a Pilatos”. Herodes, de veras, viu Jesus. No entanto, uma visão puramente física, material, exterior e superficial. Foi incapaz de vê-lo em profundidade e, de modo especial, deixar-se ver por ele. Lançou o olhar sobre Jesus, entretanto

20. Havia em Israel os profetas de corte – profetas áulicos –, que estavam a serviço dos reis, para dizer-lhes se determinada ação tinha ou não a aprovação divina. Em geral, eram corruptos e não queriam desagradar os monarcas. Por isso foram alvo da denúncia profética (Mq 3,5-6.11; Is 9,14). Vale a pena ler 1Rs 22,1-28, ilustração perfeita do conflito dos profetas individuais com os profetas de corte.

21. A tríplice repetição do verbo “ver” sublinha a intensidade do desejo de Herodes.

não permitiu que Jesus pousasse o olhar sobre ele. Viu Jesus, mas fechando-se em sua maldade, egoísmo e preconceitos. A falta de abertura impediu-o de ser beneficiado pelo olhar de Jesus, com a capacidade de produzir transformação no coração humano. Em suma: Jesus passou pela vida do ímpio sem deixar marcas. Será?

A narração evangélica refere-se ao milagre grandioso realizado por Jesus, o qual Herodes foi incapaz de perceber. “Naquele dia, Herodes e Pilatos se tornaram amigos, pois antes eram inimigos” (Lc 23,12). Coisa impensável sem a presença de Jesus! Como é possível duas víboras tornarem-se amigas? Foi o que aconteceu: os dois ímpios passaram a entender-se quando Jesus, de maneira enviesada, cruzou-lhes o caminho. Assim como Zaqueu reconciliou-se com os pobres e com as vítimas de sua ganância, também Herodes reconciliou-se com o inimigo Pilatos. É a presença de Jesus mexendo na vida das pessoas.

De alguma forma Jesus atendeu à curiosidade de Herodes, desejoso de vê-lo realizar milagres. Todavia, o ímpio não chegou a dar-se conta do ocorrido.

Ver e deixar-se ver: um caminho sapiencial

A experiência de querer ver Jesus e de deixar-se ver por ele tem um forte viés sapiencial. Corresponde ao querer encontrar a Sabedoria e, afinal, ser encontrado por ela. “A Sabedoria é luminosa e nunca murcha. Facilmente é contemplada por aqueles que a amam, e é encontrada pelos que a procuram. Ela até se antecipa, apressando-se a mostrar-se aos que a desejam. *Quem por ela madrugando não se cansa, pois a encontrará sentada à porta*” (Sb 6,12-14). “Amo aqueles que me amam, e os que por mim madrugam me encontram” (Pr 8,17). Quem procura a Sabedoria na certa a encontrará. Antes, vê-la-á vir a seu encontro. Jamais alguém ficará frustrado na busca da Sabedoria, sendo incapaz de realizar seu anseio. Ela se antecipa, pois está à procura do ser humano, para torná-lo sábio. Por conseguinte, os estultos e os ímpios não têm como se justificar. Perseveram num caminho

equivocado porque querem. O caminho da Sabedoria está sempre a um passo. Basta um mínimo de boa vontade!

Quem deseja ver Jesus – a Sabedoria do Pai no seio da humanidade – será encontrado por ele. Quem “quer vê-lo” será visto por ele.²² Sua missão foi a de “procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10). As três parábolas da misericórdia, em Lc 15, ilustram essa dimensão do ministério de Jesus. O encontro é sempre motivo de alegria. “[...] haverá no céu alegria por um só pecador que se converte, mais do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão” (v. 7). “[...] haverá alegria entre os anjos de Deus por um só pecador que se converte” (v. 10). “[...] era preciso festejar e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado” (v. 32). É a alegria divina por alguém ter encontrado o caminho da Sabedoria, como volta para o amor e a solidariedade, na comunhão fraterna.

A tradição sapiencial do Antigo Testamento oferece pistas para a compreensão da sabedoria cristã. A sabedoria caracteriza-se como sabedoria de viver. Logo, nada de teorias ou idealizações. Trata-se de, por meio da experiência, encontrar a maneira correta de relacionar-se com o semelhante, com o objetivo de criar laços de respeito e de fraternidade, fundados no direito e na justiça. As inter-relações devem estar ancoradas em posturas sábias, a fim de possibilitar aos seres humanos viverem em paz, sem exploração e sem opressão. E mais: sem miséria nem opulência. A partilha torna-se imperativo incontornável, pois o acúmulo de bens só acontece pela apropriação indébita do que pertence a outrem.

A Sabedoria é um caminho a ser construído a duras penas, na contramão da injustiça e da maldade, geradoras de desequilíbrios sociais. Exige do ser humano lançar-se, inteiramente, na luta diuturna contra as forças da opressão e da exclusão, pelas quais largas faixas da população veem-se deixadas de fora da participação dos bens deste mundo. O sábio, portanto, está longe de uma existência tranquila, num mundo onde reina a Sabedoria. Antes, está rodeado de insensatos que o questionam e põem empecilhos para

22. Jo 1,48 pode ser entendido nessa perspectiva: “Nata-nael disse-lhe: ‘De onde me conheces?’ Jesus respondeu: ‘Antes que Filipe te chamasse, quando estavas debaixo da figueira, eu te vi’”. Antes do contato físico com o Mestre, Filipe já estava sob seu olhar.

impedi-lo de seguir adiante. “Armemos ciladas ao justo, pois nos estorva: ele se opõe ao nosso modo de agir, re-preende em nós as transgressões da Lei e nos difama por pecarmos contra a nossa tradição” (Sb 2,12). Perseverar na Sabedoria é desafio constante para o sábio.

A Sabedoria tem em vista construir a sociedade querida por Deus, em que todos sejam irmãos e irmãs e tenham a dignidade respeitada. Dentre eles, os empobrecidos e marginalizados são, especialmente, visados. Quando campeia a impiedade, ou seja: falta Sabedoria, o resultado serão a dor e o sofrimento das parcelas mais fragilizadas da sociedade. Basta olhar para um grupo humano e perceber o que ali acontece para constatar se é formado por sábios ou por estultos. A prevalência do amor e da justiça revelará a presença da Sabedoria. Na contramão, a primazia da violência e da discriminação apontarão para o predomínio da estultícia.

O sábio supera as relações de conveniência, visando estabelecer com o próximo relações fecundas de amizade e de solidariedade, origem do mundo sem violência, mas também sem individualismo e espírito de gueto. Nesse contexto, a insensatez corresponde a fechar-se no mundo dos interesses pessoais, sem levar em conta as carências e as necessidades alheias. Agindo com a mais total insensibilidade, o ímpio não se deixa interpelar e sensibilizar pelo sofrimento do próximo.

A sabedoria, em Israel, consistia na adesão ao querer do Deus Criador, identificado com o Deus que libertou o povo da opressão egípcia. A Sabedoria foi projetada na direção do Deus pessoal, cuja ação em favor do seu povo demonstrou-o comprometido com os oprimidos deste mundo, por valorizar o respeito à dignidade do ser humano e não suportar vê-lo vitimado pela maldade e pela violência. A Sabedoria cristã deu um passo adiante e, ao considerar Jesus como encarnação da bondade divina, considerou-o como encarnação da Sabedoria. Para os cristãos, a Sabedoria tem nome e rosto: Jesus de Nazaré.

O ser humano, e por conseguinte o cristão, a cada passo estão diante da urgência de optar pelo caminho a seguir.

Só existem duas possibilidades. Não existe uma terceira via! Veem-se obrigados a optar pelo caminho da Sabedoria, identificada com o amor, o bem, o perdão, a verdade e todas as ações que criam laços entre os seres humanos, ou, na direção contrária, pelo caminho da impiedade, identificado com o egoísmo, a maldade, a vingança, a mentira e todas as ações que minam as relações interpessoais, a ponto de tornar impossível a convivência entre os seres humanos. Trilhar os caminhos da sabedoria ou da impiedade resultará, pois, de um ato da liberdade, pelo qual o indivíduo será responsabilizado. Ninguém se torna sábio ou ímpio por pressão externa, a qual poderá existir! Entretanto, só terá efeito sobre o indivíduo se for abraçada por decisão pessoal.²³

No sermão da montanha, a opção do discípulo é formulada com três metáforas. O discípulo do Reino vê-se obrigado a escolher entre a porta estreita e a porta larga, entre deixar-se guiar pelo verdadeiro ou pelo falso profeta, entre o falar e o agir (Mt 7,13-23). A parábola que segue ilustra a sabedoria e a insensatez do discípulo. O discípulo sensato decide-se por ouvir a palavra do Mestre Jesus e colocá-la em prática, enquanto o insensato, apesar de ouvi-la, recusa-se a deixar-se guiar por ela. As consequências são previsíveis (Mt 7,24-27).

Tanto Zaqueu quanto Herodes, desejando “ver Jesus”, em última análise tiveram a chance de encontrar-se com a Sabedoria. Zaqueu cultivava no coração motivações sinceras, daí ter sido encontrado pela Sabedoria, que lhe deu uma guinada na existência. Antes de ver Jesus, foi visto por ele. E sob o olhar de Jesus tornou-se outra pessoa. Herodes, por sua vez, perdeu a chance de deixar-se ver pela Sabedoria e, assim, fazer um percurso sapiencial, pela superação da maldade e da violência. A presença física de Jesus torna-se insuficiente quando o coração humano está fechado e o indivíduo não dá mostras de querer mudar. Jesus é impotente diante de corações duros, empedernidos e fechados.²⁴ A metáfora de Ap 3,20 é sugestiva. “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, eu entrarei na sua casa e tomaremos a refeição, eu com ele e ele comigo”. A Sabedoria

23. Rm 7,14-25 deve ser devidamente interpretado para não se chegar à conclusão de que o ser humano está sob a tutela do mal – “Não faço o bem que quero, mas faço [prático] o mal que não quero” – como se a graça – a Lei do Espírito – não tivesse nenhuma incidência sobre a existência humana.

24. “A sorte de Herodes Antipas (At 12,20-23) estará, finalmente, nas antípodas da de Zaqueu, pois o monarca deseja ser simples espectador de prodígios (Lc 23,8), enquanto o publicano chefe, na busca pessoal de Jesus, foi chamado a participar, pessoalmente, na ação salvadora” (BOVON, *El evangelio según San Lucas III*, p. 337).

só entra no coração humano se a porta lhe for aberta. Como Herodes não se predispsôs, a Sabedoria ficou de fora. Ele não se deixou encontrar. Recusou-se a estar sob o olhar de Jesus. Perdeu a chance de tornar-se um homem novo.

O caminho sapiencial de Zaqueu. O caminho estulto de Herodes

O encontro com Jesus possibilitou a Zaqueu fazer um percurso sapiencial, identificável com várias passagens:

- *Do apego à liberdade em relação ao dinheiro.* O dinheiro deixou de ser um absoluto em sua vida. Compreendeu que é possível viver com pouco dinheiro, do qual podia abrir mão. Não valia a pena confiar em algo tão volátil, muito menos acumulá-lo à custa da corrupção. Jesus entrou na casa do homem rico que, com sua presença, tornou-se a casa do despojado em favor dos pobres e da conduta ética.
- *Da insensibilidade à sensibilidade em relação aos pobres.* Meta-de de seus bens foi destinada aos necessitados. Doravante, esses serão objeto da atenção do ex-rico egoísta, sem entranhas de misericórdia. Partilhar com eles tornou-se imperativo.
- *Da desonestidade ao respeito em relação ao semelhante.* Quem fora fraudado receberia de volta o quádruplo. O comportamento antissocial foi suplantado pelo gesto de extrema grandeza de coração: a restituição generosa, para além dos limites estreitos do que seria justo. “Quatro vezes mais” indicava as dimensões do passo que estava sendo dado.
- *Do egoísmo à generosidade.* O horizonte de Zaqueu abriu-se para a generosidade, permitindo-lhe superar a tirania do egoísmo, que o levava a coisificar o semelhante, a ponto de não ter escrúpulos de explorá-lo e torná-lo vítima da ganância sem piedade.

Herodes encontra-se no polo oposto. Tendo perdido a chance de dar uma guinada em sua vida, seguiu adiante no caminho da estultícia:

- *No caminho de maldade e violência.* Ele mesmo declara ter mandado decapitar João Batista (Lc 9,9). A violência voltou-se contra um ser indefeso e impotente, cujo único “erro” consistiu em mostrar-se livre diante do malvado, jogando-lhe na face o malfeito.
- *No caminho de surdez diante da verdade.* A denúncia de João Batista, longe de encontrar acolhida benévola, tornou-se motivo de ira e perseguição. O encarceramento do profeta deveu-se à denúncia da má conduta do prepotente, que perdeu a chance de acolher a advertência e corrigir-se.
- *No caminho de cegueira espiritual.* Tendo a oportunidade de encontrar-se com Jesus e “vê-lo”, limitou-se à pura visão física e exterior. Realmente, não o viu, por não estar disposto a deixar-se ver por ele, com sua força de transformação do ser humano. Olhou para Jesus sem a capacidade de vê-lo e reconhecê-lo.²⁵
- *No caminho de alegria superficial.* O ímpio Herodes “alegra-se” ao ver Jesus, nutrindo a expectativa de que fizesse algum milagre. A alegria dos perversos! A superficialidade do ímpio fica sem resposta, pois Jesus recusou-se a submeter-se a seus caprichos. Jesus somente aceita relacionar-se em nível de profundidade. Os superficiais autoexcluem-se, impedindo que o Mestre entre em sua “casa”.
- *No caminho de desrespeito ao ser humano.* Diante da liberdade serena e sem medo de Jesus, o ímpio Herodes passa a tratá-lo “com desprezo e escárnio” e, por zombaria, coloca-lhe uma veste brilhante, como as que os príncipes usavam, e o manda de volta a Pilatos. A impiedade mostra-se, pois, com a cara do vilipêndio do ser humano.
- *No caminho da incapacidade de discernir.* O ímpio Herodes foi incapaz de reconhecer como milagre realizado por Jesus o reatamento da relação com Pilatos. Duas raposas perversas tornarem-se amigas tem uma relevância transcendental.

25. A experiência é distinta da dos discípulos a quem Jesus convida: “Vinde e vede”; “Foram, viram onde morava [...]” (Jo 1,39). A visão, nesse caso, comporta conhecimento de Jesus, sua identidade e proposta missionária, com o respectivo apelo ao seguimento. O conhecimento físico e curioso seria incapaz de levar os discípulos a tomarem a decisão radical de seguir Jesus.

Zaqueu e Herodes encarnam dois modelos de discípulos do Reino. Um se deixa transformar por Jesus, a ponto de tornar-se ser humano novo; o outro permanece firme no caminho equivocado, embora tendo se encontrado com a Sabedoria.

A caminhada sapiencial na Vida Religiosa Consagrada: quem somos?

Todos(as) os(as) Religiosos(as), sem exceção, como Zaqueu e Herodes, querem ver Jesus. Entretanto, é preciso perguntar-se pelo exemplo que está seguindo: o do rico cobrador de impostos de Jericó (Lc 19,1) ou o do tetrarca da Galileia (Lc 3,1)?

As chances de encontrar e “ver” Jesus na Vida Religiosa Consagrada são muitas. A mais importante de todas é a *Eucaristia*. O mistério celebrado possibilita aos(as) Religiosos(as) confrontar-se com Jesus que lhes fala, indicando-lhes um caminho sapiencial, no qual o amor e a solidariedade são fundamentais. Daí a questão: como os(as) Religiosos(as) celebram a Eucaristia, como Zaqueu ou como Herodes? Basta ver a qualidade da vida comunitária e a intensidade do zelo missionário para que se tenha a resposta.

A *oração* é outra experiência importante de querer ver Jesus e deixar-se ver por ele. A oração verdadeira não é a feita de palavras mecanicamente repetidas, tampouco para cumprir as exigências da Congregação. Rezar não é um ato entre tantos, e sim o estar continuado na presença de Deus, a quem se busca escutar, a cada momento, para acertar no caminho a seguir. Ou, então, é o estar sob o olhar de Jesus, cuja bondade e compaixão transformam o coração humano, sensibilizando-o para a vivência sincera da caridade. Mais uma vez, é possível perguntar com que disposição rezamos e colocamo-nos diante do Senhor: com o coração aberto para deixarmo-nos transformar ou fechados em nós mesmos, incapazes de escutar os apelos à conversão? O olhar do Pai e o do Filho, pousados sobre nós, têm a força de fazer de nós pessoas novas ou, embora acreditando termos dado

tempo à oração, continuamos nosso caminho insensato de egoísmo e individualismo?

As variadas experiências de *retiro* são, igualmente, oportunidades privilegiadas de ver Jesus e deixar-se ver por ele, de estar sob seu olhar. Todavia, basta suspender a rotina diária, mudar de ambiente, ficar em silêncio, escutar pontos para a oração e dar-se ao trabalho de deixar-se guiar por alguém para que o encontro com o Senhor esteja garantido? Tudo dependerá do espírito com que se faz. Novamente, Zaqueu e Herodes servem de modelos. No primeiro caso, o desejo do Mestre – “Hoje eu devo ficar na tua casa!” – é prontamente atendido. E a salvação entra na casa de quem quer ver Jesus e se manifesta como liberdade de coração, disposição para partilhar e solidariedade com os pobres. Quem faz retiro com o espírito de Herodes termina-o da mesma maneira com que começou a experiência: com o egoísmo intocado.

A *vida comunitária* pode ser vivida sob o olhar de Jesus, donde resultam atitudes sapienciais de partilha, de perdão, de mútua ajuda, de colaboração, de capacidade de olhar o outro sem julgar e rotular. É como se o olhar de Jesus pousasse sobre o grupo, levando-o a encontrar caminhos de crescimento, possibilitando-lhe ver o que de melhor existe no outro, todo o seu potencial. E, também, reconhecer-lhe as arestas e as vulnerabilidades e dispor-se a ajudá-lo a apará-las. É o olhar cordial que permite identificar os “nós” comunitários e começar a desatá-los. Para tanto, é preciso que, no peito de cada Religioso e de cada Religiosa, bata um coração semelhante ao de Zaqueu, pronto a transfigurar-se a partir do encontro com o Senhor. Na contramão, está a atitude herodiana daqueles cujo encontro com Jesus não surte o desejado efeito de transformação do coração. Por isso, apesar da frequência na Eucaristia, da assiduidade à oração, da fidelidade aos retiros, a vida comunitária tem marcas de intolerância e dureza no trato mútuo, de individualismo e insensibilidade, de incapacidade de juntar forças e unir-se num mesmo ideal. É o espírito de Herodes imperando, sem que a presença de Jesus possa exercer influência positiva. No

Evangelho, Herodes e Pilatos tornam-se amigos. Na Vida Religiosa Consagrada, ocorre que Jesus é incapaz de criar vínculos de amizade entre membros da mesma comunidade. Embora sendo invocado, não tem suficiente força para gerar o milagre da “união dos corações”. Quando numa comunidade religiosa existem muitos Herodes, em litígio, o contratestemunho torna-se insuportável. É a morte da Vida Religiosa Consagrada!

O exercício da *missão*, para os(as) Religiosos(as), pode acontecer na perspectiva de Zaqueu ou na perspectiva de Herodes. No primeiro caso, tudo quanto se faz, sob o olhar de Jesus, é expressão de conversão e de solidariedade. Os pobres, de modo especial, encarnam o olhar de Jesus pousado sobre os(as) Religiosos(as) em missão. Olhar que abre perspectivas de salvação por exigir a superação do egoísmo ao se optar pelo amor misericordioso. No segundo caso, o(a) Religioso(a) comporta-se como tirano das pessoas, sem nenhum respeito e consideração, a ponto de não se importar de ridicularizá-las e, em casos extremos, eliminá-las. Poderá não ser a eliminação física, mas moral, espiritual, religiosa e até mesmo social. O trato indiferente com as pessoas pode ser identificado como herodiano. Com certeza, será difícil encontrar Religiosos(as) que encarnem a figura de Herodes nos termos referidos. Entretanto, onde houver insensibilidade e prepotência, aí o espírito de Herodes estará atuando.

A *formação* na Vida Religiosa Consagrada deverá consistir num contínuo aprendizado a viver com os olhos fixos em Jesus e, por conseguinte, deixar-se olhar por ele e viver sob seu olhar transformador. A disposição de Zaqueu deveria ser o normal por parte de cada formando. A caminhada formativa transformar-se-ia, então, num contínuo crescimento na solidariedade com os pobres, no desapego do coração e na busca de uma ética elevada. Essa dimensão da sabedoria evangélica mostra-se, de modo especial, importante no atual contexto cultural, em que o individualismo alastra-se como erva daninha. A postura inspirada em Zaqueu libertaria o coração do formando de todo tipo de apego e

possibilitar-lhe-ia viver a formação como mistagogia, caminho para Deus.

E quando o formando vem com o espírito de Herodes? Será preciso esclarecer vários elementos: quais as raízes do egoísmo e da autossuficiência? Tem desejo de converter-se? Dá esperanças de converter-se? Dispõe-se a aproveitar os meios que a Congregação coloca à sua disposição? Será preciso acompanhar-lhe a caminhada. Caso não dê sinais de que algo de Zaqueu esteja acontecendo em sua vida, a prudência aconselha despedi-lo, por não ter a base necessária para viver a vocação à Vida Religiosa Consagrada. Na eventualidade de deslanchar um processo de conversão, deverá ser incentivado a continuar e a dar sempre novos passos.

Conclusão

A narrativa lucana em torno de Zaqueu e de Herodes oferece pontos importantes para o exame de consciência de Religiosos e Religiosas que desejam viver, com fidelidade, o discipulado cristão. Pessoas cujas vidas definem-se pelo compromisso com Jesus e com o Reino de Deus têm como ponto de honra dar testemunho crível de sua opção. Estando de “olhos fixos em Jesus”, são convidadas a deixar que o olhar de Jesus pouse sobre eles, provocando uma autêntica conversão, que os faça voltar para os pobres e para uma vida de alta qualidade ética.

Zaqueu e Herodes representam dois modelos contrastantes. O modelo Herodes deve ser descartado. É insensato optar pela Vida Religiosa Consagrada e, nela, encarnar a figura do cruel tirano! A sensatez aponta para o modelo Zaqueu. Muitas questões devem, então, ser respondidas. Trago no coração o desejo sincero de “ver” Jesus? Faço o que está ao meu alcance para que isso aconteça, afastando os empecilhos? Permito que Jesus encontre-me e pouse seu olhar sobre mim? Que transformações experimento em minha vida, na linha da solidariedade com os pobres e do compromisso com a ética? A passagem de Jesus por minha vida produz desapego e liberdade? Tenho consciência de que a

salvação acontece na superação do egoísmo, da idolatria, da desonestidade e da insensibilidade?

O modelo Zaqueu exige que os(as) Religiosos(as), continuamente, questionem-se. E perguntem-se do que devem desfazer-se para viver com liberdade a vocação de servidores e servidoras do Reino. Quiçá seja conveniente fazer nossa a súplica do pai do menino possesso (Lc 9,38) – “Senhor, nós necessitamos que tu volvas o olhar sobre nós!” – na esperança de sermos libertados, pelo olhar de Jesus, dos maus espíritos que nos impedem de viver nossa vocação com autenticidade e radicalidade.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que desdobramentos ético-sapienciais deve produzir a experiência de ter “os olhos fixos em Jesus”, querer vê-lo e deixar-se ver por ele? Como fazer a passagem da espiritualidade para a vida e da contemplação para a ação?
2. Onde é possível identificar o modelo Zaqueu e o modelo Herodes em minha/nossa experiência pessoal, comunitária e congregacional? O que está na origem de cada um deles e o motiva? Por que as oportunidades de ver Jesus e deixar-se ver por ele têm pouco efeito sobre os(as) Religiosos(as)?
3. Somos conscientes de que a Vida Religiosa Consagrada consiste numa Sabedoria de vida, acentuadamente profética? Quais são os entraves para que a Sabedoria encarnada por Zaqueu concretize-se em nossas vidas, tornando-nos profetas e profetisas do Reino? Que fazer para superá-los?

Diferentes gerações na Vida Religiosa Consagrada hoje: desafios e perspectivas. Enfoque antropológico

305

PAULO DULLIUS*

Iahweh, Senhor nosso, quão poderoso é teu nome em toda terra [...] Quando vejo o céu, obra de teus dedos, a lua e as estrelas que fixaste [...] que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, que venhas visitá-lo? E o fizeste pouco menos do que um deus, coroando-o de glória e beleza. Para que domine as obras de tuas mãos sob seus pés tudo colocaste [...] (cf. Sl 8).

Para compreender o tema

O Sl 8 introduz-nos em nosso tema ressaltando a maravilha do ser humano enquanto ser e enquanto fazer: sua dignidade e beleza semelhante aos anjos e a Deus e tendo como missão dominar as obras presentes no mundo. Evidentemente, o salmo não expressa toda a realidade humana, apenas quer situar o ser humano dentro do universo.

Nosso tema compreende três conteúdos básicos que precisam ser inter-relacionados: gerações, Vida Religiosa, dimensão antropológica. A partir deles, pensa-se nos desafios e perspectivas. Certamente, a questão da Vida Religiosa Consagrada e a questão “diferentes gerações” têm sido amplamente analisadas. Cabe a mim recordar alguns aspectos antropológicos constitutivos do ser humano, refletindo-os dentro das diferentes gerações. Servem-nos de linha orientadora a antropologia bíblica, a antropologia filosófica e a antropologia teológica.

Para abordar o tema, vários caminhos são possíveis. Diversos autores poderiam iluminar-nos. Sabino Palumbieri,

* **Paulo Lari**

Dullius é Irmão de La Salle, formado em Teologia e Psicologia, com doutorado em Filosofia. Há vários anos trabalha na formação dentro e fora da Congregação. Integrante da Equipe de Reflexão Psicológica e de outras equipes da Congregação nos âmbitos local e internacional.

Endereço do autor:

Rua Honório Silveira Dias, 636, Bairro São José, CEP 90550-150, Porto Alegre-RS.

E-mail: pdullius@delasalle.com.br.

por exemplo, apresenta-nos sua visão antropológica considerando o homem como uma maravilha, enfocando-o sob vários estágios de aproximação e expressão:¹ *em si*, considerando sua vida e corporeidade como experiência e como linguagem; *por si*, ou seja: a realidade externa que entra no ser humano e é elaborada através do conhecimento, da procura da verdade, do autoconhecimento, da vontade com sua intencionalidade, da liberdade entre verdade e limite, da axiologia; *pelos outros*, nas características pelas quais o ser humano sai de si ao encontro dos outros, pelos sentimentos e pelo amor como ápice da autotranscendência. Esquema semelhante é-nos dado por Joseph Gevaert,² que caracteriza a dimensão humana como uma tarefa a construir. Todos os autores, que escrevem sobre a antropologia filosófica ou mesmo teológica e bíblica, enfatizam alguns aspectos importantes do ser humano, enquanto constituição antropológica e enquanto realização fenomenológica. Pode-se encontrar uma síntese na afirmação de Paul Ricoeur que define o homem como capaz: capaz de agir, capaz de falar, capaz de narrar-se e capaz de responsabilizar-se ou imputar-se por suas ações.³ Nessas potencialidades do “capaz” podemos incluir praticamente todas as ciências e o ser, o conviver e o agir humanos.

Uma antropologia do Antigo Testamento, ao falar do ser do homem, tende a incluir as características de necessitado, efêmero, racional, corpo como vida, como tendo um interior e uma figura e essência. Ao falar do mundo do homem, considera-o como imagem de Deus, como homem e mulher, como indivíduo e comunidade etc.⁴

A Bíblia introduz-nos na excelência humana falando da imagem e semelhança com Deus. Em que consistem? Fala-nos também das características humanas, expressas no mito de Adão, no qual se destacam a abertura ao infinito, a finitude e a presença do mal. Jesus conhece a centralidade do amor que deve ser vivido plenamente, com todo o coração, com toda a inteligência e com todas as forças. São Paulo fala-nos do homem carnal, do homem psíquico e do

1. PALUMBIERI, Sabino. *L'uomo, questo paradossso*. Roma: Urbaniana University Press, 2000. *O homem, esta maravilha*. Roma: Urbaniana University Press, 1999.

2. GEVAERT, Joseph. *Il problema dell'uomo*. Torino: Elle Di Ci, 1995.

3. Cf. RICOEUR, Paul. *O si mesmo como um outro*. Trad. de Lucy Moreira César. São Paulo: Papirus, 1991. (Título original: *Soi-même comme un autre*. Paris: Éditions de Seuil, 1990.)

4. Cf. WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975.

homem espiritual. O Cristianismo – e nele a Vida Religiosa – construiu-se a partir da forte herança hebraica e grega.

A história, a filosofia e as religiões têm enfatizado aspectos antropológicos – uns mais, outros menos. Predomina a preferência pela dimensão espiritual em detrimento de outras, considerando-a mais excelente. Contudo, precisamos compreender a realidade humana dentro de uma diversidade de aspectos constitutivos e superar certas dicotomias e/ou reavaliar prioridades historicamente feitas. A excelência de cada aspecto está mais no desenvolvimento positivo dele e não tanto no paralelo que se faz com outros. O desenvolvimento mais particularizado de um deles em detrimento de outros atrofia o ser humano como um todo. Ainda que não se possa desenvolver ao máximo cada aspecto constitutivo, de tempos em tempos requer-se olhar o conjunto humano. Se existem diferentes características humanas, elas têm sua finalidade e sua bondade intrínsecas. Essas preferências ou insistências diferentes entram na questão das gerações. Cada geração privilegia alguns aspectos e deixa outros mais latentes. Ao redor dos que privilegia constrói sua autoimagem, os valores, os mecanismos de controle, seu sistema moral, sua estrutura. Quando uma geração ou um grupo privilegiam o espiritual, tendem a exaltá-lo, valorizá-lo mais que a dimensão física, a qual, nesse caso, tende a ser diminuída, culpada como a pecaminosa e perigosa... que se deve evitar.

O grande desafio consiste em desenvolver a realidade humana em suas diferentes expressões a partir de uma ampla compreensão antropológica, de uma opção fundamental cristã e de um estado de vida, que é o religioso.

Iniciaremos nossa reflexão recordando algumas características antropológicas e seu conteúdo específico. Onde for possível, faremos um aceno às diferentes gerações a fim de contribuir com a realidade atual da Vida Religiosa. Precisamos convir que a própria Vida Religiosa tem suas preferências e visões antropológicas, as quais refletem o desenvolvimento positivo de características humanas, mas também, nessas escolhas, tem-se omitido o desenvolvimento de outras. Em geral, tais opções devem-se a interpretações literais

da Bíblia e suas consequentes análises morais, e devem-se também, bastante, à necessidade de garantir a identidade da Vida Religiosa, com prejuízo para outras características humanas não diretamente ligadas a essas opções. Os resultados dessas opções históricas podem ser percebidos com certa facilidade.

O método histórico-dialético pode ser uma boa opção para compreender nosso tema. Na questão histórica, convém olhar o tempo. Em geral, o que o tempo aprova tem certa consistência antropológica. Outra observação: determinado aspecto, com adesão de um determinado grupo significativo, acompanhado no tempo..., em geral indica e a ele subjaz um aspecto antropológico importante, ainda que nem sempre o método e o conteúdo coincidam. Essa coincidência vai depender da maior ou da menor maturidade dos envolvidos. Dentro dessa visão histórica, minha proposição é que de tempos em tempos vão aparecendo os aspectos antropológicos significativos. Por aspecto dialético queremos afirmar que existe uma dialética dentro de conjuntos antropológicos e em relação a outros. Ou seja: se considerarmos, por exemplo, os níveis físico, psíquico e espiritual numa determinada época histórica, dar-se-á prioridade a um ou outro e, na etapa seguinte, a história tende a recuperar a que ficou mais omitida. E nessa recuperação pode haver exageros ou extremismos, maiores ou menores, dependendo da profundidade da lacuna antropológica em questão. Um conjunto dessas dialéticas pode ser as diferentes gerações. Além da dinâmica histórico-dialética, dentro de cada geração há uma forma dialética de viver as diferentes variáveis. Isso também se aplica aos indivíduos singulares. Isso explica porque sempre se precisa ter boa visão e boa memória histórica aliada a uma boa compreensão antropológica. Sintomas como insatisfação, agressividade, egoísmo, individualismo, rupturas, regressões, violências, mortes... podem indicar desviados desenvolvimentos de potencialidades humanas e frustração dos desejos profundos, emergentes da vontade de realização de cada um e de todos os aspectos importantes da constituição humana.

Povos, culturas, estados de vida, religiões... têm suas preferências e também suas mutilações antropológicas. O surgimento intensivo de movimentos e teorias sobre os mais diferentes aspectos do ser, conviver e agir humanos pode explicar o desejo consciente e/ou inconsciente de recuperar ou desenvolver variáveis antropológicas. Tais sintomas poderiam também explicar o surgimento de ideologias e utopias.⁵ Ideologias enquanto cristalização do passado e utopias enquanto projeção positiva para o futuro. As pessoas, os grupos e as Instituições tendem a privilegiar alguma variável antropológica. Uma vez definida, implícita ou explicitamente, a variável assumida é supervalorizada. Depois, ao redor dela criam-se ideologias, controles, estruturas, preconceitos em relação ao diferente, sistemas de culpa e desequilíbrios desproporcionais ao conteúdo em questão. Temas como obediência, pobreza, castidade, engajamento apostólico encontram-se facilmente entre essas escolhas.

O que se poderia propor como alternativa? Vamos optar pela aceitação da realidade antropológica e pelo desenvolvimento positivo de todas as características do ser humano, dentro do estado da Vida Religiosa.

Alguns aspectos antropológicos

Precisamos considerar dois aspectos do antropológico: um mais ontológico e outro mais fenomenológico. Uma coisa é a constituição antropológica, que é única e específica, cujas características são “iguais” em todos aqueles que pertencem ao gênero humano enquanto tal. Estão isentas das mudanças históricas, culturais, sexuais. Há situações e momentos nos quais os(as) Religiosos(as) consideravam ser tão diferentes que estavam isentos de algum aspecto antropológico pelo fato de terem decidido organizar sua vida a partir do nível espiritual. A capacidade de amar de muitos(as) Religiosos(as) é um permanente teste para essa concepção. A nós interessa mais a questão fenomenológica, ou seja, o *como* as características antropológicas são desenvolvidas na história, na cultura, na pessoa, nas gerações. Todos somos

5. Cf. RICOEUR, Paul. *Ideología y utopía*. Barcelona: Gedisa Ed., 1999. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed., 1975.

sempre influenciados pela realidade, elaboramos tais dados e organizamos as reações e nossa forma de ser. No fundo, trata-se de uma identidade *idem* e da identidade *ipse*, da qual

à imagem e semelhança de Deus. A antropologia teológica ocupou-se da compreensão desta *imago Dei*.⁸ Imagem e semelhança indicam que o ser humano tem características divinas, mas não é igual a Deus. Daí a semelhança expressável no todo e em qualquer aspecto de seu ser, desde que expresse amor. Não se trata, em primeiro lugar, da maior excelência da dimensão espiritual, mas sim que, no ser humano, há características semelhantes a Deus, e que o desenvolvimento positivo de qualquer dimensão humana faz-nos ser semelhantes a Deus, sobretudo na qualidade do agir.

Mito de Adão: mito antropológico

Para nossa reflexão, quero servir-me de uma explicação feita por Paul Ricoeur⁹ ao se referir ao mito de Adão, incluindo a queda. Ricoeur o considera como um mito por incluir e explicitar algumas características concretas da constituição antropológica. O que aqui convém ressaltar é o conteúdo antropológico e não tanto as atribuições literais dos personagens envolvidos. Ricoeur considera o ser humano tendo basicamente três aspectos: a) voltado ao transcendente, à “perfeição”, ao futuro, ao crescimento permanente, à capacidade de amar e entrar em contato com Deus. Caracteriza-o no personagem “Adão”. Esta ideia de perfeição desenvolveu-se na filosofia grega e na Igreja, incluindo os ideais da Vida Religiosa. Hoje essa busca de perfeição deslocou-se do lado espiritual e religioso para a área social e psicológica, especialmente presente nos processos competitivos e excludentes; b) a dimensão de finitude, de limitação, de fragilidade. Está na dimensão de “Eva”. A novidade cristã acentua muito a realidade da finitude, do limite. Está caracterizada pela misericórdia e pela compaixão. Ricardo Peter descreve-a como a “antropologia do limite”;¹⁰ e c) a realidade do mal, mal que é interior e exterior, individual e coletivo, já existe no passado, está no presente e persiste no futuro. É simbolizado no personagem “serpente”. Segundo Ricoeur, não se trata de caracterizar, neste mito, o homem e a mulher e a serpente, mas são três dimensões da mesma pessoa: cada ser humano tem a tendência ao infinito, ao

dialética complementar daquela da ipseidade e da mesmidade, isto é: a dialética do si e do diferente de si. Enquanto ficamos no círculo da identidade-mesmidade, a alteridade do diverso de si não apresenta nada de original: “outro” figura na lista dos antônimos: contrário, diferente... – p. 12-14.

7. PALUMBIERI, *O homem, esta maravilha*, p. 69.

8. Veja-se, para tal: MONDIN, J. B. *Antropologia teológica*. São Paulo: Paulus, 1977. p. 91-140.

9. RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações*. Porto: RÉS-Editora. p. 264ss.

10. Cf. PETER, Ricardo. *Respeita os teus limites*. São Paulo: Paulus, 1999.

312

11. Para uma maior compreensão deste tema sobre o mal, convém consultar alguns textos ilustrativos, tais como: RICOEUR, Paul. *Simbólica do Mal*. LACOCQUE, André. Pecado e culpa In: ELIADE, Mircea (dir.) *Enciclopedia delle religioni*. Ed. italiana publicada por Jaca Book (Milano)/Marzorati, 1993. v. 3, p. 489-496. RICOEUR, Paul. Pecado Original. In: *Il conflitto delle interpretazioni*. Milano: Editoriale Jaca Book, 1972. p. 285ss. RICOEUR, Paul. Mal. In: *Enciclopedia delle religioni*, v. 4, p. 417-427. RICOEUR, Paul. *Il male*; una sfida alla filosofia e alla teologia. Brescia: Ed. Morcelliana 1993. Ainda é interessante a contribuição de M. GIRARD sobre o pecado original em *Os símbolos da Bíblia* (São Paulo: Paulus, 1997. p. 460-476). RIES, Julien. Queda. In: *Enciclopedia delle religioni*, v. 2, p. 84-97.

transcendente (é a dimensão de Adão); conta também com a finitude, com o limite, com a fragilidade (a dimensão de Eva). Essa dimensão de fragilidade possibilita o mal. Uma vez realizado o mal, inclui-se a dimensão de serpente na realidade antropológica. A finitude é uma condição humana de ser.

A presença do mal

Independente das válidas interpretações exegéticas e culturais ligadas à serpente, ela representa essas opções de fechamento, de infantilização, de egoísmo, que não deixam o ser humano levantar-se e ir com liberdade na direção do infinito e do transcendente. Sobre a presença do mal temos suficiente consciência.¹¹ Infelizmente, olhou-se demasiado literalmente a realidade do mal. Para cada consciência que se desperta à tomada de responsabilidade, o mal *já está*. Remetendo a um antepassado distante a origem do mal, o mito revela a situação de cada homem: aquilo que já aconteceu; não sou eu quem começa o mal, eu o continuo; estou implicado no mal; o mal tem um passado, é o seu passado, é a sua própria tradição. O mito liga, assim, na figura de um antepassado do gênero humano, todas estas características: a) realidade do pecado anterior a qualquer tomada de consciência; b) dimensão comunitária do pecado irreduzível à responsabilidade individual; c) impotência da vontade que envolve cada erro atual. Essa tríplice descrição, que o homem de hoje pode articular, cristaliza-se no símbolo de um “antes” que o mito do primeiro homem recolhe.¹²

Nunca se dirá bastante o mal que fez à cristandade a interpretação literal, seria preciso dizer “historicista”, do mito adâmico; ela afundou-se na profissão de uma história absurda e em especulações pseudorracionais sobre a transmissão, quase biológica, de uma culpabilidade, quase jurídica, da falta cometida por um outro homem, empurrado para a noite dos tempos...¹³

Dali a ligação bastante direta entre mal e culpa. Culpa está mais diretamente presente numa leitura espiritual e religiosa

da questão. Em vez de pecado original, dever-se-ia compreender o mal como desamor, presente na humanidade desde as origens até hoje. Pode-se, assim, distinguir o mal moral do mal existencial. O mal existencial é a realidade de ferimento ao amor, mas não necessariamente significa o mal de uma culpa moral. A culpa moral prejudica o crescimento. A culpa existencial é uma dissonância antropológica, necessária como estímulo ao crescimento e, também, como indicador da verdade humana...

O que se poderia dizer sobre o mal dentro de nosso tema? O mal facilmente é projetado. Projetado na família, na Vida Religiosa, na Igreja, nas outras gerações... Eva diz que foi a serpente... Adão acusa a mulher. Cada geração tem sua forma de projeção do mal. Poucos o aceitam. Racionalmente, sabe-se da existência da fragilidade. Existencialmente, pensa-se que ela não deveria existir. Quando se fala do mal existente, não se pode esquecer suas características de dentro/fora, anterior/concomitante/posterior, pessoal/comunitário. As formas de projeção do mal já não podem mais ser atribuídas a um Deus castigador nem a uma determinada geração. O enfoque sobre o mal (maior presença, mais assumido ou mais projetado...) vai depender também das diferenças de cultura, idade, religião e outras variáveis. Hoje há uma tendência de projetar o mal, a culpa no passado,¹⁴ como se fôssemos herdeiros de um mal do qual não queremos assumir parcela de responsabilidade. De alguma forma isso explica a violência e o descaso indiscriminado em relação àquilo que vem do passado.

Não é difícil compreender que as diferentes gerações têm visões diferentes sobre a realidade do mal. A tendência de projetá-lo em outra geração ou em outras causas externas é bem frequente. Certamente, a compreensão do mal como desamor é uma questão pouco aprofundada. O desamor consiste nos pensamentos, ações que poderiam resumir-se em aspectos contra a autêntica vida: rejeição, isolamento, agressividade, autodestruição direta e indireta, destruição direta e indireta de outros, morte, egoísmo..., enfim, tudo o que poderia significar uma ação regressiva referente a

12. Cf. RI-COEUR, *O conflito das interpretações*, p. 279.

13. *Ibid.*, p. 280.

14. Cf. COX, Harvey. *A festa dos foliões*.

qualquer variável antropológica. Evidentemente, isso tem suas peculiaridades físicas, psíquicas, espirituais, afetivas, intelectuais e volitivas, pessoais e comunitárias. O que parece ter mudado mais é a consciência do mal e do pecado. Mas precisamos também convir que os erros antropológicos terão consequências negativas nas pessoas – saibam-no ou não. Sensações e sentimentos de vazio existencial, depressão e falta de sentido podem indicar a diminuição da culpa religiosa, mas não a superação da imaturidade existencial.

O mundo da fragilidade. Antropologia do limite

Abordar o mundo ou a dimensão de fragilidade requer uma breve descrição histórica dos referenciais antropológicos que compõem nossa compreensão do ser humano. São três modelos de linguagem que caracterizaram a conduta humana: o mito, o *logos*, a parábola. Homero representa o mito; Aristóteles, o *logos* (razão); e Jesus de Nazaré, a parábola.¹⁵ Homero proporcionou ao homem da Antiguidade o gosto pela verdade, pela ação virtuosa, pela honestidade, pelo decoro moral, pela lealdade consigo e com os outros. Os gregos deram vida a uma ciência rigorosa, capaz de compreender a realidade. A passagem do mito à ciência significa uma mudança radical na mente do homem ocidental. Essa passagem também tem suas figuras intermediárias de linguagem e outras formas, tais como heróis, lendas, fábulas, narrativas, prosas, novelas e outras.¹⁶ É a filosofia. Se os deuses não conseguiam explicar as coisas visíveis, muito menos as invisíveis. Tal tarefa cabe ao homem, ao *logos*. Com isso se revela o mundo das coisas e o mundo das ideias e das formas. Tudo passou a ser classificável, ordenável, divisível em classes e gêneros. É a vitória da razão, a descoberta das causas últimas. Compreender passou a ser, grandemente, conhecer este mundo intelectivamente. Mas de que adianta ao homem descobrir as causas últimas de tudo quanto existe se vier a perder sua alma? De que adianta saber das leis da velocidade do universo se não consegue aceitar a vida em sua condição de imperfeição?¹⁷ Entre o mito e o *logos*, Jesus de Nazaré optou por retratar a vida do dia a dia. Esta

15. Cf. PETER, Ricardo. *A imperfeição no evangelho*. São Paulo: Paulus, 2000. p. 9ss.

16. RICOEUR, Paul. Mito e história. In: *Enciclopédia delle religioni*, v. 1, p. 372-381.

17. Cf. PETER, A. *Imperfeição no evangelho*, p. 17.

boa notícia, o Evangelho, está relacionada com a vida. Jesus não fez muitas perguntas metafísicas nem sobre as últimas causas. Não deixou nada escrito. A parábola apresenta um conteúdo paradoxal ao interlocutor. Nessa figura de linguagem Jesus acrescenta sempre mais outra. A “parábola consiste numa narrativa breve, em prosa, com tendência realista, elaborada de modo a maravilhar, fascinar, suggestionar ou prender a atenção”.¹⁸ As parábolas não são enigmáticas, mas paradoxais. Nada obrigam nem impõem, mas não admitem a indiferença. Aludem a comportamentos, ações e atitudes que não são normais. Estão cheias de originalidade, incluindo coisas inconcebíveis, incríveis, espantosas.

Muitos conflitos intergeracionais podem ser compreendidos pela visão ideológica da perfeição e do limite.¹⁹ Ricardo Peter fala da antropologia do limite como sendo a real condição do homem; é ponto de partida e também ponto de chegada; [...] enquadra-se no âmbito da filosofia do ser – mas do ser prostrado, frágil, abatido, instável.²⁰ Só na aceitação do limite é que podemos encontrar o conteúdo do humano. Compreender não se refere apenas ao intelecto, mas também requer atitudes como abraçar, acolher, aceitar, perdoar. Compreensão é também aceitação. Aceitar e perdoar são modos de entender o ser humano. “Compreender o ser humano, a partir da realidade do limite, gera uma atitude de profunda compaixão pelo ser humano.”²¹ “Definindo o homem como um ‘ser-no-limite’, a antropologia do limite quer evidenciar três coisas: a constituição, o seu dinamismo e a forma específica em que se dá essa constituição (o dado, as funções do dado e o exercício do ser).”²² Jesus assume a tal ponto a indignação do ser que todos os que o encontramos reconhecemos de imediato estar diante de um homem profundamente humano. Nele não há arrogância, não há ressentimento, não há amargura nem lamúrias sobre o que acontece na vida, nem obsessão pelos resultados ou pelo sucesso. Jesus não é vingativo nem competidor, nem age para servir a si mesmo. Seu esquema mental consta de uma perspectiva de vida, a partir do limite, em contato com a fragilidade da existência.

18. *Ibid.*, p. 24.

19. Neste item seguirei algumas ideias de Ricardo Peter, especialmente em *Respeita os teus limites e A imperfeição nos evangelhos*.

20. PETER, *Respeita os teus limites*, p. 15.

21. *Ibid.*, p. 16.

22. *Ibid.*, p. 25-26.

Jesus é sensível a tudo que há de frágil no ser humano. Pensar em algo a respeito de Deus significa pensar na misericórdia. Jesus revela um Deus desprovido de dogmatismos, de controle e de poder. A misericórdia constitui a resposta à indignância do homem. “Todo o anúncio de Jesus gravita em torno do conceito de misericórdia, em contraste com os ensinamentos dos fariseus que alimentavam o ideal de perfeição.”²³ Enquanto Lucas exorta a ser misericordioso como o Pai do céu é misericordioso (Lc 6,36), Mateus traça um caminho oposto, o de ser perfeito como o Pai celeste é perfeito (Mt 5,48). É uma diferença de perspectiva e de linguagem. Em Jesus, o elemento central é a manifestação de um Deus que ama o ser humano de modo inexm.5(i)5.5(¶)17.5(e)4

protótipos de esquema mental: pai, filho mais novo, filho mais velho. O filho mais moço encarna a figura de quem dribla o limite, não o leva a sério, simplesmente o ignora. O pai, em vez de ressentir-se, enche-se de compaixão. O filho mais novo confessa sua culpa, e o pai não reflete sobre ela. Tem uma atitude de aceitação total. O pai apresenta-se como protótipo da consciência do limite, o que é algo novo. O pai tem conhecimento do erro (aspecto cognitivo), vontade de perdão (aspecto volitivo) e de reintegração do filho (elemento motivacional ou de reorientação). Esses elementos são a consciência do limite. O filho mais velho está preso ao dever, é incapaz de festejar. Com suas perguntas quer ridicularizar o pai.²⁸ É maravilhoso que o pai tenha sido também compreensivo com o filho duro, frio e rígido, e tenha continuado a chamá-lo de filho.

Podemos constatar que há grande diferença de percepção e elaboração do finito, do limite nas diferentes gerações. O ideal de perfeição tem estado muito presente em gerações. Hoje não se fala mais tanto dele. Insatisfações, moralismos, amarguras, sentimentos de culpa e outras experiências mais indicam o resultado da busca de perfeição. Podemos constatar que isso tem e teve seu reflexo também no desenvolvimento mais precário da misericórdia e da compaixão. Gerações mais jovens tendem a diminuir os ideais de perfeição, e pode-se notar, nessas gerações, alguma capacidade de aceitação, tolerância ao diferente, menor ansiedade diante dos fracassos. Essa tendência é melhor ou pior? Cada qual pode avaliar e refletir mais profundamente sobre isso!

A busca de infinito na realidade atual

Aqueles que tentam deixar-se vencer pela dimensão de infinito de forma desencarnada em geral defendem a perfeição, mas não sem conflitos. Ricardo Peter²⁹ elenca vários medos presentes em tais pessoas – medos presentes também nos integrantes da Vida Religiosa: medo de errar, medo de sair do esquema, medo daquilo que é, medo de sair do programa, medo da alternativa, medo do ridículo, medo do escuro. A busca do infinito, ou a possibilidade de crescer,

28. Cf. *Ibid.*, p. 107-109. Ali se descrevem as características desse filho orientado pela perfeição.

29. Cf. PETER, Ricardo. *Livra-nos da perfeição*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 30-32.

sempre indica uma característica antropológica. Toda forma de extrair ou diminuir ideais amplos provoca tédio, depressão e desencadeia processos regressivos. Os processos regressivos referem-se a opções menos humanizantes; são processos que se fixam em etapas anteriores e que bloqueiam o crescimento para a maturidade.³⁰

Inseguranças existenciais podem motivar tendências perfeccionistas. O conceito de “perfeição” tende a produzir uma deformação mental, de repulsa de si mesmo. “Moral da história: o perfeccionista nunca está contente porque sempre acha que não fez ‘o melhor’, o mais correto, o mais adequado; [...] provoca e reforça uma voz interior hipercrítica.”³¹ O ideal de perfeição provoca a síndrome do “exigir-demais-de-si-mesmo”, contrapondo o que é ao que deveria ser. Essa confusão é de tipo existencial. Atinge o núcleo central do homem, e aí mesmo o acusa, combate e prejudica. Vale sempre pensar que, como reflete E. Coreth,³² a ação humana sempre é uma tentativa de superar o limite na direção ao infinito, mas também a mesma ação recorda a impossibilidade de alcançá-lo plenamente. Tende-se a igualar o nível espiritual à dimensão de infinito. Ora, se os(as) Religiosos(as) fazem suas opções a partir do nível espiritual, pode-se facilmente entender a consideração de excelência dessa mesma dimensão de infinito em relação ao finito, ao limitado. É fácil também compreender a elaboração mental decorrente disso, especialmente uma falsa autorização de julgar-se no caminho da perfeição e uma falsa conclusão de que se tenha o pretense direito de julgar os outros.

Disso decorre também, em parte, certa tendência à onipotência, pensar poder resolver todos os problemas pensando ter uma opinião abalizada e científica sobre os mais diversos temas.

Hoje, o acento de perfeição já não mais está no nível espiritual. Onde ela está agora? Houve um deslocamento para a área psíquica e social. Isso se expressa muito na competição social e econômica, na valorização de concursos e competições esportivas, no incentivo ao melhor na educação, no administrativo, no político. Até Igrejas entraram nessa competição, como expressão mais social e psicológica da perfeição.

30. Veja-se, para tal, a análise feita pelo Padre Rulla ao tratar da antropologia da vocação cristã, quando considera o processo regressivo como inconsistência, como forma de imaturidade, e considera progressivo aquilo que se refere ao crescimento na direção da maturidade cristã. Veja-se mais em: RULLA, L. M. *Antropologia da vocação cristã; bases interdisciplinares*. São Paulo: Paulinas, 1987.

31. PETER, *Respeita os teus limites*, p. 125.

32. CORETH, E. *Metaphysik. Eine methodisch-systematische Grundlegung*. Innsbruck/Wien/München: Tyrolia Verlag, 1961.

Como a Vida Religiosa Consagrada entra nessa visão de perfeição? As pressões sociais requerem aprimoramento de tantas coisas; a profissionalização exige bons conhecimentos teóricos e práticos; a excelência da missão e da organização impõe certas excelências, hoje; a expressão em redes é a nova forma de perfeição. Sabemos que isso tem algum reflexo nos valores evangélicos e religiosos, pois as visões de perfeição têm dificuldade de manejar bem a misericórdia e a compaixão.

As diferentes gerações reagem, de forma diversa, diante desse mundo Pós-Moderno, dessa realidade da informática e outros aspectos. Diálogos intergeracionais atingem não apenas visões diferentes, mas também valores diversos.

Concepção bíblica

Podemos encontrar uma síntese muito iluminadora sobre a visão antropológica a partir da Bíblia judaica nos escritos de Henrique de Lima Vaz.³³ As concepções bíblica e clássica tratam temas comuns: o homem e o divino, o homem e o universo, o homem e a comunidade humana, o homem e o destino, e o tema da unidade do homem. A concepção bíblica é formulada na linguagem religiosa da revelação. O discurso sobre o homem – supõe-se – tem origem numa fonte transcendente, incluindo uma *teologia implícita* que se torna *explícita* quando transposta em conceitos e métodos específicos do pensamento filosófico. Pode-se falar de uma teologia bíblica do homem, na qual se insere a antropologia bíblica, com alguns traços característicos: a) a unidade radical do ser humano, referida à escuta da Palavra de Deus; b) a manifestação progressiva do ser e do destino do homem através da história da salvação; c) os dados antropológicos: corpo, psique, espírito e coração. Este como sede de tudo: paixões, amor...

As diferentes gerações e a realidade física, psíquica e espiritual

Há certo consenso, por parte dos(as) Religiosos(as) das diferentes gerações, em relação à realidade física, psíquica e espiritual da constituição antropológica. Historicamente,

33. VAZ, Henrique de Lima. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Loyola, 1992. v. I: A concepção cristã-medieval do homem, p. 59-76.

podemos constatar dois aspectos gerais: Um se refere à existência deles; outro à hierarquia e valorização deles na história da Vida Religiosa e na história de cada Religioso(a).

Não é aqui o momento para fazer uma análise histórica da dimensão corporal.³⁴ Uma visão platônica da corporeidade ainda subsiste. Todos sabemos que há uma diversidade de compreensões e valorizações da realidade física e corporal. Ainda persistem conceitos negativos e sentimo-nos perplexos pela forma com a qual é manipulado e objetificado o corpo próprio e o de outros, por interesses escusos. A questão que sempre se põe é saber quanto da dimensão de amor está presente, ou seja: quanto de valorização objetiva se tem de si, de seu corpo e do corpo dos outros, incluindo também toda a realidade material. Estamos testemunhando uma grande diversidade e diferença quanto ao tema, especialmente pela forma segundo a qual a Vida Religiosa trata o tema.

A dimensão física tem sua abrangência na percepção sensível e naquilo que os sentidos proporcionam-nos. A dimensão psíquica inclui sentimentos, emoções, afetos, compreensões intelectuais e existenciais, opções, decisões, exercício da liberdade, relacionamentos, convivências... Cada aspecto desses e ainda outros fazem parte da constituição antropológica. Por isso, quanto maior for seu desenvolvimento positivo a serviço do amor tanto maior será o equilíbrio humano. Todas as gerações têm responsabilidade em desenvolvê-las. Várias delas podem ser mais valorizadas e outras até reprimidas ou atrofiadas. A diferença geracional justificável refere-se ao “como”, à maneira de desenvolvê-las. É nisso que podemos avaliar o autêntico valor delas.

Uma filosofia de vida, uma religião, uma ideologia, uma capacidade ampla de amar são manifestações da realidade espiritual. Manifestamos a existência desse nível nas formas de encontro com o transcendente. Esse nível tem seu conteúdo e seu processo. Tratar de aspectos espirituais pode indicar a existência do mesmo, mas não necessariamente já encontrar-se nele. A maior ou menor excelência não está no conteúdo em si, mas na capacidade de sentido que dali

34. O leitor pode encontrar uma compreensão bastante exaustiva em: AA. VV. *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

decorre. O grau de liberdade interior, o grau e o estágio da maturidade humana estabelecem os critérios de uma hierarquização dos valores desse nível. As diferentes gerações reagem de forma distinta quanto a esse nível em si e quanto à forma de sua explicitação.

Fica, assim, mais compreensível que o autêntico valor consiste no desenvolvimento positivo das características antropológicas. Em geral, o valor é definido como ideal estável relacionado ao modo de ser, de conviver e de agir. Mas isso se refere mais ao método do que ao conteúdo. Valor é o desenvolvimento positivo daquilo que somos com os outros. É quase como uma perspectiva ética, ou seja: uma perspectiva de vida boa, com e para os outros em Instituições justas.³⁵

A Bíblia também fala do coração como sendo o eu interior profundo do ser humano e como sede dos afetos e paixões, raiz da inteligência e da vontade, base do pecado e da conversão a Deus. É no coração que está a qualidade do ser humano. Essa qualidade está na maior ou menor capacidade de amar. Cada geração tem a sua compreensão e manifestação específicas do amor. Cada variável antropológica encerra em si mesma o desejo, a potência de realização. São os desejos decorrentes da estrutura humana. Na mesma ocasião e proporção em que se instaura o desamor, nascem desejos de vingança, de recuperação ou de manifestação à realidade sentida e vivida. As mudanças sociais, as mudanças tecnológicas também entram de alguma forma nessa mesma realidade. Novas tecnologias apresentam novas formas de ver e viver; interferem na hierarquia de valores; revelam diferentes aspectos humanos e expressam desejos profundos o mais variados.³⁶

O inconsciente, uma chave antropológica

Certamente todos nós temos muitos e variados conhecimentos do inconsciente. Muitos de nossos dados sobre ele nos chegaram através de elaborações psicanalíticas desde sua origem até nossos dias. Dentro de nosso tema, convém reforçar a existência dele como modo de ser e arquivar dados

35. Cf. RI-COEUR, *O si mesmo como um outro*, p. 202-211.

36. BARROS DE ALMEIDA, Dalton. Subjetividade e autonomia nas novas gerações. In: *Pastoral urbana*. Brasília: CNBB-INP, *Categorias de Análise e Interpelações Pastorais*, 2010.

vividos no passado ou projetados para o futuro. Ricoeur fala da psicanálise como dado antropológico e cultural³⁷ que não pode mais ser negado. O inconsciente refere-se a todo vivido direta ou indiretamente, portanto seu conteúdo e processo incluem dados de qualquer aspecto antropológico e não unicamente psíquicos, muito menos aspectos mais reprimidos. Se gerações passadas tiveram em alto apreço a vontade em detrimento do afeto, atuais gerações tendem a valorizar as dimensões mais afetivas e intelectuais. A presença do inconsciente na vida de cada qual, e na dos grupos, coloca novos problemas, mas também novas alternativas de compreensão e de diálogo entre as gerações. Se o inconsciente inclui todo o vivido, certamente nele estão aspectos positivos de amor, como de imaturidade, de desamor. A avaliação deste complexo requer profundos conhecimentos. Muitas afirmações e compreensões teóricas de Freud podem receber nova luz a partir do conhecimento da pessoa de Freud. Novas pesquisas sobre o inconsciente chegam-nos da terapia cognitiva e das neurociências. Já não é o *iceberg* a figura descritiva ideal, mas sim a figura dos processos usados pela informática em questões de velocidade: os *bits*.³⁸ Essas pesquisas levam-nos a estar atentos quando pensamos compreender as pessoas. Questionam também os esquemas morais e capacidades formativas ou de transformação. Levando isso em consideração, podemos compreender a limitação de compreensão das diferentes gerações. Nunca teremos em mãos os dados necessários e sempre reelaborados do ser, conviver e agir humanos. Como, por exemplo, mudar uma psicodinâmica de uma pessoa? Como elaborar uma sadia identidade religiosa dentro de um mundo tão complexo e diversificado? Como manter a pretensa onipotência de Instituições e de indivíduos em relação à mudança das pessoas? Como deixar de lado a convicção de que o Evangelho e a opção religiosa sejam capazes de, por si só, dar consistência, liberdade e crescimento humanizante a todos os envolvidos?

Contando com o inconsciente como uma chave antropológica, é-nos útil assumir que ele está também orientado para aquilo que ontologicamente é o verdadeiro em cada

37. RICOEUR, Paul. *Da interpretação*; ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

38. CALEGARO, Marco. *O novo inconsciente*. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 26-27.

pessoa, mesmo que fenomenologicamente tenha-se ferimentos ao amor que também têm reflexos e conteúdos e processos no inconsciente. Não é possível isolar os conteúdos desejáveis para o crescimento de tal forma que o inconsciente apenas os capte e elabore. Dali decorre a importância da seleção dos dados, seu fortalecimento e reforço na busca da unidade da identidade.

Algumas possíveis perspectivas

A realidade humana é complexa. A humanidade sempre contou com várias gerações. A complementaridade pode assumir um enriquecimento. Da complexidade humana resultam as diferenças nunca dirimidas. Saber o que é o ser humano significaria conhecer como cada ser humano e cada cultura realizou a condição humana. Para isso, o processo dialético pode ajudar. Algumas pessoas e/ou grupos têm como missão certa vigilância antropológica. Vigilância antropológica pressupõe uma visão bastante completa da estrutura e da constituição antropológica. Significa também ter bom conhecimento do tipo, número e grau de variáveis que são contempladas em cada geração. Significa, ainda, a análise dessa estrutura e dessas realidades para poder, já, antecipar os próximos passos, que, possivelmente, serão requisitados como recuperação do que foi um pouco omitido ou estruturado, a partir de um desamor pessoal, social, coletivo. Os(as) Religiosos(as) poderiam estar entre aqueles vigilantes para assumir, garantir e expressar o humano amplo, e serem os mais humanos dos humanos. Tomar diversas variáveis ou conjunto de variáveis pode facilitar a análise histórico-dialética. Assim, por exemplo, o conjunto “consagração, comunidade, missão” pode receber ênfase diferente em uma época, e mesmo geração, e também ênfase peculiar em outra época, ou geração. O mesmo se pode dizer dos diversos níveis, dos diferentes votos religiosos, das distintas formas de expressão da missão, da garantia da individualidade e da comunidade, dos processos infantilizantes e das responsabilidades assumidas etc.

“Quem está bem não faz mal a ninguém. Quem fere a si e aos outros de alguma forma já experimentou ter sido ferido e menos amado.” Com isso se pode entender que as dificuldades encontradas ou projetadas em diferentes gerações podem mais indicar os ferimentos ao amor do que uma questão cultural ou de gerações. Um processo sequencial de crescimento mais integral precisa passar por vários passos ou momentos: Todos precisamos reconhecer que somos o fruto de nossas experiências do passado projetadas para o futuro. É a dinâmica assumida a partir da elaboração que fizemos dos aspectos vividos, direta ou indiretamente. Ora, o acesso ao passado, mesmo que esteja no esquecimento, pode mostrar-se eficaz para uma compreensão própria. O acesso ao passado vivido pessoalmente e ao passado cultural e institucional pode servir-se de diferentes métodos, uns mais eficazes do que outros, mas todos necessários.

Depois, é preciso passar por um profundo processo de compreensão de fatos, motivações, condicionamentos, ideais, objetivos e valores. Dessa compreensão faz parte a dimensão de dor, de ferimento, de dificuldades e de esperanças. Uma boa compreensão prepara a celebração do bem vivido e uma reconciliação da realidade de não amor. Alegria pelo amor, misericórdia diante do desamor. E tudo isso termina numa vida mais pacificada e mais feliz. É a realidade do bem que permite o diálogo intergeracional, que favorece a assunção do projeto de missão com liberdade e responsabilidade.

Cada geração precisa encontrar um amor respeitoso e casto, expresso na vida em todos os aspectos da constituição antropológica.

Referências

- AA.VV. *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. 3v.: Da Renascença às luzes; Da revolução à grande guerra; As mutações do olhar: o século XX.
- CALEGARO, Marco. *O novo inconsciente*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

- MONDIN, João Batista. *Antropologia teológica*, São Paulo: Paulus.
- PALUMBIERI, Sabino. *O homem, esta maravilha*. Roma: Urbaniana University Press, 1999.
- PETER, Ricardo. *A imperfeição no evangelho*. São Paulo: Paulus, 2000.
- _____. *Livra-nos da imperfeição*. São Paulo: Paulus, 1999.
- _____. *Respeita os teus limites*. São Paulo: Paulus, 1999.
- RICOEUR, Paul. *Il conflitto delle interpretazioni*. Milano: Editoriale Jaca Book, 1972. (Título original: *Le Conflit des interprétations*. Paris: Editions du Seuil, 1969. Tradução portuguesa: *O conflito das interpretações*. Porto: RÉS-Editora.
- _____. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000. (Trad. italiana: *La memoria, la storia, l'oblio*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2003. Trad. brasileira: *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo, Ed. Unicamp, 2007.)
- RIZZUTO, Ana-Maria. *Por que Freud rejeitou Deus?* São Paulo: Loyola, 2001.
- RUBIO, Alfonso García. *O humano integrado; abordagens de antropologia teológica*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem. Indagações sobre o século XX*. São Paulo: Arx, 2002.
- VAZ, Henrique de Lima. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Loyola, 1992. v. I e II.
- WOLF, Hanna. *Jesus na perspectiva da psicologia profunda*. São Paulo: Paulinas, 1994.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. De que forma vivemos equilibradamente nossa dimensão de Adão, dimensão de Eva, dimensão de serpente?
2. Como a visão de perfeição e a visão da antropologia do limite estão presentes em mim, em minha comunidade, em minha Congregação?
3. O diálogo entre as diferentes gerações que constituem a Vida Religiosa é facilitado por um crescimento integral. Como podemos viver as características humanas segundo nossa idade e estado de vida?

“Para salvar, o cavalo é ilusão” (Sl 33,17a). Autossuficiência humana e Providência Divina no Sl 33

RIVALDAVE PAZ TORQUATO, O. CARM.*

* **Rivaldave Paz Torquato** é frade carmelita, mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma (PIB) e doutor em Sagrada Escritura pela Westfälische Wilhelms-Universität de Münster (WWU), Alemanha. Atualmente, é professor no Studium Theologicum e Faculdade Vicentina, em Curitiba, e membro da Equipe de Reflexão Bíblica da CRB Nacional. **Endereço do autor:** Rua Omílio Monteiro Soares, 847, Bairro Fanny, CEP 81030-000, Curitiba-PR. **E-mail:** rivaldave.paz@gmail.com.

Segundo a sabedoria popular, “não se troca um pássaro na mão por dois voando”. É humano o desejo de segurança que estruturas e instituições oferecem. Não é difícil compreender o agarramento que temos às estruturas, sobretudo quando nos falta um horizonte claro. Daí o desespero de salvar nossas instituições para que elas nos salvem. O homem é colaborador na obra criadora e não mera marionete nas mãos divinas. É correto que ele se esforce e busque encontrar saídas e perspectivas para seus problemas e desafios sem esperar soluções mágicas por parte de Deus. Para isso Deus o dotou de inteligência. Nesse sentido, as organizações humanas são mediações necessárias e manifestam a colaboração ativa do homem no plano divino. Todavia, é preciso perguntar-se sempre se o apego demasiado às nossas organizações, instituições e estruturas – além de acentuar nossa autossuficiência – não esconde também nossa falta de confiança na Providência Divina, que conduz a história. Absolutizar o relativo e confundir o instrumento com a meta não raro tem um preço alto: a estagnação ou até mesmo o fracasso. A estagnação é tolerável numa empresa, porém é menos aceitável quando se dá num grupo cujos “empreendedores” professam a fé no Deus providente. Por que a *eficiência* humana não consegue evitar a estagnação? Tem-se consciência de que as coisas não são tão simples e ingênuas como se pinta aqui. A questão é mais complexa e profunda, implica fatores adversos às nossas possibilidades. Todavia, quer-se provocar a atenção e o debate para um aspecto ultimamente muito negligenciado: o olhar providente de Deus na vida

daquele que crê (Sl 33,18). Para tal provocação abordaremos o Sl 33.¹ Conhecido como um hino à Providência, o salmo louva a Deus rei poderoso e bom que cria o mundo e governa a história.

1. *Sl 33: Deus cria o mundo e governa a história*

1.1. Época, gênero e contexto vital

Este salmo apresenta uma *forma* alfabetizante, ou seja: ele contém o mesmo número de versos que o alfabeto hebraico – 22 paralelismos – sem que as consoantes individuais apareçam na série dos versos, como ocorre nos alfabéticos-acrósticos.² Essa *forma* sugere, sobretudo, a *totalidade* e, neste caso, a totalidade do louvor. Com uma teologia inspirada especialmente por Gn 1 e Is 40-55, o salmo é proveniente do período pós-exílico.³ *Época* em que Israel experimenta o fracasso de suas instituições e sente-se afligido pelo medo do abandono de Deus. Louvando a fidelidade e bondade do Senhor, o salmo quer devolver a Israel a certeza da presença libertadora de seu Deus, que não só cria (*creatio prima*), mas mantém a obra criada, governando a história de forma contínua e progressiva (*creatio continua*).

Quanto ao *gênero* literário, estamos diante de um hino, aliás, um modelo de hino, confirmado por vários elementos.⁴ Isso permite tirar duas conclusões: A primeira é que o salmo tem seu contexto vital (*Sitz im Leben*) no culto oficial, na liturgia (festiva) do templo.⁵ O hino ajuda a mergulhar a fundo na realidade da vida divina, à qual Israel deve a sua existência. Por isso o hino é sempre a oração ou cântico da comunidade.⁶ Por este hino a comunidade louva a Providência, que sendo onipotente se faz onipresente, louva a palavra que cria (vv. 6.9), que dá estabilidade e consistência (v. 4), que guia a história na justiça (v. 5a) e no amor (vv. 5b.18b.22a). É um hino à alegria (vv. 1.12.21) e ao olhar providente de Deus (vv. 13-14.18) que, da sua habitação celeste (v. 13), assiste a vida e dá sentido e horizonte ao homem.⁷ A

segunda diz respeito à estrutura. Este gênero literário tem uma estrutura definida, como veremos a seguir.

1.2. Estrutura

O hino apresenta normalmente três partes: introdução, corpo hínico e conclusão.⁸ Conforme essas partes, podemos estruturar o salmo da seguinte forma:

vv. 1-3: *Introdução*: cinco imperativos convidam ao louvor do Senhor
[*louvor*] “vós”

vv. 4-19: *Corpo hínico*: descritivo louvor “ele”

4-5: *Tema* (conteúdo) do louvor divino = *porque* [“aliança”]

6-12: Deus rei: cria o COSMO e rege a história escolhe Israel
como herança

6-9: Deus criador do cosmo [com sua *Palavra*]

10-12: Deus governa a história [com seu *plano*]

13-19: Deus rei: cria o HOMEM livra-o em sua impotência e
esperança [*visão*]

13-15: soberano celeste que olha e conhece a todos

16-19: instituições fracassam (16-17), mas Deus de-
fende os seus (18-19)

vv. 20-22: *Conclusão*: (primeira pessoa do plural: comunidade)
[*esperança*] “nós”

A introdução é uma *convocação* ao louvor, marcada por cinco imperativos numa escala gradativa, dirigida à comunidade reunida (“vós”). Essa convocação se volta para o passado para transbordá-lo no louvor. A conclusão é uma *resposta* da comunidade (“nós”) – que se insere na realidade cantada no hino – cheia de alegria, esperança e confiança. Ela manifesta que quer fazer do conteúdo do salmo o fundamento de sua vida. Sua resposta está assinalada por quatro enunciativos voltados para o futuro. Os vv. 4-5 oferecem o conteúdo, ou melhor, as razões para o louvor que serão desenvolvidas nos versos seguintes (vv. 6-19). São a *palavra* criadora, o *plano*, a *atuação* libertadora e o *olhar* providente de Deus que fundamentam o louvor (vv. 1-3) e a esperança do homem (vv. 20-22). O salmo apresenta três grandes

realidades que se abraçam: Deus, o universo criado e, nele, o homem. Sendo Deus o eixo para o qual tudo converge e ganha consistência.

1.3. Teologia

1.3.1. *Introdução: convocação ao louvor (vv. 1-3)*

¹“Exultai, ó justos, no Senhor,
aos retos convém o louvor.
² rendei graças ao Senhor com a harpa,
com a lira de dez cordas tocai-lhe;
³ cantai-lhe um cântico novo,
tocai bem na ora do júbilo.”

O termo-chave desta unidade é claramente o *louvor*, como mostra a semântica. Os verbos no imperativo indicam que se trata, aqui, de uma convocação: v. 1a: *exultai*,⁹ v. 2a: *rendeí graças*, v. 2b: *tocai*, v. 3a: *cantai*, v. 3b: *tocai bem*. O v. 1b abre o salmo com o termo *louvor*, cujo plural é o título do saltério, e o v. 3b conclui a unidade com o termo *oração/júbilo*.¹⁰ Esses dois termos emolduram os instrumentos do louvor *harpa* e *lira* (v. 2) e a expressão “cântico novo” no v. 3b. A densidade da terminologia do louvor é ímpar nesta introdução. A louvação é destinada expressamente ao Senhor (vv. 1a.2a) e a convocação é dirigida à comunidade apta ao culto, isto é, aos *justos* e *retos*. Os justos são aqueles cujo caminho Deus conhece (Sl 1,5-6), tem os olhos sobre eles (Sl 34,16), os apoia e salva (Sl 37,17.39) e herdarão a terra (Sl 37,29), pois o próprio Deus ama a justiça (v. 5a). Quanto aos retos, Deus os salva (Sl 7,11) e viverão na sua presença (Sl 11,7; 140,14), pois se adéquam à Palavra do Senhor, que é reta (v. 4a), e imitam o próprio Deus, porque ele é reto (Sl 25,8; 92,16). Pode-se dizer que justos e retos são aqueles que se deleitam na Lei do Senhor (Sl 1,2) e cujo perfil é descrito no Sl 15(14).

A expressão “cântico novo” ocorre no Sl 40,4. “Cantai ao Senhor um cântico novo” aparece nos Sl 96,1; 98,1; 149,1.¹¹ Essa frase vem certamente de Is 42,10: “Cantai ao Senhor

um cântico novo e o seu louvor até as extremidades da terra”.¹² O cântico é *novo* não (apenas) em si mesmo, mas (sobretudo) porque celebra, no hoje, um novo interventor libertador de Deus (como em Ex 15,1–18.21), ou seja: atualiza as gestas salvíficas do Senhor – afirma a realização (em andamento) do seu domínio régio.¹³ Qual é, porém, o motivo para tal *cântico novo* aqui neste salmo?

1.3.2. O motivo do louvor (vv. 4–5)

⁴ “Pois reta é a Palavra do Senhor,
e toda sua obra é fidedigna;
⁵ ele ama a justiça e o direito,
do amor do Senhor é plena a terra.”

O tema do hino, ou melhor, as razões para louvar são apresentadas nos vv. 4–5: a *Palavra* do Senhor é reta – assim como seus mandamentos (cf. Sl 19,9) – e seu *agir* é digno de fé, não há nada enganoso nele, pois a sua fidedignidade o envolve (cf. Sl 89,9b).¹⁴ Ele *ama* a justiça e o direito e de seu *amor* é plena a terra (v. 5). Enquanto o v. 4 apresenta uma perspectiva mais cósmica (na relação criador–criação), o v. 5 é mais voltado para o aspecto histórico–soteriológico.¹⁵ O verso recorre a três termos técnicos da teologia da aliança: *justiça*, *direito* e *hesed*. A *justiça* (salvífica) Israel experienciou em cada interventor divino na história,¹⁶ o *direito* exprime substancialmente a parte normativa da Lei – e conseqüente esfera moral – e *hesed* define a positiva atitude divina para com o homem na relação com a aliança.¹⁷ Aqui estão os pressupostos básicos da fé do Antigo Testamento.¹⁸ As qualidades divinas manifestadas nesses dois versos (sob seu duplo aspecto cósmico–soteriológico) possibilitam a instauração de uma nova ordem na terra, enquanto espaço da vida, guardada e garantida por ele, pois a ama – como mostram os versos que seguem. O v. 5b é uma releitura de Is 6,3 (“toda a terra está cheia de sua glória”), ou seja: a onipotência divina torna-se onipresença, possibilitando a vida, assegurando a existência.¹⁹ Isso responde ao drama do Gn 6,11.13, de que “a terra está plena de crimes e maldades”, e ilumina o

pessimismo moderno, que – incrédulo – não abre espaço à esperança. Em parte está aí (vv. 4-5) a resposta à pergunta posta anteriormente sobre o motivo para um *cântico novo*. Fica, porém, a pergunta por uma razão histórica concreta, onde e como Deus manifestou aquilo que se fala dele, nesses dois versos. Não percamos de vista a questão. As duas vertentes aqui abordadas – Deus que cria e governa a história – serão desdobradas na parte seguinte. Aguardemos por elementos novos para nossa questão.²⁰

1.3.3. *Deus cria o cosmo com sua palavra (vv. 6-9)*

⁶ “Com a Palavra do Senhor os céus foram feitos,
e com o vento de sua boca todo o seu exército.

⁷ ele reúne num dique a água do mar,
coloca em reservatórios os oceanos.

⁸ Que tema o Senhor a terra inteira,
que o respeitem todos os habitantes do mundo!

⁹ Pois ele diz e acontece,
ele ordena e aí está.”

- a) Esta unidade é aberta com o tema da *Palavra* do Senhor (v. 6) – retomando assim a unidade anterior (v. 4) – e termina com os verbos do campo semântico da fala também aplicados a Deus: *dizer* e *ordenar* (v. 9). Tanto o substantivo quanto os verbos produzem o mesmo efeito: o que sai da boca de Deus tem o poder de suscitar uma realidade nova, é eficaz.²¹ Tal moldura indica o conteúdo desta unidade que tratará da palavra criadora, portanto a palavra na sua função cosmológica. Enquanto o v. 4 definia o que a palavra *é*, aqui se afirma o que ela *faz*. Completa-se, assim, o elogio da Palavra divina, isto é: ela é reta e fidedigna (v. 4; cf. 12,7), criadora (v. 6) e eficaz (v. 9). Estreitamente vinculado à palavra aparece o *vento* ou espírito (*ruah*) do Senhor (v. 6b),²² o sopro da boca divina que tudo cria e vivifica (cf. Sl 104,30a). Portanto, *espírito* e *palavra* aparecem juntos e com a mesma função (cf. Is 34,16b). O v. 7 faz referência clara à luta contra o *caos* (das águas primordiais). Ele continua o

tema da *criação* do verso precedente (cf. Jr 5,22). Já desde a mitologia e depois nas Escrituras, o controle sobre as águas, sobre o *caos*, é uma manifestação do domínio (régio) divino.²³ Mas não deixa de ser também uma alusão ao Êxodo (cf. Ex 15,8; Sl 78,13) – quando Deus cria Israel – e à tomada da terra (cf. Js 3,13.16). Nesse caso, o v. 7 sugere uma prorrogação da atuação criadora de Deus na história, uma manutenção contínua da criação por parte dele.²⁴ Esse elemento é reforçado pelos verbos participípios, como veremos mais adiante.

Enfim, são três espaços – o céu (v. 6), o mar (v. 7) e a terra (v. 8) – que recebem estabilidade, consistência e ordem, mediante o falar e o agir divino. Não há espaço onde a presença de Deus não se faça perceptível. A esta altura, fazem-se imprescindíveis algumas considerações sobre Gn 1.

- b) O primeiro capítulo do Gênesis abre a Bíblia com uma afirmação cabal: “Deus criou o céu e a terra” (v. 1). A terra era informe e vazia, e o vento (*ruah*) de Deus pairava sobre as águas (v. 2). Em seguida (v. 3ss) – quase como uma ladainha –, começa a mostrar como Deus criou, isto é: repetindo sempre de novo a expressão: “Deus disse”.²⁵ Ora, o que ele diz acontece. Não há separação entre seu falar e seu agir.²⁶ É o primeiro ato de Deus: ele entra no mundo falando e tudo cria com a sua palavra. Se por um lado isso revela o desejo de comunicação de Deus,²⁷ por outro mostra a força criadora de sua palavra – “tudo foi feito por meio dela” (Jo 1,3). Já no início do texto vincula-se espírito e palavra (vv. 2-3; cf. Sl 33,6). Mas Deus não só fala. Combatendo o caos, ele separa luz e trevas (vv. 3.18), águas das águas (vv. 6.7), o dia da noite (v. 14), reúne a massa das águas (v. 9; cf. Sl 33,7), colocou os luzeiros no firmamento (v. 17; cf. Sl 33,6b), ou seja: ele é o grande organizador que dispõe as coisas em ordem, fazendo do mundo uma realidade ordenada de acordo com seu plano. Assim, ele fez²⁸ tudo e viu que o que tinha feito era bom.²⁹ Gn 1 apresenta, portanto, o mundo como algo positivo, bom e organizado, criado

por Deus através de sua palavra.³⁰ Essa ótica está na base do Sl 33 enquanto alude à *creatio prima*.³¹ Voltemos ao salmo.

- c) Parece óbvio que o salmo faz uma releitura do relato da criação.³² Contudo, avança. O *caos* das águas é a expressão de todas as forças que ameaçam a vida, as forças anti-vida. Mas tais forças – que foram dominadas e domadas por Deus uma vez – continuam ameaçando o cosmo e a ordem hoje. O *caos* não é uma coisa do passado, é atual. Como também é atual o domínio de Deus, que não cessa de velar pela manutenção de sua obra. Ele, no momento oportuno, transforma as águas da desordem em seiva fecunda.³³ Sua atuação não se restringe ao momento criador, é contínua. Ora, isso é claramente expresso no v. 7, ao usar os dois verbos no particípio hebraico: *reúne* e *coloca*. À *creatio prima* o salmo une a *creatio continua* como dois aspectos de uma mesma realidade. Atualiza, na história, a força e presença criadora (e restauradora) de Deus e de sua palavra – ele “sustenta o universo com o poder de sua palavra” (Hb 1,3; cf. 11,3). Essa presença divina que dá estabilidade e segurança ao criado deve suscitar não só em Israel e no crente, mas também no ser humano, nos habitantes da terra, o temor de Deus (v. 8).³⁴

Esta unidade (vv. 6-9) explicita e dá consistência às afirmações da unidade anterior (vv. 4-5), buscando na atuação passada e cósmica de Deus o fundamento da esperança. Ao mesmo tempo, atualiza essa mesma atuação paradigmática na história presente.³⁵ Não estaria ela evocando as promessas do Deus Criador a Noé (Gn 9,8-12)? Que reação este trecho sálmico poderia provocar num Israel pós-exílico, cuja exis-

1.3.4. *Deus é Senhor da história (vv. 10-12)*

¹⁰ “O Senhor desfaz o plano das nações
e frustra os projetos dos povos.

¹¹ O plano do Senhor permanece para sempre,
os projetos de seu coração, de geração em geração.

¹² Feliz a nação cujo Deus é o Senhor,
o povo que escolheu para sua herança.”

Esta unidade está marcada pelos termos *plano*³⁷ e *projeto* e pela *bem-aventurança*. São duas opções (ou propostas de projetos) de vida – o divino e o humano (vv. 10-11).³⁸ Elas implicam uma tomada de posição, preparam uma decisão por parte da pessoa (v. 12a). Mas – no caso de Israel – a decisão já foi tomada, unilateralmente, por Deus (v. 12b), portanto o verso é uma afirmação ou confirmação que fundamenta a felicidade de Israel: ele é a *herança*³⁹ daquele cujo plano permanece para sempre (v. 11).⁴⁰ O crente ou sábio já sabe que não resta escolha, uma vez que Deus frustra os projetos dos povos, projetos humanos.⁴¹ Não se trata aqui de uma mera hipótese ou suposição, pois Israel, ao longo de sua história, viu as nações circunvizinhas levantarem-se com grande potência e planos sábios – ameaçando a sua existência – e passarem como as nuvens. Assim foram os egípcios, os assírios, os babilônicos etc. Isso mostra também que Deus frustra apenas os planos incompatíveis com os seus,⁴² ou seja: o texto questionaria o fundamento dos planos humanos. Não pode existir outro ordenamento eficaz para a existência que não seja o do Criador.⁴³

A *beatitude* ou *bem-aventurança* (v. 12) é um ideal de vida (“feliz”) destinado a Israel (v. 12b; Dt 33,29),⁴⁴ mas aberto a todos os povos (v. 12a; Sl 144,15),⁴⁵ cujo fundamento está em Deus e em seus planos, que são perenes.⁴⁶ Para essa meta – *felicidade* – converge o plano da história salvífica. Na verdade, esse ideal de vida encerra o conteúdo elementar da Aliança,⁴⁷ como apresenta Jeremias: “Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus” (24,7; 31,33; 32,38).⁴⁸

Do nível cósmico apresentado nas unidades anteriores chega-se aqui ao nível histórico (vv. 10-12), e o plano

divino de salvação (v. 11) chega à sua realização mediante a eleição concreta de um povo (v. 12b).

Não há dúvida de que esses versos querem erradicar radicalmente em todo (ex-) exilado ou excluído, de ontem e de hoje, qualquer sentimento de abandono por parte de Deus. Querem garantir-lhe que o Senhor mantém sua eleição e que o governo da história não lhe é alheia, mas flui dentro de seus planos, pois nada escapa aos seus olhos.

1.3.5. *Deus: soberano que a tudo vê e conhece (vv. 13-15)*

¹³ “Dos céus contempla o Senhor,
vê todos os filhos de Adão.

¹⁴ Do lugar da sua habitação ele observa
todos os habitantes da terra.

¹⁵ Plasma juntos o seu coração,
compreende todos os seus feitos.”

Já no momento da criação Deus *viu* que aquilo que tinha feito era bom.⁴⁹ Desde então ele não perde de vista o criado. Em Gn 16,13, Agar invoca o nome do Senhor e diz: “Tu és o Deus que (me) vê”.⁵⁰ Enquanto na introdução deste salmo (vv. 1-3) o termo-chave é *louvor*, nos vv. 4-9 é *palavra* (e *ruah*) e nos vv. 10-12 é *plano*, aqui (vv. 13-15[.18]) domina o campo semântico da *visão*. A linha antropológica aplicada a Deus percorre o salmo: ele fala, faz planos, tem coração e vê. E *vê* como soberano desde sua habitação celeste (vv. 13-14a; Sl 11,4).⁵¹ Segundo o Eclesiástico, “ele é todo-poderoso e vê tudo” (Eclo 15,19b; cf. Sl 94,9-11). Nada fica oculto a ele.

Partindo de sua herança concreta (v. 12b), Deus contempla todos os homens, e sua *visão* tem uma progressão que culmina no mais profundo do ser: o *coração* (v. 15). Isso é claro já na própria sequência verbal. Ele *olha com atenção* e *vê* os homens (v. 13),⁵² *observa* todos os habitantes da terra (v. 14), *plasma* o coração (v. 15a),⁵³ isto é, *modela, dá forma* ao interior do homem, à consciência humana.⁵⁴ Por isso, *conhece* – vê com a inteligência suas ações (v. 15b). Ele não se contenta com uma visão superficial, mas penetra no mais íntimo do

ser. É o artesão que modela o homem, mas a partir de dentro para fora (cf. 1Sm 16,7) – algo que o artesão humano não é capaz. Ora, essa forma de atuar é uma expressão ou manifestação de seu domínio régio (vv. 13-14). Esta unidade pode ser considerada como uma síntese condensada do Sl 139.⁵⁵

No ápice da criação, o salmista apresenta agora o homem. A obra criadora teve seu início no v. 6, numa sequência de *céu* (v. 6a), *mar* (v. 7) e *terra* (v. 8), e culmina aqui na *formação* do homem (v. 15a; cf. Gn 2,7-8.19). Se ali (vv. 6-9) Deus exercia seu domínio superando a desordem externa, aqui (vv. 13-15) ele supera a interna – enquanto isso, abraçam-se *creatio prima* e *continua*. Além disso, esta unidade, com a expressão “os habitantes da terra” (v. 14b), retoma aquela (vv. 6-9) pela expressão “todos os habitantes do mundo” (v. 8b). Completa-se, assim, o arco da criação. No centro dela está, porém, o *plano* divino (vv. 11-12). O vínculo desse *plano* com a formação do homem – e consequentemente das duas unidades literárias – se dá pelo termo “coração” (vv. 11b.15a).⁵⁶

Nesta unidade culmina uma série – daquilo que podemos chamar – de atributos divinos expressos através de *partícipios* referidos a Deus, isto é: revelam propriedades da natureza divina: “ele ama a justiça e o direito” (v. 5a); “ele reúne num dique a água do mar, coloca em reservatórios os oceanos” (v. 7); “ele plasma juntos o seu coração e compreende todos os seus feitos”. Todos referidos à criação. Isso significa primeiro que Deus cria não somente com a palavra, mas coexiste com ela o agir divino ou ela se prolonga no agir divino.⁵⁷ Segundo, que a criação é um ato providencial permanente. Deus atua continuamente na natureza e no homem (cf. Sl 51,12).

1.3.6. Instituições fracassam (vv. 16-17), mas o Senhor defende os seus (vv. 18-19)

¹⁶ “Nenhum rei se salva por (seu) grande exército, o guerreiro não escapa por (sua) grande força.

¹⁷ Ilusão é o cavalo para a vitória,

por seu grande vigor não pode livrar.

¹⁸ Eis o olho do Senhor sobre os que o temem,
sobre os que esperam por seu amor,

¹⁹ para libertar da morte a sua vida
para conservar-lhes a vida n(o tempo d)a fome.”

O cosmo (vv. 6-9) e o povo e as nações (vv. 10-15) abrem espaço agora para o *rei* e seu aparato bélico (vv. 16-17) de um lado e, de outro, para Deus e os que nele temem e esperam (vv. 18-19). O paralelo entre os dois blocos (vv. 16-17.18-19) ressalta o contraste entre ambos. Os primeiros dois versos (vv. 16-17) constituem-se uma quadra muito regular, porém de organização um tanto sutil: são três sujeitos (*rei*, *guerreiro* e *cavalo*) e três complementos (por seu grande exército, por sua grande força e por seu grande vigor). Para esses, são reservadas quatro negações paralelas e sinônimas: não se salva, não escapa, não vale (*ilusão*, *mentira*, *engano*) e não pode livrar.⁵⁸ As negações são extremamente enfáticas e radicais. Elas denunciam a falsa e ilusória confiança na busca de êxito, de salvação. Apontam seguranças humanas equivocadas.⁵⁹ Mas o que é que se nega? R. de Vaux classifica o *rei* e o sistema da monarquia entre as instituições civis, enquanto o exército e – como partes dele – o *guerreiro* e o *cavalo* ele ordena entre as instituições militares.⁶⁰ Portanto, são *instituições* e ou *instrumentos* que fracassam na realização da meta proposta. Israel acaba de fazer essa experiência, tanto consigo mesmo – pois seu *rei* e seu exército foram incapazes de evitar a ida para o exílio⁶¹ – como com os *babilônicos* (sem esquecer dos *egípcios*), cujo enorme poder não foi barreira para a repatriação do povo israelita, antes se deparou também com a ruína.

Condena-se nestes versos a autossuficiência orgulhosa na vida de Israel já desde a política. O descrédito nas instituições, particularmente na máquina política, repete-se em outros textos, sobretudo nos Profetas⁶² e nos Salmos.⁶³ Confia-se nas forças e na estratégica da violência (vv. 16-17) ou na justiça, no direito e na verdade (vv. 4-5)? O texto evoca a cena de Davi e Golias: contra as armas do herói

filisteu, Davi contrapõe somente o Nome do Senhor.⁶⁴ Afinal, quem conduz a história é Deus.⁶⁵

O v. 18 inicia-se com uma partícula demonstrativa – “eis”, “veja” –, que chama a atenção para a introdução de algo novo: o “olho do Senhor”,⁶⁶

O salmo fala, nos vv. 6-9, de *Palavra e feitos*, e nos vv. 10-11 evolui para *planos* (do homem, v. 10, e de Deus, v. 11), que nos vv. 16-19 concretizam-se em dois *modelos* ou opções de vida: o baseado na autossuficiência e no orgulho humano (vv. 16-17; cf. v. 10) contraposto ao fundado no temor, isto é: no respeito de Deus (vv. 18-19; cf. 11). A primeira fundamenta-se nas próprias forças, a outra na Providência Divina. O vínculo entre essas duas opções é feito, sobretudo, com o verbo *libertar*, que emoldura esta unidade: enquanto “o guerreiro não se liberta por (sua) grande força” (v. 16b), Deus “liberta da morte” (v. 19a).⁷¹ Na *in-eficácia* da opção, manifesta-se a diferença radical entre ambas.

Voltando o olhar mais para dentro da história, tais versos certamente verbalizam aquele evento fundante e paradigmático de Israel: o êxodo. O salmista, para louvar a Deus, serve-se de antigas tradições que provocam no povo a memória da experiência feita. Assim como fez com Gn 1 (já citado), faz a *re-leitura* também do hino de vitória de Ex 15,1-21.⁷² A sua moldura condensa aquilo que o poeta canta aqui no salmo: “Cantai ao Senhor, pois de glória se vestiu; cavalo e cavaleiro precipitou no mar!” (Ex 15,1.21). Esse hino canta uma experiência clássica e paradigmática que permite ao salmista fazer, agora, afirmações categóricas e universais. São dois reis em questão (o humano e o divino) e conseqüentemente dois reinos, e neles dois modelos de vida que estão em jogo.

O salmista louva o Deus criador (vv. 6-9), soberano, que governa a história (vv. 10-12) e assiste o criado com sua Providência (vv. 13-19), entrelaçando com destreza *creatio prima* e *creatio continua*. Aí estava a razão para entoar um “cântico novo”. Mas que reação suscitou este salmo na comunidade de fé de então?

1.3.7. Conclusão (vv. 20-22)

²⁰ “Nossa vida aguarda o Senhor.

Nosso auxílio e nosso escudo é ele.

²¹ Pois nele se alegra o nosso coração,
porquanto no seu nome santo nós confiamos.

²²Que teu amor, Senhor, esteja sobre nós,
assim como em ti esperamos.”

A relação desta unidade com o restante do salmo é garantida, sobretudo, por dois termos básicos vinculados entre si e analogamente distribuídos: o substantivo *hesed*/amor (vv. 18b.22a) referido a Deus e o verbo *esperar* como atitude do homem (vv. 18b.22b), isto é: encontram-se o amor de Deus e a esperança humana restabelecendo a comunhão e o canal da graça que faz surgir o homem novo.⁷³ Mas não é só isso. O salmo apresenta uma perspectiva sapiencial que leva o leitor ou orante a uma decisão. Assim soam os versos finais onde a comunidade (primeira pessoa do plural) orante insere-se no louvor e decide-se pelo Senhor. A frase “nossa vida aguarda o Senhor” (v. 20a)⁷⁴ faz lembrar a decisão de Josué e sua família como conclusão da assembleia de Siquém: “Mas eu e minha casa serviremos ao Senhor” (Js 24,15). A comunidade opta pelo Senhor e reencontra nele a sua alegria (v. 21a).⁷⁵ Deus é seu horizonte (vv. 20a.22b), seu *auxílio* e *escudo* (v. 20b),⁷⁶ seu fundamento (v. 21b). É no seu *Nome Santo* que ela confia (v. 21)⁷⁷ – expressão que evoca todo o potencial libertador de Deus revelado a Moisés no êxodo (Ex 3,13-15). O objetivo do salmo chega ao seu ápice no último verso, quando a comunidade volta-se a Deus de forma direta – como indica o (único) uso da segunda pessoa – com sua *súplica* evocando a base do agir divino (*hesed*) sobre si em perspectiva futura (v. 22). O grupo se define, portanto, como comunidade da esperança, isto é: coloca a base de sua existência e seu horizonte no Senhor como rei poderoso, fiel e bom.⁷⁸ O próprio campo semântico da conclusão gira basicamente em torno da esperança e da confiança. O salmo realizou, portanto, seu objetivo, conseguiu fazer com que a *comunidade* aderisse ao louvor e – conseqüentemente – ao plano divino. Sinal de que o conteúdo exposto no corpo do salmo foi o suficiente para fundamentar a sua esperança, ou seja: a Providência Divina devolve um olhar que ultrapassa o limiar das “noites escuras” da nossa existência. Tudo passa, mas a Providência Divina permanece.

2. O contexto do Sl 33

2.1. O contexto literário

O Sl 33(32) foi provavelmente inserido tardiamente na coleção dos Sl 25-34 – emoldurados por salmos alfabéticos-acrósticos (Sl 25; 34). A favor dessa inserção tardia fala o fato de ser o único salmo órfão no primeiro saltério davídico (Sl 3-41), isto é: sem título.⁷⁹ Além disso, é fácil perceber pontos significativos de contatos deste salmo com os seus vizinhos, e feitos com esmero. Elencaremos aqui alguns pontos mais relevantes:

- a) uma *beatitude* une os três salmos (32,1; 33,12; 34,9b). Se Israel continua sendo “herança” (33,12), é sinal do perdão de Deus (32,1) e nele pode abrigar-se tranquilo (34,9);
- b) um apelo à *alegria* (32,11; 34,3b) é constatado (no 33,21a);
- c) a referência ao *coração* humano: ao reto a alegria (32,11b; 33,21a), do aquebrantado Deus está próximo (34,19), a todos eles Deus modela (33,15a) e ele próprio tem coração (33,11b);
- d) os *olhos* providenciais do Senhor estão sobre o homem (32,8b; 33,18a; 34,16a);
- e) os *justos* são chamados à alegria (32,11; 33,1), pois os olhos do Senhor estão sobre eles (34,16). Muitas são suas aflições (34,20), mas os que os odeiam serão condenados (34,22);
- f) o termo *ruah* do homem (32,2; 34,19) e de Deus (33,6).

Outros contatos ocorrem apenas nos Sl 32 e 33:

- a) o verso conclusivo do Sl 32 tem toda a sua *semântica* retomada na introdução do Sl 33, como se este salmo desse (e dá) continuação àquele;
- b) o tema da *confiança* no Senhor (32,10; 33,21);
- c) o *cavalo* com uma conotação negativa (32,9; 33,17);
- d) a pessoa caracterizada como “adam” (32,2; 33,13);
- e) o *amor* do Senhor, que envolve quem nele confia (32,10b), enche a terra (33,5b) e fundamenta a esperança (33,18b.22);

f) as *águas* que evocam o caos (32,6; 33,7).

De modo semelhante, também os Sl 33 e 34 apresentam elementos comuns:

- a) a própria *forma* alfabetizante-alfabética;
- b) o termo *louvor*, que é motivado na abertura do nosso salmo (33,1), é assumido como a atitude perene no salmo seguinte (34,2);
- c) Deus cuida dos que o *temem* (33,8.18; 34,8b.10.12b);
- d) os leõezinhos passam *fome*, mas nenhum bem falta aos que procuram o Senhor (34,11) e no tempo da *fome* ele faz viver (33,19);
- e) a *terra* como espaço cósmico e habitável (33,5.8.14; 34,17);
- f) o guerreiro não se *liberta* pela grande força (33,16b), mas Deus *liberta* da morte (33,19a) e de todas as tribulações (34,5b.18b.20b);
- g) o rei não se *salva* por seu exército (33,16a), mas o Senhor *salva* o aflito (34,7b) e os de espírito oprimido (34,19b);
- h) o verbo *amar* no particípio aplicado a Deus (33,5a) e ao homem (34,13);
- i) Deus livra a *vida* dos seus (33,19; 34,23) e a *vida* dos seus, por sua vez, nele espera (33,20), gloria-se (34,3).

Parece difícil que esses contatos sejam casuais. Antes denunciam certa intencionalidade. Assim, a ação de graças pelo perdão (Sl 32) e pela justiça divina que ampara e liberta o fraco (Sl 34) são manifestações do mesmo Deus que cria e cujo olhar providente governa a história. O perdão do pecador, enquanto superação do *caos* interno (Sl 32), e a libertação do justo, como superação do *caos* externo (Sl 34), são expressões da *Providência* (ou domínio régio) Divina (Sl 33), que *modela* desde dentro o coração do homem (33,15).

2.2. O contexto político-teológico

No início desta reflexão, faz-se a pergunta sobre as razões do louvor, pela ocasião histórica concreta que motivou tal hino. Todavia, definir com precisão o momento histórico

de um salmo não é tarefa fácil. Entretanto, o parentesco teológico deste salmo com Gn 1 e com o Dêutero-Isaías permite conjecturar. Ele seria do período pós-exílico – fase de reconstrução. Israel tinha visto ruir suas *instituições*, entrando numa crise teológica: vê, no fracasso, o abandono de Deus. Internamente, emergem as dúvidas: Deus mantém sua aliança, suas promessas, sua eleição? Israel continua sendo sua herança? Ele ainda olha para o que se passa na história ou tornou-se alheio à sorte dos homens? Também espiritualmente Israel faz a experiência do *caos*. Externamente, Israel, uma mera província de um grande império, tem sua existência sempre à baila. Onde encontrar forças para um recomeço? Espelhar-se na força dos grandes impérios?

O *hino* de louvor em si não requer razões pontuais, não é utilitarista nem interesseiro, é abertura generosa e gratuita. É uma forma pura e primeira de relacionar-se com Deus celebrando a grandeza e majestade dele, sua bondade e (consequente) agir na *história* humana e o esplendor da *criação*. Isso é claramente visível neste salmo. Todavia, o hino traz, evidentemente, os elementos constitutivos da fé do crente que louva. Tais elementos iluminam sua estrada. Nesse sentido, este salmo enfaticamente reafirma a Israel a fidelidade e bondade de Deus, a manutenção de sua aliança (vv. 4-5). Israel continua sendo a “herança” divina (v. 12), Deus não retirou sua eleição. Onde e como isso se deu? Deus fez Israel sobreviver ao exílio (v. 19a) e o repatria, como já fizera outrora ao retirá-lo da casa da servidão do Egito (cf. *re-leitura* de Ex 15). Mais ainda: o salmo revela um Deus que bane o *caos* não só quando cria (vv. 6-9), mas também enquanto neutraliza a força dos dominadores (vv. 10.16-17), enquanto assiste o mundo continuamente com a sua Providência (vv. 7.11.13-14.18-19) e enquanto forma o coração de cada um (v. 15). Afinal, é ele quem tem o domínio da história e nele está o princípio da vida. Israel já fez a experiência de tudo isso. Ele se sabe devedor a Deus por sua existência, seja ao sair do Egito, seja após a catástrofe de 587 a.C. Para um povo que está enfrentando as enormes dificuldades de um frágil recomeço como insignificante província de um Império

Persa de proporção mundial, aí está a resposta teológica que desafia o crente a pôr sua esperança na força divina e não se iludir com o aparato humano, por mais sedutor que seja. É Deus quem de fato conduz a história. O salmo quer oferecer seguramente um antídoto contra a resignação e a dúvida, causadas pela emergência de um quadro político.⁸⁰ Não estaria aí motivo bastante para entoar um *cântico novo*?

A autossuficiência de Israel – que negligenciava a Providência Divina – foi aniquilada pelo exílio. A volta à Aliança (Sl 33,12), mediada pelo perdão (Sl 32,1-2)⁸¹ e abrigo divino (Sl 34,9) devolve a Israel e ao ser humano o direito de ser *feliz*.

3. *Impulsos para a práxis*

No início desta reflexão, falamos da intenção de chamar a atenção para um aspecto da fé negligenciado: a confiança na Providência Divina. Assusta-nos quando o fenômeno manifesta-se também no meio eclesial. Cruzar os braços numa atitude de resignação, eximir-se de responsabilidades, pensando que Deus faz tudo, em nome da confiança na Providência, seria uma interpretação equivocada da fé. Trabalhar seguros de que não estamos sozinhos, mas que Deus precede-nos com a sua graça, é o argumento em questão. Abraão põe-se a caminho e, numa atitude de obediência e fé, faz tudo o que está a seu alcance, e então pode afirmar para o que ainda falta: “É Deus quem *proverá* ” (Gn 22,8.14). Hoje, olhando para nossa realidade eclesial, em geral, e para a Vida Religiosa, em particular, deparamo-nos facilmente com: falta de vocações ou de perseverança; relativização de valores; dificuldades econômicas; Instituições à beira da falência; problemas morais e teológicos de toda espécie; lideranças religiosas preocupadas com seu próprio projeto e bem-estar; busca da fama; uso desenfreado da mídia (particularmente a internet); preocupação desmedida com o próprio corpo e beleza; piedade intimista, quase blindada, contra a missão; apego exagerado a ritos, estruturas e Instituições, como se elas fossem a tábua de salvação; falta

de horizonte e perspectiva; falta de mística séria; perda do encanto vocacional (cf. Ap 2,4); e por aí vai. Esse quadro gera, em muitos, o pessimismo e a falta de esperança. Resignação de um lado e desespero ou “vale tudo” de outro. Voltemos ao salmo.

O rei com seu numeroso exército, o guerreiro com sua força e o cavalo com seu vigor (vv. 16-17) são paradigmas para os projetos humanos “perfeitos” e bem elaborados, instituições bem organizadas – desde o universo da política àquele mais pessoal. Eles, porém, não salvam nem podem impedir a salvação divina. Deus seria, então, contra os projetos e as instituições humanas? Deus seria contra a política? O que seria de nossas vidas, da sociedade e de qualquer grupo sem organização, sem planejamento, sem instituições? Evidente que Deus não se opõe, neste nível, ao homem. Ao contrário, conta com a inteligência humana para (que o homem possa) bem se organizar e defender a vida. A própria Escritura apresenta Deus como *rei* que promete um *messias*, uma *casa* a Davi. Ele estabelece uma tribo (Levi) para cuidar da instituição do *culto* e do *templo*. As instituições e planos humanos são instrumentos úteis e necessários. O que o salmo questiona é a base de tudo isso. O salmo pergunta pelo fundamento de nossas organizações, planos, instituições. Que princípios os movem? Qual a finalidade de nossos organismos e projetos? Ou têm fim em si mesmo? Em que medida eles concretizam o plano de Deus? Para ser mais direto: que lugar ocupam Deus e sua Providência nas nossas organizações? Ele não quer e não pode ser reduzido a uma peça decorativa. Não basta ser organismo de Igreja para estar isento do ateísmo prático. O germe do *caos*, da desordem, serve-se da ausência de Deus para tornar nossas Instituições inoperantes e impotentes para o fim a que se propõem (cf. Sl 127,1-2). Não basta nossa eficiência.⁸² Deus oferece ao homem a dádiva da inteligência e do discernimento para que a use, mas é preciso estar vigilante para que a autossuficiência não seja uma forma de esconder a falta de fé. A Providência Divina não se opõe à eficiência humana, antes quer ser a sua base, seu fundamento.

Criar e manter, isto é: *creatio prima* e *creatio continua*, manifestam o dinamismo do agir divino. Deus não criou e abandonou, mas assiste providencialmente sua criação, governa a história – por mais que as circunstâncias revelem o contrário. Deus recria e o mundo renasce a cada amanhecer. Isso provoca, por um lado, dúvida, medo, até mesmo aversão, no homem autossuficiente, quando pensa que tem de acolher cada novo dia como uma dádiva de Deus e não de si próprio.⁸³ Por outro lado, gera segurança e serenidade ao homem de fé, que se abandona à Providência Divina, seguro de que ela jamais falha (cf. Mt 6,25-34) e que, mesmo ao entardecer, vem em seu auxílio. O salmo traz consigo uma afirmação teológica fundamental: a vida está nas mãos de Deus. Não existe nem subsiste criação sem ele (cf. Sl 104,29). O homem reproduz a soberba de Adão quando é incapaz de aceitar esta dependência do dom divino da vida. Justamente aqui reside e fundamenta-se a esperança do homem e da inteira criação: saber que sua vida e existência efêmeras são asseguradas pela contínua atuação do *espírito* e da *palavra* divina (cf. Sl 33,6), que tudo renova, rejuvenesce e vivifica. Olhando sob esse prisma, o Sl 33 desmascara qualquer princípio ético que – revitalizando Adão – faz do homem a medida de si mesmo.

Alguns elementos – tão antigos e conhecidos quanto nossas instituições, mas ainda válidos – podem ajudar numa autoavaliação, capacitando-nos como instrumentos da Providência:

- a) não confundir a substância de nossos organismos ou mesmo ideais pessoais com os acessórios, não trocar as metas pelos instrumentos;
- b) poder é diferente de autoridade, e nem sempre coincidem. Poder vem-nos de nomeações ou eleições, autoridade vem da força do testemunho (cf. Mc 10,41-45);
- c) ver que lugar ocupam os menos amados deste mundo em nossas instituições e planos. É evidente que numa instituição bancária eles não têm lugar (cf. Mt 25,31-46);

- d) que postura assumem nossos projetos e nossa atuação diante de pessoas, grupos e organizações ou instituições que desumanizam?;
- e) zelo, paixão e encanto pelas coisas de Deus são incompatíveis com um mero funcionalismo sacro (cf. Jo 2,13-18);
- f) o projeto do Pai não pode ser submetido ao nosso, não é ele que está a nosso serviço;
- g) seguir Jesus mais de perto implica lavar os pés (dos outros) e não ter os pés lavados (cf. Jo 13,1-17);
- h) fascínio por Jesus supõe ver a dor humana com a mesma compaixão com que ele viu e solidarizou-se (cf. Lc 10,25-37; 6,36);
- i) vocações, e até mesmo o cêntuplo, nunca faltaram aos que fizeram da vida uma expressão da caridade e solidariedade de Cristo (cf. 1Cor 13). Basta olhar para os fundadores de Congregações religiosas;
- j) chamado e opção que não são renovados cristalizam-se, fossilizam-se, e para nada servem, é como o sal que perde o sabor (cf. Mt 5,13; Ap 2,4);
- k) nos homens e mulheres de Deus, nos homens e mulheres de fé manifestada na coerência, transparência e testemunho, está o futuro (cf. Jo 15; Mt 7,15-20).

Continuar é uma questão de fé na Providência. Acreditar que “o olho de Deus está sobre aqueles que o temem e esperam por seu amor” (v. 18) faz-nos avançar – contra todo pessimismo. A sabedoria popular também diz que “um barco é seguro ancorado no porto, mas para isso ele não foi feito”.

Referências

- ALONSO SCHÖKEL, L. *Hermenéutica de la palabra I*. Madrid: Cristiandad, 1986. *Hermenéutica bíblica* (AC 37).
- _____. *Hermenéutica de la palabra II*. Madrid: Cristiandad, 1987. *Interpretación literaria de textos bíblicos* (AC 38).

- _____; CARNITI, C. *Salmos I (1-72)*. Traducción, introducciones y comentario NBE. Estella: Verbo Divino, 1993. p. 502-511.
- AUFFRER, P. Les pensées de son coeur: Étude structurale du Ps 33. *ScE* 39 (1987) 47-49.
- BONS, E. Psalm 33,7: *nd* oder *n'd* “Deich” oder “Schlauch”? *KUSATU* 8/9 (2008) 19-32.
- DEISSLER, A. Der anthologische Charakter des Psalmes 33(32). In: *Mélanges bibliques* (André Robert Festschrift). Paris: Bloud & Gay, 1957. p. 225-233.
- GONZÁLES, A. *El libro de los salmos*. Introducción, versión y comentario. 3. ed. Barcelona: Herder, 1984. p. 167-170. (Biblioteca Herder. Sección de Sagrada Escritura 73.)
- HOSSFELD, F.-L.; ZENGER, E. “Von seinem Thronitz schaut er nieder auf alle Bewohner der Erde” (Ps 33,14). Redaktionsgeschichte und Kompositionskritik der Psalmen-gruppe 25-34. In: KOTTSIEPER, I. et al. (Eds.). “*Wer ist wie du, HERR, unter den Göttern?*” Studien zur Theologie und Religionsgeschichte Israels. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1994. p. 375-388.
- JACOBSON, D. Psalm 33 and the Creation Rhetoric of a Torah Psalm. In: FOSTER, R. L.; HOWARD, D. M. (eds.). “*My Words are lovely*”. Studies in the Rhetoric of the Psalms (LHB/OTS 467). London/New York: T & T Clark, 2008. p. 107-120.
- KRAUS, H.-J. *Los salmos I (1-59)*. Salamanca: Sígueme, 2009. p. 571-581. (BEB 53.)
- LOHFINK, N. Die Bundesformel in Psalm 33. In: LOHFINK, N.; ZENGER, E. *Der Gott Israels und die Völker*. Untersuchungen zum Jesajabuch und zu den Psalmen. Stuttgart: KBW, 1994. p. 84-116. (SBS 154.)
- RAVASI, G. *Il libro dei salmi I (1-50)*. Commento e attualizzazione. Bologna: EDB, 1984. p. 593-608.
- REVENTLOW, H. G. *Gebet im Alten Testament*. Stuttgart: Kohlhammer, 1986. p. 131-139.
- VAUX, R. *Instituciones del Antiguo Testamento*. Barcelona: Herder, 1992. (BH 63.)
- WEBER, B. *Werkbuch Psalmen I*. Die Psalmen 1 bis 72. Stuttgart: Kohlhammer, 2001. p. 160-163.
- WEISER, A. *Os salmos I*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 210-215. (GCB.)

WITTE, M. Das neue Lied – Beobachtungen zum Zeitverständnis von Psalm 33. *ZAW* 114 (2002) 522-541.

ZENGER, E. “*Es sei deine Liebe, JHWH, über uns!*” Beobachtungen zur Aufbau und Theologie von Psalm 33. In: ACHENBACH, R.; ARNETH, M. (Eds.). “*Gerechtigkeit und Recht zu üben*” (Gen 18,19). Studien zur altorientalischen und biblischen Rechtsgeschichte, zur Religionsgeschichte Israels und zur Religionssoziologie. Festschrift für Eckart Otto zum 65. Wiesbaden: Harrassowitz, 2010. p. 350-361. (BZAR 13.)

_____. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*. Psalmenauslegungen. Freiburg: Herder, 1997. p. 195-201.

_____. Die Psalmen. In: ZENGER, E. (Ed.). *Stuttgarter Altes Testament*. Einheitsübersetzung mit Kommentar und Lexikon. Stuttgart: Katholische Bibelanstalt, 2004. p. 1073-1074.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Recuperando a unidade perdida...

Na fidelidade ao carisma (da Congregação) e na “emergência” em realizá-lo, que espaço ocupam na vida pessoal e comunitária a busca e a experiência do Deus providente? É periférica ou basilar?

2. Procurando a leveza institucional...

Essa experiência do Pai providente tem-se manifestado em leveza institucional, gratuidade, abnegação e alegria de servir? Ou não há relação?

3. Sendo instrumento da Providência Divina...

A busca de conversão e conseqüente adesão às opções de Jesus como processo contínuo são ingredientes que nos aperfeiçoam como instrumentos do olhar providente de Deus. Qual é o cultivo desses elementos em mim(nós), consagrado(s)? O testemunho preocupa-me(nos) de fato?

Notas

- 1 Esta reflexão é fruto de um curso ministrado às Irmãs Beneditinas da Divina Providência em Curitiba nos dias 28-29 de dezembro de 2009 e a elas dedico-a.
- 2 Cf. WEBER, B. *Werkbuch Psalmen I*. p. 161.
- 3 Cf. ZENGER, E. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*. p. 198.
- 4 A qualidade ou tom *hínico* do salmo é claro: a) um *invitatório* tomado pela abundância semântica da esfera da louvação como *ranan*, verbo que exprime uma exuberante alegria; o verbo da *todah*, termo técnico do louvor e ação de graças; *cantar* um *cântico novo*; *louvor*; *ovação*/*júbilo* etc.; b) os instrumentos musicais *harpa* e *lira* (cf. Sl 150,3-5; 92,4 e a lira de dez cordas em 144,9); c) *os temas* não são as situações da vida do indivíduo, como ocorre nos salmos de lamento ou de ação de graças individuais (cf., por exemplo, Sl 13; 30), mas experiências básicas comuns de Israel, ou seja: Deus é louvado como Senhor do cosmo (criação), da história, como Deus de um povo. É típico do hino não se deter num determinado feito pontual divino, mas louvar o próprio Deus em seu ser e agir assim como ele deixa experienciar sua presença (cf. ZENGER, *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 197-198); d) a própria *estrutura* tripartida do hino é claramente visível neste poema.
- 5 G. RAVASI, referindo-se à lira, afirma: “Questo apparato musicale rivela la destinazione *liturgica ufficiale dell'inno*: il culto è sempre il luogo privilegiato per celebrare il Signore e le sue opere”. Cf. RAVASI, G. *Il libro dei salmi I (1-50)*. p. 596. Itálico nosso.
- 6 Cf. ZENGER, *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 198. WEBER, *Werkbuch Psalmen I*, p. 161. Cf. uso da primeira pessoa do plural na conclusão (vv. 20-22).
- 7 Cf. RAVASI, *Il libro dei salmi I (1-50)*, p. 595.

- 8 Neste salmo as três partes são claras: a *introdução* (vv. 1-3) e a *conclusão* (vv. 20-22) emolduram o *corpo* do poema (vv. 4-19). A estruturação do corpo (vv. 4-19), porém, é um tanto complexa. Para outras propostas, veja, por exemplo: AUFRER, P. Les pensées de son coeur: Étude structurelle du Ps 33. p. 47-49.
- 9 Este verbo indica um transbordamento de júbilo (cf., por exemplo: Lv 9,24; Is 14,7; 24,14; 44,23; 49,13; 52,9; 54,1; 55,12; Sl 32[31],11; 98[97],4; Jó 3,7).
- 10 O termo *ovação/júbilo* era primeiramente um grito de guerra (Ex 32,17; Js 6,5; Jz 7,20-21; 1Sm 17,20.52; Jr 4,19; 49,2; Os 5,8; Am 1,14). Usava-se para aclamar a arca (1Sm 4,5-6; 2Sm 6,15) ou a Deus, que comandava a guerra (Nm 23,21; Sf 1,14). No pós-exílio, passa a ser usado como elemento dos hinos litúrgicos das solenidades (cf. Esd 3,11), da ação de graça (Sl 27,6; 65,14; 100,1; Jó 33,26) e da procissão ao templo (Sl 95,1-2; 100,1-2). O termo passa a exaltar Deus como rei (Sl 47,2.6; 89[88],16; 95,1; 98,4.6), libertador (Is 44,23) e – porque “o dia do Senhor vem”, portanto – como juiz (Jl 2,1).
- 11 Cf., ainda, Sl 144,9; Ap 5,9; 14,3.
- 12 Is 42,10. Menos universal é o Sl 149,1 que troca a expressão “até as extremidades da terra”, de Isaías, por “assembleia dos santos”.
- 13 Cf. ZENGER, E. Die Psalmen. p. 1073.
- 14 L. ALONSO SCHÖKEL, a propósito deste verso, afirma: “Palabras y obras se pueden considerar como correlativos, o más exactamente, como un merisma” (cf. *Hermenéutica de la palabra II*. p. 74). Segundo C. WESTERMANN, “o agir de Deus e o falar de Deus formam as componentes da religião de Israel (Sl 33,4). [...] Estas duas atividades integram a ação divina no seu povo e na humanidade, conforme está resumido em Sl 33,4” (cf. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1987. p. 14).

- 15 Esta mescla de elementos cósmico-históricos torna-se a espinha dorsal do Sl 89 (cf. vv. 2-3.6.9.25.34.50).
- 16 Cf., por exemplo: Dt 32,4; Jz 5,11; Jó 37,23; Sl 11,7; 37,28; 89,15; 97,2; 99,4; Pr 8,8-9; Is 33,5; 45,19; Jr 9,23.
- 17 Cf. RAVASI, *Il libro dei salmi I*, p. 602.
- 18 Ela se fundamenta na Palavra de Deus, que é verdadeira; no seu agir, que é digno de fé; e na aliança enquanto vínculo expresso no direito, na justiça e no amor (entre Deus e o povo e entre as pessoas). Cf. Sl 89,15.16.
- 19 Assim como restabeleceu Israel após a catástrofe de 587 a.C. (cf. ZENGER, *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 199-200).
- 20 Enquanto os termos *reto* (1b.4a) e *justo* (1a.5a) fazem a conexão com a introdução, termos-chave como *palavra* (4a.6a), *terra* (5b.8a.14b) e *hesed* (5b.18b.22a) fazem o gancho com o restante do salmo.
- 21 Isto está resumido de forma simples e direta no Sl 148,5b: “ele ordenou e foram criados”. Cf. ainda Jt 16,14: “Sirva a ti toda a criação. Porque disseste, e os seres existiram, enviaste teu espírito, e eles foram construídos e não há quem resista à tua voz”. Cf., ainda, 2Pd 3,5.
- 22 Retomando o pensamento de L. ALONSO SCHÖKEL e C. CARNITI, as palavras são emissões de alento, de hálito. É preciso respirar para seguir falando, isto é: alento e palavra são gêmeos e esta experiência da vida humana é projetada em Deus (cf. *Salmos I*, p. 507).
- 23 Este elemento (Deus rei) é corroborado pela referência à habitação régia de Deus: “dos céus” (v. 13a) e “do lugar de sua habitação” (v. 14a). Segundo H.-J. KRAUS: “Las imágenes, impregnadas de conceptos míticos, ilustran intuitivamente la manera soberana en que Yahvé vence a los poderes arquetípicos del caos. De manera análoga, el Deuterocanónico describe el poder de Yahvé, que se sobrepone a todo el mundo: Is 40,12ss” (cf. *Los salmos 1-59*, p. 575).

- 24 A combinação de ambos os temas (*criação e êxodo*) ocorre em Is 51,9; Sl 66,5-6; 135,6-9; 13,4ss. Sobre isso e sobre as dificuldades ou possibilidades de tradução do v. 7a, cf.: BONS, E. Psalm 33,7: *nd* oder *n'd* “Deich” oder “Schlauch”? p. 21-23. Cf. também: WITTE, M. Das neue Lied – Beobachtungen zum Zeitverständnis von Psalm 33. p. 527.
- 25 Cf. vv. 3a.6a.9a.11a.14a.20a.24a.26a.28a.29a; Sl 33,9a.
- 26 Cf. vv. 3b.6b.9b.11b.15b.20b.24b.30b; Sl 33,9.
- 27 Segundo L. ALONSO SCHÖKEL, a criação do mundo é explicada “según el modelo de una voluntad soberana que se objetiva en forma de palabra eficaz: Sal 33,9 ‘Él lo dijo, y existió; él lo mandó, y surgió’. Según Gn 1, la palabra es primero llamada a la existencia, vocación; después imposición de nombre que fija el ser diverso de las criaturas. El orden cósmico aparece así como un orden de lenguaje, de lenguaje divino en términos humanos. Además, el dinamismo intrínseco de los seres vivos está transmitido en palabra imperativa de bendición: ‘creced, multiplicaos, dad fruto’. Así, la palabra de Dios, como hecho histórico – no natural ni cíclico –, introduce la creación del mundo en el contexto de la historia de salvación” (cf. *Hermenéutica de la palabra I*. p. 109).
- 28 Cf. *fazer*, vv. 7a.16a.25a.26a.31a; 2,2a.2b.3b.4b; cf. Sl 33(32),6a.
- 29 Cf. vv. 4a.10b.12b.18b.21b.25b.31a.
- 30 Cf. Sb 9,1b; Eclo 42,15b.
- 31 Cf., ainda, Sl 29; 104 e Jó 38-41.
- 32 Além dos elementos já apresentados, o v. 6 evoca, sobretudo, o segundo e o quarto dia da criação: o céu e o que há nele (cf. Gn 1,6-8.14-19; 2,1). Para o exercício celeste, veja, por exemplo: Sl 8; 18,16; 19(18); 31,6; 103,20-21; 104; 147; 148,5; Is 34,4; 40,12.26; 42,5.26; 44,24; 45,12.18; Jr 10,12; 33,22.25; Jz 5,20. Certamente,

o v. 6 é, sobretudo, uma resposta aos babilônicos, que cultuavam os astros como deuses. O salmo, assim como Gn 1 e Sb 13,2-3, mostra que eles são meras criaturas, guiadas pelo verdadeiro Deus (e por isso) chamado de “Senhor/Deus dos exércitos”.

- 33 Quanto ao domínio das águas – e monstros marinhos, personificações míticas do *caos* – por parte de Deus, veja, por exemplo: Jó 7,12; 9,13; 26,12; 38,8-11.22; Sl 89,10-13; 104,6-9.13; 135,7; Pr 8,29; Eclo 39,17; 43,14; Is 27,1; 40,12-13; Jr 5,22; 10,13. O Sl 33,7 evoca não apenas o terceiro dia da criação (Gn 1,9-10), mas toda a questão do *caos* das águas – no relato da criação – dominado por Deus para fazer emergir a ordem.
- 34 Tratando destes versos, A. WEISER define *temor* como “a atitude de *levar Deus absolutamente a sério* como realidade que tudo cria” (cf. *Os salmos*. p. 213). Itálico nosso.
- 35 Insistimos aqui na importância de ter presente a função dos participípios.
- 36 Cf. JACOBSON, D. Psalm 33 and the Creation Rhetoric of a Torah Psalm. p. 113.
- 37 Este termo faz a moldura dos discursos de Deus a Jó (38,2; 42,3), na assim chamada *teofania*.
- 38 Cf. Is 55,8-9. A intuição básica dos vv. 10-11 será desdobrada nos vv. 16-17.
- 39 Israel como *herança* de Deus é elemento basilar da fé no pensamento deuteronomista (cf. Dt 4,7.20.32-40; 7,6-7; 9,26.29; 10,15; 14,2; 33,29). É base também da teologia da aliança sinaítica (Ex 19,5-6). Aparece, ainda, nos profetas, sublinhando a gratuidade do amor divino, não obstante a infidelidade humana (Is 19,25; Jr 10,16; 12,7-9; Mq 7,14. Cf., ainda, Is 41,8-9; 44,1-2). Ocorre também nos salmos: 68,10; 74,2; 78,62.71; 106,5 (cf. RAVASI, *Il libro dei salmi I [1-50]*, p. 605).
- 40 O plano divino é eficaz. Cf. Pr 19,21; Is 14,24-27.

- 41 Cf. Is 14,24-27; 44,25; Sl 94,11; 146,3-4; 1Cor 1,19.
- 42 Cf. Sl 14,1; 53,2; Is 30,1.
- 43 Evidentemente, esta é uma conjectura nossa, uma vez que o salmista não dá explicação.
- 44 Esta *beatitude* parece ser uma aplicação coletiva daquela do Sl 1,1-2.
- 45 A perspectiva internacional ou universalizante do salmo é clara e confirmada pelos vv. 8.13.14-15.
- 46 Segundo RAVASI, os vv. 10-15 são divididos pela *bem-aventurança* encravada no meio (v. 12), a qual trata da eleição de Israel. De um lado, aborda-se o tema do plano divino iluminado antiteticamente pelos frágeis projetos humanos (vv. 10-11) e, de outro, exalta-se a visão universal e perfeita de Deus (vv. 13-15) contrapondo-a implicitamente àquela limitada e imperfeita do homem. No centro, a eleição de Israel (v. 12) faz compreender a qualidade histórica deste projeto-visão. Canta-se, portanto, a função histórica da palavra divina, isto é: a palavra histórica providente (cf. *Il libro dei salmi I [1-50]*, p. 598). De forma semelhante, N. LOHFINK afirma que o salmo apresenta um total de 161 palavras, sendo que a *bem-aventurança* é a palavra de número 81. Trata-se da palavra com a função de *cunha* que divide o salmo em duas grandes partes (cf. *Die Bundesformel in Psalm 33*, p. 96-97).
- 47 Segundo LOHFINK, “no saltério não existe uma citação da fórmula da Aliança em sentido estrito. Mas formulações que a evocam e seguramente fazem alusão a ela ocorrem em três lugares: Sl 33,12; 95,7 e 100,3” (cf. *Die Bundesformel in Psalm 33*, p. 85) – a tradução é nossa. Essa fórmula da Aliança é única por ser introduzida por uma *bem-aventurança*, que por sua vez encontra-se no ponto alto do poema (*Die Bundesformel in Psalm 33*, p. 103). Na vivência da Aliança está a felicidade daquele que crê.

- 48 “Eles serão o meu povo” corresponderia a “Feliz o povo que ele escolheu como herança” (v. 12b), enquanto “eu serei o seu Deus” corresponderia a “Feliz a nação que o Senhor é seu Deus” (v. 12a). Cf., ainda, Ex 6,7; Lv 26,12; Dt 26,17-19; 29,12.
- 49 Cf. Gn 1,4a.10b.12b.18b.21b.25b.31a. *Ver*, aqui, tem a conotação de *apreciar*.
- 50 De fato, Deus “tinha ouvido a sua aflição” (Gn 16,11b; cf. v. 6b; cf. Sl 102,20-21; Lm 2,20; 5,1). No Ex 2,23-24, o povo gemia sob o peso da escravidão e Deus *viu* (v. 25). Ele *vê* a miséria (Ex 3,7.9) e desce para libertar (v. 8), enviando Moisés para essa tarefa (v. 10). Aqui, *ver* é *assistir, socorrer, libertar* – romper com a indiferença.
- 51 Sua habitação celeste e seu *ver* (cf. 1Rs 8,39.43.49; Jó 28,24; Sl 14,2; 102,20-21; 113,6; 104,32a). Ele *vê* (conhece) o coração (cf. 1Rs 8,39; Pr 15,11; 24,12) e *observa* o proceder (Pr 34,21-22).
- 52 Exatamente estas duas raízes ocorrem juntas também em Hab 1,13: “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver (*har*) o mal e a opressão não podes contemplar (*fbn*)...”. Cf., ainda, Sl 22,18; 80,15; 84,10.
- 53 O TM diz que “plasma o coração de todos juntos”, o que sugere uma atuação ou conhecimento geral do gênero humano da parte de Deus, enquanto a *Septuaginta* e a *Vulgata* leem “de cada um”, sublinhando a dimensão pessoal e direta do conhecimento que Deus tem de cada indivíduo. Na verdade, esses dois aspectos não são excludentes, mas complementares (cf. RAVASI, *Il libro dei salmi (1-50)*, p. 606).
- 54 Para algumas ocorrências do verbo *plasmare*, *modelar*, cf.: Gn 2,7-8.19; Sl 74,17; 94,9; 95,5; 104,26; Is 22,11; 27,11; 43,1.7.21; 44,2.21.24; 45,7.11.18; 46,11; 49,5; 64,7; Jr 1,5; 10,16; 18,6.11; 33,2; 51,19; Am 4,13; 7,1; Zc 12,1. Por *consciência humana* entendemos a função atribuída ao *coração* na antropologia bíblica.

- 55 Cf., por exemplo, as raízes *ver* e *formar* em 139,16.
- 56 Cf. WEBER, *Werkbuch Psalmen I*, p. 162.
- 57 Cf. ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, *Salmos I (1-72)*, p. 509-510. Aliás, aí está – na palavra que se faz ato – o sentido do *dabar* bíblico.
- 58 Cf. ALONSO SCHÖKEL, *Hermenéutica de la palabra II*, p. 77.
- 59 Sobre estes dois versos escreve D. JACOBSON: “Os vv. 16-17 são os únicos na qual Javé não é ativo ou mencionado. Esses versos negativos são, sem Deus, exatamente como pessoas que confiam em falso poder são elas mesmas sem Deus. Elas escolheram isolar-se da verdade mediante enganadora autoconfiança e assim a verdade de Deus, aliás Deus mesmo, é ausente” (cf. Psalm 33 and the Creation Rhetoric of a Torah Psalm. p. 116-117) – tradução nossa.
- 60 Cf. VAUX, R. de. *Instituciones del Antiguo Testamento*. p. 141-143 (sobre a monarquia); p. 150ss (sobre o rei); p. 291ss (sobre o exército); p. 112.300.329 (sobre o guerreiro); e p. 302-305 (sobre o cavalo).
- 61 Mesmo o rei e a monarquia instituídos por Deus – no caso de Israel – estão fadados ao fracasso se seus planos não correspondem mais ao projeto divino.
- 62 Cf. Is 31,1,3 (cf., ainda: 30,15-17); Jr 46,3-5; 50,36; 51,21-22; Ez 17,15; 39,18-19; Mq 5,9; Os 1,7; 14,4; Ag 2,23; Zc 9,10.
- 63 Cf. Sl 20,8-9; 44,4-5.7-8; 60,12-13; 118,8-9; 144,10; 146,3-4; 147,10-11; Pr 21,30-31.
- 64 Cf. 1Sm 17,45.47. Cf. Pr 21,31(cf. RAVASI, *Il libro dei salmi (1-50)*, p. 606).
- 65 Cf. Dt 20,1; Pr 16,1.9; 19,21.
- 66 Como afirma RAVASI: “[...] *Pocchio di Jahweh*, [é] simbolo antropomorfo della provvidenza divina” (cf. *Il*

libro dei salmi (1-50), p. 607). Sobre o *olho* de Deus, cf. Jó 7,8; Sl 32,8; 34,16; 66,7; 94,9; 116,15; 132,2; Eclo 15,19; 17,19; Pr 15,3; Jr 16,17; 32,19.

- 67 Frases que indicam uma finalidade ou objetivo a ser atingido. Neste caso, temos: finalidade.
- 68 Cf. ZENGER, *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 197.
- 69 Obviamente, o *temor* bíblico não pode ser reduzido a medo nem a piedade moralista e fundamentalista, mas a adesão madura, respeitosa e amorosa a Deus e seu projeto libertador e salvador. É a opção de quem faz de Deus o fundamento da vida.
- 70 Sobre a fome e a morte (*Sheol*), cf., por exemplo: Gn 12,10; 26,1; 41,30-31; Ex 16,3; Dt 32,24; 2Sm 21,1; 24,13; 2Rs 4,38; 6,25; Jó 5,20; 18,12; Sl 16; 34,10-11; 37,19; Pr 1,12; 10,3; 13,4; Is 5,14; Jr 5,12; 11,22; 14,12; 18,21; 21,7-9; Lm 5,9-10; Ez 5,2; 6,11-12; Ab 2,5.
- 71 O verbo (*libertar*) negativo passivo no v. 16 é transformado num ativo no v. 19. Além disso, o v. 17 (da primeira opção) e o v. 18 (da segunda) aparecem unidos em 147,10-11.
- 72 Diferente do Sl 33, que louva o próprio Deus no seu ser e agir, o Ex 15 canta uma atuação pontual de Deus, assim como fora em parte com Gn 1. Todavia, como *Deus no seu ser e agir* poderia ser conhecido pelo homem sem suas atuações pontuais no concreto da vida? Quanto à relação entre o Sl 33 e Ex 15, pode ser vista a partir dos seguintes elementos: o rei/faraó (v. 16a; Ex 15,4.19); o exército (v. 16a.17b; Ex 15,4a) e o cavalo (v. 17a; Ex 15,1.21); a atuação do *vento* divino (v. 6; Ex 15,8.10); o domínio das águas (v. 7; Ex 15,8.10. 19); atuação *amorosa* de Deus para com o povo (v. 5.18.22; Ex 15,13); Israel como herança de Deus (v. 12; Ex 15,17); a afirmação: “O Senhor desfaz o plano das nações e frustra o projeto dos povos” (v. 10) encontra na sorte do Egito um exemplo

clássico (Ex 15); a habitação de Deus (v. 14a; Ex 15,17a); a apresentação de Deus como rei exercendo seu domínio (sobretudo em: vv. 6-9.13a.14a; Ex 15,18) etc.

- 73 Cf. RAVASI, *Il libro dei salmi (1-50)*, p. 607-608. O termo *hesed* aparece ainda no v. 5b. Encontramos também os termos *vida/nefesh* (vv. 19.20) e *coração* de Deus (v. 11b) e do homem (vv. 15.21). Elementos que reforçam o vínculo corpo-conclusão do poema.
- 74 Em algumas traduções, lê-se: “Quanto a nós, nós esperamos pelo Senhor”. Esse “quanto a nós” resgata o senso oferecido pela posição inicial enfática do sujeito e reforça a ideia de *decisão* (cf., por exemplo: a *Bíblia de Jerusalém*, a *Edição Pastoral*, assim como WEISER (*Os salmos I*, p. 211).
- 75 A raiz (*alegrar-se*) utilizada aqui evoca a festa da *dedicação* da muralha de Jerusalém (Ne 12,43), etapa importante na reconstrução do povo. Ali a raiz aparece 5x num único verso.
- 76 Deus como *auxílio* é aquele que atua nas necessidades da vida humana cotidiana e como *escudo*, é aquele que protege os seus contra os inimigos. No saltério, esses dois pensamentos aparecem juntos nos Sl 28,7 e 115,9-11. Além disso, *escudo* aparece nos Sl 3,4; 7,11; 18,3.31.36; 59,12; 84,10.12; 119,114; 144,2. E a raiz (*auxílio*), aplicada a Deus, aparece nos Sl 10,14; 20,3; 30,11; 37,40; 46,6; 54,6; 70,6; 79,9; 86,17; 102,26; 118,7.13; 119,173.175; 121,2; 124,8; 146,5. Em Dt 33,29, há uma *bem-aventurança* aplicada a Israel e fala-lhe do Senhor como “o escudo do teu socorro”. Ora, Israel sabe muito bem disso. É como se o salmista pronunciasse a *bem-aventurança* (v. 12) e o povo respondesse na conclusão “sim, ele é nosso auxílio e escudo”.
- 77 Para o *Nome Santo*, cf., por exemplo: Sl 103,1; 105,3; 106,47; 138,2; 145,21; Ez 20,39; 36,20.21.22; 39,7.7.25; 43,7.8; Am 2,7.

- 78 Cf. ZENGER, *Die Psalmen*, p. 1074.
- 79 Cf. WEBER, *Werkbuch Psalmen I*, p. 162. HOSSFELD, F. L.; ZENGER, E. “Von seinem Thronstiz schaut er nieder auf alle Bewohner der Erde” (Ps 33,14). *Redaktionsgeschichte und Kompositionskritik der Psalmen-gruppe 25-34*. p. 386-387.
- 80 Cf. ZENGER, *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 201.
- 81 A relação entre Aliança (herança) e perdão dos pecados é visível em Ex 34,9.
- 82 Nem mesmo na vida física resolve-se tudo com a eficiência ou a autossuficiência: podemos comer, mas não podemos despertar o apetite. Podemos ir para cama, mas nossa eficiência não é suficiente para termos o sono.
- 83 Diversa é a atitude do crente (Sl 90,14; 143,8).